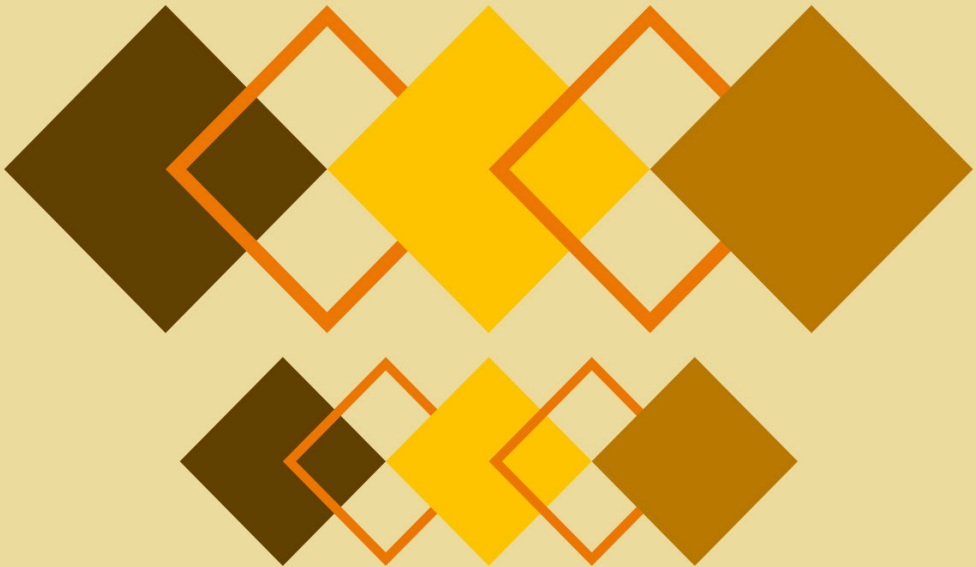




Rfb
Editora

PERSPECTIVAS
EDUCACIONAIS: A
EDUCAÇÃO NA
CONSTRUÇÃO DE UMA
SOCIEDADE PRÓSPERA



Andrew Vinícius Cristaldo da Silva
Juliana Teixeira da Silva

**PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS:
A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO
DE UMA SOCIEDADE PRÓSPERA**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de
responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-SemDerivações
4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)
Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA
Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP
Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar
Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA
Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL
Prof.^a Dr^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA
Prof.^a Dr^a. Dayse Marinho Martins-IEMA
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof.^a Dr^a. Elane da Silva Barbosa-UERN
Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Andrew Vinícius Cristaldo da Silva
Juliana Teixeira da Silva

PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS: A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PRÓSPERA

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
91 98885-7730

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12, Nazaré, Belém-PA,
CEP 66035065

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza

Diagramação

Worges Editoração

Revisão de texto e capa

Autores

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos

Produtor editorial

Nazareno Da Luz

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
Elaboração da Editora



P467

Perspectivas educacionais: a educação na construção de uma sociedade próspera /
Andrew Vinícius Cristaldo da Silva, Juliana Teixeira da Silva. – Belém: RFB, 2023.

Livro em PDF

154 p.

ISBN 978-65-5889-546-6

DOI 10.46898/rfb.73d448a3-56a4-4be8-b645-d0ef9d629813

I. Perspectivas educacionais. I. Silva, Andrew Vinicius Cristaldo da. II. Silva, Juliana
Teixeira da. III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

I. Educação.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
CAPÍTULO 1 O PROCESSO DAS PESQUISAS E AS PESQUISAS EDUCACIONAIS	9
CAPÍTULO 2 JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO AOS PRIVADOS DE LIBERDADE	25
CAPÍTULO 3 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AULA DO COMPONENTE CURRICULAR PROJETO DE VIDA, EM DOURADOS, MS	35
CAPÍTULO 4 O GRITO SEM NOME EM “NA ESCURIDÃO, AMANHÃ”	43
CAPÍTULO 5 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE BIOLOGIA COMO SUBSÍDIO PARA PROMOVER A RESSOCIALIZAÇÃO NO PRESÍDIO ESTADUAL DE DOURADOS - PED/MS	59
CAPÍTULO 6 TERENOS - MATO GROSSO DO SUL: DA HISTÓRIA DE DISTRIBUIÇÃO DE TERRAS A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA	69
CAPÍTULO 7 A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO EMANCIPADORA DO ACADÊMICO.....	81
CAPÍTULO 8 A FILOSOFIA DA MÚSICA DE ADORNO.....	95
CAPÍTULO 9 O CHAMADO A SER SUJEITO: UMA ANÁLISE DAS NOVAS PEDAGOGIAS E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO ENSINO RELIGIOSO.....	117

CAPÍTULO 10	
VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO	135

APRESENTAÇÃO

Bem-vindo a todos! É um prazer estar aqui hoje para apresentar um livro que aborda perspectivas educacionais inovadoras. Nosso objetivo com essa obra é explorar novas abordagens no campo da educação e fornecer insights valiosos para educadores, estudantes, pais e todos os interessados no processo educacional.

Este livro foi escrito em resposta aos desafios enfrentados pela educação em um mundo em constante evolução. Vivemos em uma era de rápidas mudanças tecnológicas, transformações sociais e novas demandas no mercado de trabalho. Nesse contexto, é fundamental repensar as práticas educacionais tradicionais e buscar abordagens mais eficazes e relevantes para preparar os alunos para o futuro.

Em suas páginas, você encontrará uma ampla gama de perspectivas educacionais que desafiam os modelos convencionais de ensino. Nossos autores são especialistas renomados, pesquisadores e profissionais experientes que compartilham suas ideias, teorias e práticas inovadoras.

O livro aborda temas como aprendizagem baseada em projetos, personalização do ensino, ensino religioso, abordagens colaborativas, desenvolvimento de habilidades socioemocionais, políticas educacionais e muito mais. Cada capítulo apresenta uma perspectiva única, respaldada por pesquisas e casos reais, fornecendo uma visão abrangente do potencial transformador da educação.

Nossa intenção não é propor uma única solução ou modelo educacional definitivo, mas sim inspirar a reflexão e a discussão sobre as possibilidades de mudança. Reconhecemos que não existe uma abordagem única que se aplique a todas as situações ou contextos educacionais. Portanto, é importante considerar essas perspectivas

como pontos de partida para a construção de um sistema educacional mais inclusivo, adaptável e eficaz.

Ao ler este livro, encorajamos você a refletir sobre sua própria prática educacional e considerar como as perspectivas apresentadas podem ser aplicadas em seu contexto. Afinal, o processo de melhoria da educação depende do esforço coletivo de educadores, pesquisadores, formuladores de políticas e comunidades em geral.

Esperamos que este livro seja uma fonte de inspiração e provocação para todos aqueles que se preocupam com o futuro da educação. Agradecemos por estar aqui hoje e esperamos que você aproveite essa jornada de descoberta e aprendizado sobre perspectivas educacionais inovadoras. Obrigado!

Professor Andrew Vinícius Cristaldo da Silva

CAPÍTULO 1

O PROCESSO DAS PESQUISAS E AS PESQUISAS EDUCACIONAIS

Maria Cicera Ferreira¹

¹ Mestre em Educação (PROFEDUC) Universidade Estadual de Educação. Graduada em Pedagogia e Pós Graduada em Psicopedagogia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Professora do Atendimento Educacional Especializado (SEMED/ Campo Grande- MS).

Resumo: O texto busca contemplar as principais ideias referente aos textos apresentados na disciplina “Teoria do Conhecimento” e fazer uma reflexão sobre o processo das primeiras impressões sobre a pesquisa e das contribuições destas no campo educacional até a menção das pesquisas nas Leis da Educação. O conhecimento é o resultado das pesquisas, registros e questionamentos levantados pelos filósofos e historiadores no decorrer da história do mundo. A filosofia registrou as primeiras impressões, questionando e refletindo sobre os fatos daquele período, logo nos dias atuais temos como resultados dessas indagações a pesquisa. Toda pesquisa deve seguir um projeto, normas e ter como base uma perspectiva teórica. Não podemos deixar de explicitar os fatos da atualidade, as diferenças de classes que refletem nas escolas públicas brasileiras. Apesar das pesquisas educacionais no país contribuir com os avanços da educação, ainda não é reconhecida e valorizada. No Brasil falta incentivo para professores da rede pública ir além do chão da escola e tornar professores pesquisadores .

Palavras -chave: Pesquisa , Educação e Política Educacional .

INTRODUÇÃO

O conhecimento produzido no Brasil e no mundo é o resultado das pesquisas e dos questionamentos já feitos pelos filósofos, pesquisadores e os registros dos historiadores. Pesquisar é apresentar dados e informações antes desconhecidas. Os filósofos buscavam a verdade para fundamentar a filosofia. Descartes (1937) menciona que procurar a verdade nas ciências é conduzir a razão. As pesquisas de uma forma geral são responsáveis pela transformação do mundo, essas transformações são visíveis quando recapitulamos alguns anos atrás, que vivíamos sem vacinas, tecnologia, equipamentos e até mesmo as informações que eram precárias e demoradas. Naquele

período a educação não chegava para todos, professores adquiriam o conhecimento e repassavam o conhecimento nas escolas. Só obtinham o conhecimento quem tinha acesso as escolas. A pesquisa também transformou a educação no decorrer da história, fundamental para mudarmos o cenário atual da educação pública oferecida para a população de baixa renda no Brasil.

Mesmo detectando essas mudanças e transformações no século (XXI), dos avanços tecnológicos e de como as pesquisas beneficiaram e facilitaram as atividades em todos os setores, ainda o conhecimento e as informações não chegam a todos. Estamos vivendo na era tecnológica, podendo assim acompanhar grandes transformações em curto espaço de tempo, principalmente depois do processo de globalização e popularização de diversas tecnologias, tudo se transforma muito rápido e principalmente as informações chegam quase que simultaneamente para as pessoas nas redes sociais. Ainda não podemos constatar avanços significativos nas escolas públicas do Brasil.

O estudo referente às primeiras pesquisas e conhecimento foram apresentado pelos filósofos. A filosofia é a base de toda a pesquisa, todo pesquisador é observador e tem um olhar diferente sobre tudo , ele faz uma leitura do mundo de uma forma mais ampla e detalhada, questiona o porque das mazelas do mundo e buscam respostas. Assim, como Platão mencionou em seu livro a república que é preciso sair da caverna para compreender o que se passa do lado de fora, vivenciar e ter um discurso sobre o momento e sua perspectiva. Os filósofos apresentam sabiamente que quanto mais o ser humano sabe ele nada sabe, as pesquisas e os avanços das pesquisas ampliam possibilidades e apresentam soluções para muitos dos problemas do mundo. Estudos apontam que a ciência não existia até o século XVIII, conforme Silvio Gallo (2006, p. 557

) “Existiam saberes, existia, se vocês quiserem, a filosofia. antes do século XVIII e os filósofos foram indagando e registrando o passavam em determinados períodos. Até mesmo os filósofos não tinham o conhecimento, recursos, tecnologias e os referenciais teóricos que temos atualmente, seus registros eram baseados na observação e suas experiências . E conforme foram avançando as pesquisas que vão além do empirismo, dos questionamentos e problemas levantados, que buscam a verdade e devem ser constatadas e certificadas no decorrer do processo até o resultado por meio de registros e evidencias. Os pesquisadores seguem normas, uma ou mais linhas de pesquisa ou perspectiva teórica. Ao projetar a pesquisa o pesquisador já tem como base o referencial teórico, mesmo que a pesquisa converse com alguns referenciais teóricos ligados a determinada perspectiva, o pesquisador não daria conta de todos os estudos teóricos e metodológicos dentro do seu projeto de pesquisa, é necessário definir e alinhar o projeto a sua perspectiva teórica .

Na disciplina “Teoria do Conhecimento” do doutorado na Universidade Católica Dom Bosco, observamos que mesmo depois do pesquisador finalizar a pesquisa de mestrado no campo da educação, apresentam dúvidas quanto as perspectivas, mesmo porque os problemas da educação no Brasil é crítico, tem reflexos culturais, de classe e ainda um fenômeno chamado corrupção em que tem travado a melhoria e avanços da educação e da população brasileira. Essas questões também aparecem na pesquisa já que a política define o rumo da educação brasileira. No Brasil temos problemas muito sérios relacionados aos partidos políticos de como esses partidos se movimentam em seus próprios interesses partidários e de uma pequena minoria chamada elite ou classe A, como O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) classifica e não dos interesses da nação brasileira. Para David Hume (1748, pg. 75) Nada é mais

usual entre autores, quer se ocupem questões morais, políticas ou físicas. Mesmo que o pesquisador faça opção por uma perspectiva ainda conversamos com outras perspectivas que permitem entender esses fatos e questões que permeiam as pesquisas.

Observamos que as pesquisas que tratam da educação no Brasil dão ênfase para referencial teórico de outros países, assim como Alemanha citada sempre na perspectiva marxista, também precisamos dar importância maior para os estudos já feitos principalmente referente à educação brasileira, nos aproximar mais dos problemas da educação brasileira, mencionados nas obras dos teóricos brasileiros e debater no meio dos pesquisadores e futuros professores. Dermeval Saviani (2017), quanto a recepção de Gramsci na educação brasileira, cita alguns pontos de contato e aproximação do que acontece no Brasil que já foi realidade em outros países, mas que atualmente esses problemas já foram superados, citando que precisamos abandonar o conformismo para iniciarmos o transformismo. Analisar os acontecimentos em outros países, buscar a transformação da realidade da educação pública brasileira, comparar o passado com o que está acontecendo atualmente, buscar respostas no que já foi superado e o que ainda trava os avanços tanto na pesquisa quanto na educação pública do Brasil. As pesquisas no campo da educação deve buscar autonomia para desenvolver seus projetos, como destaca René Descarte (2009) “Existem mais perfeições nas obras em que um arquiteto tenha desenhado do que vários façam reformas” nas teses não pode existir a dúvida,

...devemos seguir as mais prováveis; e, ainda que não notemos mais probalidades numa que nas outras, mesmo assim devemos nos determinar por algumas, e considerá-las depois, não mais como duvidosas, no que diz respeito à prática, mas como verdadeiras e muito certas, por que a razão que a isso nos determinou o é. (DESCARTE, 2009, p.47)

O pesquisador é autor de sua pesquisa, com base em pesquisas anteriores como estudo que incluem todo o conteúdo já produzido no decorrer da história do mundo, é necessário investigar e fazer um estudo de como foi a trajetória para identificar os caminhos que já percorremos até os dias atuais, mas não para justificar os fatos e resultados. O referencial teórico é a base e não o trajeto que a pesquisa vai percorrer, toda pesquisa é inédita e o seu resultado pode até debater com o referencial, mas nunca os fatos ou resultados serão os mesmos. A intenção da pesquisa deve estar formulada em um projeto de pesquisa como todo o processo o que pesquisar, como pesquisar e os objetivos.

O pesquisador tem uma responsabilidade enorme com a sociedade e com a pesquisa. Toda pesquisa tem um compromisso com a sociedade de produzir o conhecimento referente aos problemas apresentados e de levantar os dados, relatar o que está acontecendo e o porque da situação. Uma pesquisa referente à educação, a escola, a comunidade escolar, o trabalho desenvolvido no ambiente escolar, traz muitas informações de extrema complexidade e mesmo assim, não se dá a devida importância para os resultados. Ainda não existe uma articulação para que as pesquisas educacionais possam ser o ponto inicial das políticas públicas para sanar os problemas educação pública brasileira .

Nos dias atuais vivemos um momento pandêmico COVID 19 desde o ano 2019 que iniciou em Whuran , na China e as primeiras vacinas aprovadas foram desenvolvidas em menos de um ano e foram aplicadas para combater o vírus, assim devem ser as pesquisas no campo educacional , investigar para conter os problemas educacionais no país, agir no problema, não apenas identificar o problema, mas buscar soluções para os problemas apresentados. A escola é um grande laboratório e também forma futuros pesquisadores e deve

estar preparada para receber os pesquisadores e formar os futuros pesquisadores. As escolas públicas e universidades precisam ter uma aproximação maior, para expandirem as pesquisas e estarem abertas uma para outra, as escolas abertas para universidades e a universidades abertas para escola no compromisso de melhorar a educação pública brasileira.

A pesquisa tem avançado de uma forma tão rápida com a tecnologia e os recursos eletrônicos que são rapidamente substituídos por outros mais avançados. É por meio da pesquisa que o mundo tem se transformado no decorrer do tempo e facilitado a vida dos seres humanos. A escola é o primeiro campo de pesquisa que forma os futuros pesquisadores e intelectuais. Apesar da transformação que a tecnologia tem apresentado no mundo, não observamos esses avanços dentro do ambiente escolar, principalmente nas escolas públicas brasileiras. Seguimos o mesmo modelo de escolas do passado e o formato, mesmo com os avanços das pesquisas e os resultados apontando que o conhecimento está disponível em várias plataformas, que as informações chegam para todos de diversas formas, a escola pública, não tem apresentado uma nova forma de ensinar para as futuras gerações.

Apesar da rapidez das transformações e das pesquisas ter avançado no decorrer da história do mundo devido as tecnologias, as pesquisas no campo educacional tem apresentado que a educação pública no Brasil não tem acompanhado esse desenvolvimento e que as escolas não estão equipadas com esses recursos tecnológicos. Os resultados das pesquisas no campo educacional apresentam avanços e conquistas em passos lentos, por meio das lutas travadas no decorrer da história.

A escola pública no Brasil tem refletido as diferenças de classes, podendo identificar a desigualdade social da seguinte forma,

escola pública para a população de baixa renda e escola particular para a classe com maior aquisição financeira. A educação oferecida nesses dois ambientes é diferenciada. Apesar da escola pública ser o único local transformador das famílias de baixa renda, fazendo esse estudo comparativo, teremos uma lacuna e uma resposta para o que é de fato um exemplo de diferença de classe. Podendo constatar que o conhecimento é poder e as escolas particulares estão empoderando seus alunos (elite) e as escolas públicas reproduzindo e conduzindo a população de baixa renda para o mercado de trabalho para servir o sistema capitalista com baixos salários. Marx (1968) procurava mostrar como se formou a burguesia, atualmente por meio da realidade das escolas públicas no Brasil, podemos evidenciar como vivem as crianças da periferia, marcadas pela desigualdade social. As pesquisas tem contribuído para construção das políticas educacionais e na construção inacabada de uma educação inclusiva e de qualidade para todos.

As pesquisas educacionais têm apresentado avanços e estão incluídas nas leis brasileiras de educação, como no Plano Nacional de Educação Lei 13.005/2014, que apresenta em suas metas, estratégias para avançar nas pesquisas e oportunizar que educadores se tornem pesquisadores, mas não são cumpridos os prazos estabelecidos das metas e estratégias. Um outro problema grave no Brasil é a falta de fiscalização do cumprimento das Leis educacionais.

Muitos dos problemas da sociedade brasileira são refletidos na escola pública é preciso preparar e estruturar as escola para dar uma resposta e até mesmo solucionar esses problemas que provavelmente vão resultar em uma sociedade melhor para todos . O Brasil é um país rico e tem uma população que trabalha e luta pelos direitos, mas as diferenças sociais são ainda um agravante como foi na Alemanha, os países desenvolvidos teve e tem a educação como base de mudança e

transformação, mesmo sendo um processo longo e de investimento a educação é o caminho mais curto para o desenvolvimento de um país.

Temos acompanhado no decorrer da história do Brasil desde o seu descobrimento que nunca foi dada a devida importância para a educação e que nunca a educação dominou ou influenciou a política no país, assim como a igreja católica e os militares já tiveram sua parcela de participação nas decisões políticas e na educação brasileira. Mas a educação e seus principais atores docente e discentes nunca estiveram no comando da própria educação, muito menos da política do país, pelo contrário não tem voz e excluída das principais decisões mesmo quando a pauta é sobre decidir os rumos da educação brasileira. Os educadores e as comunidades das escolas públicas do Brasil ainda não conseguem articular e perceber o poder que representam .

O mundo tem apresentado mudanças extraordinárias de transformações, a ciência tem evoluído tanto que as informações são instantâneas, a tecnologia vem dominando o espaço e a escola pública continua a mesma, as mesmas formas de ensinar, as mesmas metodologias pouco evoluíram. A educação responsável por todo conhecimento que tem facilitado a vida das pessoas com equipamentos e tecnologia de ponta, não recebe o retorno do conhecimento transmitido. As escolas não são atrativa e não é mais o único ambiente que oferece o conhecimento, mas é necessária para mediar e canalizar as informações e principalmente amenizar as diferenças sociais.

A escola está se distanciando de como e o que ensinar para as novas gerações que já chegam nas escolas com muita bagagem e informações. As tecnologias da comunicação e da informação expandiram a cultura e ao contrário disso a escola delimita muito o que aprender e como aprender. As pesquisas na área da educação buscam a transformação da própria escola e tem mencionado que existe a necessidade de uma escola que no mínimo ofereça novas

tecnologias dentro da escolas e que as escolas formem pesquisadores e desenvolva suas próprias pesquisas .

A pesquisa educacional nas Leis da Educação Brasileira

As pesquisas da educação teve um papel fundamental na construção e elaboração das Leis da educação brasileira e são responsáveis pela produção do conhecimento no Brasil e no mundo. A pesquisa mesmo estando estabelecidas nas Leis da educação brasileira ainda o professor pesquisador não consegue incentivo para dedicação exclusiva para a pesquisa. As Leis da educação citam a necessidade de investimento na pesquisa educacional e na formação dos professores, os professores que optam por avançar nas pesquisas educacionais passam por dificuldades no processo e na maioria das vezes desenvolvem suas pesquisas conciliando com o trabalho nas escolas. A Lei Diretrizes e Bases da Educação no artigo 43 estabelece:

III incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. (BRASIL, 1996)

A Lei diretrizes e bases da educação ainda menciona a amplitude das pesquisas na sociedade brasileira. Responsável pelo desenvolvimento da sociedade brasileira, sistematizadora do conhecimento de cada geração, de estimular o conhecimento de cada geração, estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente , desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. A responsabilidade do pesquisador é do progresso do seu país e de amenizar as diferenças sociais e ainda existem impedimentos barreiras para que não aconteçam as pesquisas de uma forma geral.

O professor pesquisador, mesmo estando na escola que é um ambiente em que deveriam incentivar a pesquisa, não existe o

incentivo da própria comunidade escolar. Gramsci constatou que no mundo que emergiu das formações econômicas e sociais, a escola era um dos principais aparelhos de reprodução da sociabilidade burguesa, e também responsável pela formação dos intelectuais,

[...] assim como se buscou aprofundar a “intelectualidade” de cada indivíduo, buscou-se igualmente multiplicar as especializações e aperfeiçoá-las. Isso resulta das organizações escolares de graus diversos, até os organismos que visam a promover a chamada “alta cultura” em todos os campos da ciência e da técnica. (A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. (MARTINS, p.138)

As Leis brasileiras tem mencionado a pesquisa como direito e enfatizado a importância da mesma para os avanços no campo educacional, assim como na Lei diretrizes e Bases da Educação Lei nº 9.394/1996 e o Plano Nacional de Educação (2014/2024)¹ Lei nº 13.005 que prevê melhorias com prazo fixado na educação brasileira, assim como para pesquisa e a formação dos professores da educação básica e os prazos não são efetivamente cumpridos.

Chamamos atenção para o PNE - Plano Nacional de Educação Lei Nº 13.005/2014 foi aprovada depois de muitas lutas em que os primeiros registros foram no manifesto dos pioneiros escritos por professores e intelectuais daquela época (1964). Esses intelectuais redigiram uma carta com intenções sobre a educação, reivindicavam por meio desse documento uma educação de qualidade para todos. . Mesmo trazendo nesse documento metas estabelecendo estratégias que prevê a qualificação profissional na estratégia,

18.4 prever, nos planos de carreira dos profissionais da educação dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, licenças remuneradas e incentivos para qualificação profissional, inclusive em nível de pós graduação stricto sensu; (BRASIL, 2014)

¹ O Plano Nacional de Educação(PNE) determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional dos próximos dez anos. MEC: <http://pne.mec.gov.br/>.

Os professores da educação básica que apresentam interesse em pesquisar não conseguem o afastamento remunerado para se dedicarem a pesquisa. A administração pública tem alegado problemas como a crise financeira do país. Diante dessa realidade percebemos que não existe o interesse do investimento na formação dos professores e do levantamento de novas pesquisas no campo educacional. Poucas são as oportunidades que o professor da educação básica que está no chão da escola de pesquisar.

Os professores que optam pelo campo da pesquisa não conseguem dedicar como deveriam e debruçar em seus estudos e pesquisa. As pesquisas educacionais ou ciências humanas contribuem para todas as outras pesquisas e seus resultados, passam a ser um trabalho para a sociedade brasileira. A educação brasileira em alguns momentos avançou, outros a educação estagnou, quando a educação avançou mesmo não sendo avanços significativos, foram respostas para os resultados das pesquisas e das lutas da sociedade civil brasileira.

Essa desvalorização da pesquisa em todas as áreas é um reflexo da falta de educação da população brasileira, da necessidade que o Brasil tem de melhorar a educação e buscar os avanços em todos os outros setores, avançar em educação é ter uma visão de futuro melhor e romper com as diferenças sociais. O Brasil tem potencial, mas a qualidade de educação no país vem atrasando o próprio desenvolvimento do país, conforme Saviani, o Brasil “foi ficando atrasado em matéria de educação, ou seja foi acumulando um déficit histórico que nos cria problemas muitos sérios na atual circunstância.” (SAVIANI, 248, p. 1994). O conhecimento gera poder aos desfavorecidos e reduz as diferenças de classes. Os estudos marxistas e os relatos de Gramsci tem demonstrado que países como Alemanha e Itália em relação ao passado e presente, em comparação

ao Brasil tem ao menos amenizado os problemas e diferenças sociais, melhorado a educação pública e avançaram muito, em quanto isso o Brasil continua almejando a educação pública de qualidade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da história do Brasil e do mundo os pesquisadores têm contribuído para os avanços e apresentado respostas significativas e dado respostas para muitos questionamentos dos filósofos e historiadores. Respostas para problemas antes sem soluções, como doenças, trabalhos braçais, meio de comunicações rudimentares e avanços para educação. Apesar de a pesquisa ser de extrema importância ainda é muito questionada e limitada no campo da educação. As escolas públicas brasileira que deveria ser o próprio laboratório de todas as pesquisas, ainda refletem a desigualdade social.

No Brasil as pesquisas educacionais não tem recebido a devida importância, as pesquisas foram responsáveis pelos avanços das ciências, faltam ainda recursos e incentivos para a pesquisa e para os pesquisadores, principalmente para as pesquisas no campo educacional. A pesquisa na área da educação é de fato necessária para transformação de uma sociedade com menos desigualdade social. As escolas públicas podem transformar e ser transformada pela educação e por uma educação de qualidade para todos, sendo a escola um ambiente de pesquisa. A escola do futuro pode ser o próprio laboratório de pesquisas, a pesquisa como seu principal conteúdo, ambientes de aprendizagem que produzam pesquisas e que estejam abertas para a pesquisa.

Nos últimos anos pesquisadores tem mencionado a necessidade da residência no curso de pedagogia, assim como acontece nos cursos de medicina, mas ainda os acadêmicos dos cursos de pedagogia chegam tardiamente ou no final do curso nas escolas. É preciso transformar as escolas públicas para receber os pesquisadores e produzir suas próprias pesquisas com projetos com a participação dos professores e alunos. Para esse feito é necessário que se cumpra as Leis já existentes para o financiamento das pesquisas e dar autonomia e estruturas para escolas públicas no Brasil.

A escola pública está no epicentro dos problemas enfrentados pelas pessoas de baixa renda e a educação, a pesquisa são medidas que podem dar respostas rápidas para amenizar e reduzir as diferenças sociais e buscar avanços pela própria pesquisa. As pesquisas no campo educacional são responsáveis pelas melhorias em todos os setores da educação, mesmo assim não tem o incentivo necessário para avançar de uma forma mais efetiva.

Mesmo as Leis de educação estabelecidas ainda não são cumpridas e as diferenças sociais retratadas nas escolas públicas do Brasil. Essas diferenças estão no processo crescente principalmente por falta da base de escolarização. Mesmo existindo um Plano PNE/2014, que apresenta soluções para parte dos problemas identificados na educação do país, suas metas e estratégias não são seguidas. Não eliminando os problemas atuais, a tendência é a expansão dos problemas da educação cada vez mais, como uma pandemia. Ainda precisamos vacinar a população brasileira quanto à ignorância e entender que a educação é o caminho para o país avançar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 13.005, de 5 de junho 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação- PNE 2014-2024 e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília: DF, 2014.

_____. Lei nº 9.394, de 22 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

CURY, Carlos R. Jamil. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. 7º Ed. – São Paulo, Cprtez, 2000.

DESCARTES, René . Discurso do método .Introdução, análise e notas Étienne Gilson ; tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão ; tradução das notas Andréa Stahel M. da Silva; tradução da introdução e da análise Homero Santiago; revisão da tradução Monica Stahel. 4] Ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina : reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

GALLO, Sílvio. Modernidade/pós-modernidade: tensões e repercussões na produção de conhecimento em educação. *Educ. Pesqui.*, v. 32, n. 3, dez 2006.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

MARX, Karl. O Capital. Rio de Janeiro, Civilizações Brasileira, 1968.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci os intelectuais e suas funções científicas-filosofica, educativo-cultural e política. – *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n.3 (66), p. 131-148, set./dez.2011.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. *Cad. Pesqui.* , vol.34, no.122, p.283-303, Ago 2004.

DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio, “Pesquisa sobre formação docente” vs Pesquisa na formação docente” ; Diferenças teórico-metodológicas e conceituais. Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 13 Anais...,Recife UFPE, 2006.

SAVIANI, Dermeval. Dermeval Saviani . A Recepção de Gramsci na Educação Brasileira: entrevista com Demeval Saviani – Movimento – revista de educação, Niterói, ano 4, n.6, p. 386-404, jan/jun 2017.

SAVIANI, Dermeval . O Legado de Karl Marx Para Educação. *Germinal : Marxismo e Educação em Debate* . Salvador . v. 10, p. 72-83, mai, 2018.

SANFELICE, José Luis. Dialética e pesquisa: seus embasamentos científicos-filosoficos. Pesquisa qualitativa. Sociedade de estudos e pesquisas qualitativos. 2009. Disponível em <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/11>.

CAPÍTULO 2

JOGOS TEATRAIS NA EDUCAÇÃO AOS PRIVADOS DE LIBERDADE

Glaucia Cardoso de Souza Brignoni
Juliane Santana Lopes

RESUMO:

Este texto busca refletir sobre a prática dos jogos teatrais no sistema educacional prisional. O Presente projeto reitera a importância do referido método na formação artística e humana dos alunos privado de liberdade e sua ressocialização, bem como no desenvolvimento do próprio arte educador e dos alunos no ambiente que está inserido. A metodologia utilizada baseou se no sistema de jogos teatrais formulado pela atriz, educadora e diretora teatral Viola Spolin através desse projeto faz perceber a enorme importância no processo educativo, como ferramenta artística na construção do conhecimento e principalmente na ampliação da visão de mundo dos alunos por estimular sua capacidade de reflexão.

PALAVRAS CHAVES: Jogos teatrais, ressocialização, teatro.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa dialogar com pressupostos de “jogos teatrais” da metodologia Arte Educadora de Viola Spolin a fim de mostrar sua contribuição para trabalhar com alunos privados de liberdade da Penitenciária Estadual de Dourados –PED. Entende-se que tal metodologia pedagógica contribuirá para o resgate da autoestima, desenvolvimento de habilidades, criatividade dentro da sala aula no sistema educacional prisional.

Segundo Japiassu a finalidade do jogo teatral na educação é crescimento pessoal desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem. A partir das atividades lúdicas dos jogos o aluno liberta seus interesses interagindo melhor em sala de aula. Isto traz em si mesmo possibilidades de compreender melhor o ser humano em suas potencialidades e dificuldades. Além disso, liberta suas tensões e seus

pensamentos, mexendo com a imaginação e o despertar do aluno com forma de ver, sentir e analisar as coisas que estão acontecendo ao seu redor (JAPIASSU,2001, pag.26).

Os jogos teatrais têm potencial de transformar o aluno, deixando-o mais comunicativo, participativo, reflexivo e crítico. Desta forma, se descobrem novos sentidos para sua vida questionando valores de suas práticas diárias. Mesmo com as discussões sobre a distante ressocialização do indivíduo no sistema prisional, acredita-se que o teatro e jogos teatrais possam ser uma alternativa valida e de suma importância para esses indivíduos. Assim haverá condições prováveis de mudanças para sua vida fora do sistema carcerário. Segundo Rocha (2009);

O Teatro na prisão mostra e expõe o corpo e a alma do preso, suas transparências, dificuldade, opacidades e violências. Antes de tudo, o teatro é libertário e socializador porque mostra e expõe. Como processo criativo, a disciplina do teatro pode ser uma experiência de liberdade que se opõe àquela da vida na prisão, que é de constrangimento e anulação do próprio preso. A experiência criativa pode ser libertária para a constituição do sujeito, pela inclusão e afirmação da identidade; ao contrário da experiência da carceragem, que é de abjeção completa do homem. A disciplina do teatro constrói sujeitos de decisão, ao contrário a prisão, que honra o homem um objeto de submissão. (ROCHA,2009, P.3)

O teatro pode ser uma forma de resgate e transformação na vida do indivíduo preso, buscando a autoestima e capacidade de se ver como pessoa mesmo com regras estabelecida pelo sistema prisional o sujeito começa a se libertar do seu corpo rígido trazendo essa liberdade interna e construindo um novo sujeito de autonomia de valores e dignidade que muitas vezes perdida pela opressão e submissão é de grande importância o teatro dentro do sistema prisional interagindo e proporcionando uma experiência criativa e libertadora onde oferece a oportunidade do indivíduo preso se expressar se ver se sentir analisar em sua volta e o seu processo de criatividade de vivencia e

aprendizado e sua liberdade pessoal interna sendo valorizada nesse ambiente cercado de opressão e rigidez.

[...]a prisão além do local de execução da pena é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos Foucault (2012 pág.235). Dentro dessa observação os privados de liberdade são vigiados o tempo todo analisando a sua conduta e seu comportamento dentro desse espaço do sistema comparando assim se seu comportamento é bom ou não agressivo ou não. Para Foucault a todo momento nós estamos sendo vigiados por câmeras por pessoas ao seu redor a sociedade controlando comportamentos que se encaixe no ambiente vigiado a todo tempo analisando se esse comportamento está de acordo com as regras imposta dentro do sistema prisional ou fora dele ou seja o controle está em vigiar para controlar.

O caso não é mais, como na casuística ou na jurisprudência, um conjunto de circunstâncias que qualificam um ato e podem modificar a aplicação de uma regra, é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado tem que ser classificado, normalizado, excluído, etc (Foucault,2003 pág.158).

Essa observação e vigia dos internos analisa-se o seu comportamento que também está ou não ao seu favor, se o interno pretende querer trabalhar ou estudar ele tem que ter um bom comportamento e vai depender da conduta com sistema que você está inserido, essa vivencia é notada pelo trabalho que como professora tenho observado. A partir da entrada do interno no sistema sua observação e constante se o mesmo requer uma oportunidade de trabalho ou estudo não será de uma hora pra outra, mas sim meses até anos para conseguir tudo é analisado pela sua convivência com os demais pela seu comportamento dentro do sistema um deslize volta à estaca zero ou talvez não terá outra chance sua conduta tem que estar de acordo com as regras do sistema.

O que se espera de um sistema prisional é novos pensamentos novas ideias novos planejamento, novas políticas e que façam com que os internos acreditem nessas mudanças para sua vida e seu futuro fazer com que essas mudanças sejam de forma positiva para o bem social dos privados de liberdade e a arte e o teatro busca essas mudanças instigando o aluno a se libertar dos seus bloqueios e a participar de todo o momento dos jogos, as atividades lúdicas tem a possibilidade de libertar no aluno seus interesses pelas suas fantasias e interage melhor em sala de aula libertando suas tensões e seus pensamentos mexendo com sua imaginação e despertar do aluno como forma de ver sentir e analisar as coisas que estão a sua volta.

SOBRE VIOLA SPOLIN

Viola Spolin foi professora, atriz e diretora de teatro. Criadora do sistema de jogos teatrais como método de atuação e também de ensino do teatro, influenciou e segue influenciando inúmeros artistas e grupos teatrais pelo mundo a fora.

Inspirada no trabalho da arte educadora Neva Boyd, de quem foi aluna Viola sistematiza a prática teatral embasada em jogos, contação de histórias e danças folclóricas (CAMARGO,2002,p.282).

Em seu trabalho, Viola define regras e parâmetros para o jogo teatral, que se torna o elemento principal em seu sistema. O jogo tem na improvisação a sua base .O termo foco sua energia. A medida em que o jogador progride no domínio foco, este vai se tornando mais complexo. Um dos pontos fortes deste sistema consiste na segmentação de técnicas teatrais, de forma que possam ser assimilados aos poucos pelos atores/jogadores.

Objetivo Específicos:

- Desenvolver a criatividade do aluno através dos jogos teatrais.
- Aplicar os jogos teatrais em sala de aula.
- Analisar de que forma os alunos estão interagindo com os jogos.
- Observar como está sendo a relação dos alunos com os jogos teatrais no ambiente prisional.
- Trabalhar a comunicação e o envolvimento entre os colegas de sala.

OBJETIVO GERAL

Relatar a importância dos jogos teatrais e do teatro no aprendizado e na ressocialização aos estudantes privados de liberdade.

JUSTIFICATIVA

Os jogos serve de instrumentos de resgate de valores individuais ,instiga o aluno a se libertar de seus bloqueios e a participar todo o momento de forma interativa das atividades tanto as culturais quanto as didáticas .A partir das atividades lúdicas dos jogos teatrais, o aluno liberta seus interesses pelas suas fantasias e interage melhor em sala de aula respeitando seus colegas libertando suas tensões e seus pensamentos mexendo com a imaginação e o despertar do aluno com a forma de se ver sentir e analisar as coisas que estão acontecendo ao seu redor criando possibilidades de reflexão sobre valores, atitudes, violência e preconceito buscando sua ressocialização dentro da sociedade.

METODOLOGIA:

Através dos jogos busca-se participação e a liberdade para que o aluno crie suas próprias conclusões de aprendizado como espontaneidade de criação, reflexão, corpo, mente e intuição

através dos jogos teatrais. Essa busca transformadora do aluno é um aprendizado contínuo onde o professor não desiste de alcançar seu objetivo e a mudança interior e na vida cotidiana desse aluno para que esse mesmo busque e resgate da sua cidadania e seus direitos como cidadão.

Toda forma de trabalho voltado para a educação e ressocialização será de suma importância para sua volta a sociedade, através do teatro os alunos terão a oportunidade da sua formação como cidadão formação cultura e uma visão mais participativa, crítica e reflexiva do acesso ao conhecimento.

Como arte Educadora compreende-se que cada aluno deve ser valorizado na sua visão de mundo e do seu aprendizado levando em consideração o seu espaço que está inserido sem julgamentos precipitados, onde o mais importante é o seu fazer e o seu processo de construção como um aluno a ser inserido na sociedade resgatando a sua ressocialização.

Segundo Paulo Freire Educar para vida requer um olhar que se projete para fora da escola e para o futuro, (1996). Ou seja, educar para fora das grades e muros projetando um futuro melhor e uma vida melhor como um cidadão a ser reintegrado na sociedade garantindo a sua Democracia. As práticas democráticas inseridas na escola onde trabalho e a garantir aos alunos apenas o direito a educação com isso o governo passou a entender a pena e a prisão como objetivos e metas educacionais e que não seria somente para a punição dos apenados mas sim como uma oportunidade da reinserção desse indivíduo na sociedade.

Através dos jogos teatrais o indivíduo tem um grande chance e valor do seu crescimento pessoal agregando ao indivíduo o seu desenvolvimento integral garantindo a possibilidade de uma

nova chance de se ressocializar e melhorar de vida e a elevação da autoestima.

Essa motivação através dos jogos teatrais e do direito a educação aos privados de liberdade tem que ser entendida não só pela redução de pena ou seu bom comportamento, mas sim como uma forma de oportunidade que é o seu direito a educação e conhecer mais de perto a arte do teatro com sua participação onde possa se libertar e se expressar com jogos e o trabalho coletivo. Os jogos teatrais aos privados de liberdade oferece a oportunidade da sua formação como cidadão formação cultural e uma visão mais participativa, crítica e reflexiva do acesso ao conhecimento.

O reconhecimento e a interação vieram através da participação dos alunos nos jogos feitos em sala de aula na disciplina de Arte e na divisão dos personagens para apresentação da peça de teatro com isso notou se um resgate reconhecido pelo professor da cidadania dos privados de liberdade.

Durante as aulas são trabalhadas reflexão sobre cidadania sobre a vivência de cada aluno com o teatro e um diálogo que possibilite um processo reflexivo sobre cidadania, crescimento pessoal, reinserção social atividades lúdicas através dos jogos teatrais que promove o crescimento cultural e artístico nos alunos privado de liberdade.

Cada aluno tem uma história diferenciada e distintas no contexto escolar e todas essas diferenças serão trabalhadas entre os alunos, principalmente o respeito e o trabalho coletivo.

Esses trabalhos são feitos conforme a vivencia e a permanência dos alunos naquele local,

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esse projeto está em desenvolvimento processual adquirindo resultados durante o percurso e a execução da metodologia na prática docente e com as aulas práticas de teatro e jogos teatrais ,acredita-se que no contexto e na realidade difícil dos internos esse projeto está sendo muito prazeroso para esses alunos/pessoas/humanos, o teatro está contribuindo muito para a evolução e aceitação de si mesmo e ao grupo e o coletivo no projeto, rompendo suas limitações suas barreiras onde a seu maior objeto de apreciação e observação é o seu próprio corpo.

CONCLUSÃO:

A grande importância desse projeto é trazer para dentro da escola do sistema prisional e pensar a Arte do Teatro como transformadora e libertadora e não como um simples instrumento de interação e divertimento mas como transformar pessoas resgate de autoestima ,formar cidadãos libertos e modificados através da arte onde as pessoas se manifestam de várias maneiras possibilitando o seu próprio conhecimento e contribuindo para sua formação humana. Fazer esse projeto com base no método de Spolin mostra que é necessário que o coordenador tenha um olhar além dos seus saberes. Os jogos de Viola Spolin sempre serão métodos de ensino que na prática terão sempre novos sentidos quando se leva em consideração o ambiente em que são aplicados. Muitas vezes terá que ser aplicado duas ou mais vezes para que o aluno entenda o fazer dos seus objetivos.

REFERÊNCIAS:

CAMARGO, Robson Corrêa de. Neva Leona Boyd e Viola Spolin, jogos teatrais e seus paradigmas. Sala Preta, São Paulo, v. 2, p. 282-289, 2002.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Metologia do Ensino**, Campinas, SP, Papiros.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**, (tradução Ingrid Dormien Koudela) São Paulo. Perspectiva, 2010.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 23ed., Petrópolis, Vozes, 1987

ROCHA, Gilmar. Cultura popular: do folclore ao patrimônio. Mediações-Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009.

CAPÍTULO 3

RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA AULA DO COMPONENTE CURRICULAR PROJETO DE VIDA, EM DOURADOS, MS

Juliana Teixeira da Silva
Andrew Vinícius Cristaldo da Silva
Jaqueline Maria Della Torre Martins

RESUMO:

O presente trabalho é um relato de experiência, de uma professora de uma escola estadual do Município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul. A disciplina relatada é o componente curricular Projeto de Vida, que trabalha, de uma maneira geral, sobre as competências socioemocionais. A inevitabilidade de lidar com uma clientela cada vez mais complexa, partindo de uma perspectiva cognitiva, social, cultural, étnica e linguística, exige dos professores um conhecimento mais atualizado dos conteúdos e de metodologias de ensino facilitadoras do aprendizado. O ensino tradicional, onde o professor transmite as informações do conteúdo e logo após deve-se avaliar o estudante com prova escrita, está perdendo espaço para aulas inovadoras, que despertem o interesse dos estudantes no aprendizado.

Palavras-chaves: Projeto de vida, relato de experiência, aula diferenciada.

INTRODUÇÃO

As transformações pelas quais a humanidade passou, durante o século XX, geraram consequências profundas na sociedade, tornando necessária a adequação do sistema educacional a esse novo contexto (MIRANDA, *et al*, 2016). Diversos fatores podem interferir no processo de aprendizagem dos estudantes, como o tipo e o modelo de atividade em sala de aula, a maneira de abordagem do conteúdo pelo professor, entre outros.

Para Libâneo *et al.* (2008), as construções, mobiliários, material didático e outros, devem ser adequados suficientes para assegurar o desenvolvimento do trabalho pedagógico e favorecer a aprendizagem. O ambiente escolar também precisa ser um espaço multicultural e

de múltiplos saberes, para auxiliar na socialização dos educandos e proporcionar aprendizagem significativa (MARQUEZAN, *et al*, 2003). Ainda nesse aspecto, Saviani (1999), também dá ênfase na necessidade de complementar a atividade cognitiva a partir da sensibilização dos estudantes, permitindo-lhes um novo agir em relação às transformações sociais.

A inevitabilidade de lidar com uma clientela cada vez mais complexa, partindo de uma perspectiva cognitiva, social, cultural, étnica e linguística, exige dos professores um conhecimento mais atualizado dos conteúdos e de metodologias de ensino facilitadoras do aprendizado (MIZUKAMI, 1999). Os professores se veem desafiados em relação a como trabalhar no processo de ensino-aprendizagem de forma a auxiliar os educandos a adquirirem a capacidade cognitiva e habilidades importantes para a ação e interação sociocultural no contexto complexo e mutável da sociedade da informação e do conhecimento (ALARCÃO, 2004).

Nesse sentido, surge a compreensão de que educar, pela escola, transcende à mera ação de transmissão e memorização de conteúdos na condição de certezas inquestionáveis (GOMÉZ, 2001). Deve haver a compreensão e o vivenciar do exercício da reflexividade e interação docente e discente em relação aos conhecimentos construídos e trabalhados em sala de aula. Grillo (2000) relata que acarreta, de igual modo, a emergência de elaborar uma proposta de educação que possa executar uma problematização dos conteúdos e resolução de situações-problema durante todo o processo.

De acordo com Berrett (2012), o professor tem a função de mediador e orientador dos debates para realização das atividades, executadas em sala de aula, levando em consideração os conhecimentos e conteúdos acessados anteriormente pelo aluno, ou seja, fora de sala de aula. Neste contexto, o professor utiliza seu tempo em sala de aula,

na presença dos estudantes, para construir conhecimentos e orientá-lo, esclarecer as suas dúvidas e dar suporte no desenvolvimento do seu aprendizado. É, portanto, uma estratégia que visa mudar certos elementos do ensino presencial, sugerindo uma alternativa de aprendizagem flexível.

Este trabalho justifica-se pela carência de atividades de projeto de vida descritas, visto ser um desafio lecionar essa disciplina que envolve tanto o emocional do estudante. Desse modo, a atividade realizada em sala de aula, conforme relatada neste trabalho, tem objetivo de romper a barreira pedagógica do “giz” e a reprodução mecânica do conteúdo, e se comprometer com a aproximação da realidade, contexto dos estudantes, bem como.

METODOLOGIA

A atividade foi realizada com o componente curricular de Projeto de vida nas duas turmas de 7º ano do ensino fundamental, na escola Estadual Professor Celso Muller do Amaral, localizada no bairro Jardim Guanabara, no município de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul.

Para dar início, a professora da disciplina distribuiu duas atividades em folha sulfite para cada estudante. Na primeira atividade, continha um casaco do tipo moletom, onde os estudantes colocariam seus anseios, problemas, tristezas, ou seja, aquilo que gostariam de esconder com esse casaco, aquilo que pudessem guardar. Na segunda atividade, os discentes receberam uma atividade de colorir os óculos de como eles enxergam o mundo.

Ao final, os alunos entregaram as atividades para a professora, e estas estão arquivadas na Escola Celso Muller do Amaral.

DESENVOLVIMENTO

As atividades ficaram muito bem feitas, com criatividade e empenho dos estudantes. Na figura 1, os óculos de como enxergam o mundo, os estudantes escreveram suas percepções de mundo. Alguns relataram enxergar um mundo triste, corrupto, perdido, e também ironizaram ao descreverem o mundo com o “Faz o pix”. Essa atividade demonstrou as preocupações deles no mundo atual, com muita tristeza mesmo sendo rodeados de pessoas e sentirem-se sozinhos e isolados.

Ao colorirem o moletom, os discentes relataram anseios como: medos, fraquezas, insegurança, solidão, etc. Isso descreve os sentimentos deles em relação ao que gostariam de esconder. Essa atividade foi muito importante para ajudar a professora a entender o perfil dos estudantes e orientar para as atividades de projeto de vida, focados nos problemas apresentados nas atividades. A disciplina de projeto de vida pode ajudar a desenvolver o estudante e colaborar com o entendimento do papel dele na sua própria vida e na sociedade. Além disso, essas atividades são ferramentas que o professor poderá utilizar como um método de facilitação do contato entre os estudantes e também professores. Com isso, esse trabalho contribui com a inclusão dos estudantes, dentre outros benefícios citados, visto que a escola está mergulhada numa sociedade geradora de exclusão.



Figura 1. Atividade: Como você enxerga o mundo?



Figura 2. Atividade: O que você esconderia nesse casaco?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino tradicional, onde o professor transmite as informações do conteúdo e logo após deve-se avaliar o estudante com prova escrita, está perdendo espaço para aulas inovadoras, que despertem o interesse dos estudantes no aprendizado. Utilizar o tempo em sala de aula para discussões e resolução de exercícios seria mais proveitoso, tanto para o estudante como para o professor. Os estudantes devem ser o protagonista de sua aprendizagem, mas para isso, deve-se haver, primeiramente, políticas públicas que, de fato, seja

cobradas e fiscalizadas, tanto pelo Ministério da Educação, como pela gestão da escola.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2004.

BERRETT, D. **How flipping the classroom can improve the traditional lecture**. The Education Digest, v. 78, n. 1, p. 36, 2012.

GÓMEZ, A. I. P. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GRILLO, M. C. O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In: MOROSINI, Marília Costa (org). **Professor do ensino superior: identidade, docência e formação**. Brasília. MEC, 2000

LIBÂNEO, J.; FERREIRA, J.; SEABRA, M. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUEZAN, R., MELO, A.M., RODRIGUES, G.F.; NOAL, D. Dinâmica de Sala de Aula: uma variável na aprendizagem. In: **Revista de Educação UFSM**, n. 22, Santa Maria, 2003.

MIZUKAMI, M. G. N. Os Parâmetros curriculares nacionais: dos professores que temos aos que queremos. In: BICUDO, M. A. V.; S ILVA JUNIOR, C. A. (Org.). **Formação do educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem**. São Paulo: Ed. da UNESP, p. 46-49 1999.

MIRANDA, V. P; PEREIRA, P. R. A; RISSETI, G. **A influência do ambiente escolar no processo de aprendizagem de escolas técnicas**. Caderno de resumos - II Fórum internacional de educação. 2016.

SAVIANI, N. **Escola, conhecimento científico e formação humana. Elementos para a discussão do currículo da educação básica**. In: _____. Saber escolar, currículo e didática. Problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

CAPÍTULO 4

O GRITO SEM NOME EM “NA ESCURIDÃO, AMANHÃ”

Juliane Santana Lópes
Gláucia Cardoso de Souza Brignoni

RESUMO- O presente artigo tem por objetivo analisar filosoficamente a obra literária do autor brasileiro Rogério Pereira, intitulada “Na escuridão, amanhã”. Para isso, além da referida obra, o aporte teórico filosófico de Marilena Chaui, Sartre, Antonie de Compagnon e da concepção de teoria literária de D’Onofrio, entre outros, se fizeram essenciais nesse trabalho. A literatura e a filosofia se aproximam pela característica de pensar o homem em sua existência e sua relação com o mundo e a história que o permeia. Nesse sentido, a obra estudada traz ao filósofo uma fonte rica de interpretação da subjetividade humana, sua relação com o meio familiar e histórico e como essas relações resultam na concepção de individualidade do homem. O indivíduo, como um ser temporal, molda e é moldado pela história. A história geral da humanidade é resultante da história individual do homem que abstrai o mundo e o transforma singularmente, o que chamamos de subjetividade. Nesse sentido a subjetividade está relacionada com o tempo e com a possibilidade de futuro. Um futuro escuro que não mostra saída aos personagens anônimos do texto, fato já esclarecido pelo título da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Literatura. Memória. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma reflexão filosófica sobre a obra “Na escuridão, amanhã”, do escritor brasileiro Rogério Pereira. Essa narrativa aborda alguns anos de uma família que abandona a vida no campo e vai morar na cidade. O enredo é apresentado por fragmentos de cartas do irmão mais velho ao pai e pela narração do irmão mais novo. Diante das precariedades sociais e de convívio, as ligações entre os membros são complexas, seja pela figura de um pai silencioso, estúpido e selvagem, na figura de uma mãe que pouco fala e é guiada

por princípios religiosos; dois irmãos que, apesar de brincarem juntos, eram incapazes de um abraço e de uma irmã, morta.

A literatura e a filosofia se aproximam pela abordagem complexa que fazem do ser humano. Ambas, cada qual a sua maneira, dizem do homem, do mundo, da subjetividade, da história. Essa semelhança ocorre pelo fato de lidarem com temas complexos, cada uma a sua maneira, seja a literatura pelo objeto estético ficcional, seja a filosofia na busca da compreensão da verdade do homem. Compartilham, na maioria das vezes, de narrativas que permitem conceituar posições e conceitos sobre as coisas que formam o homem e seu meio. De acordo com Barthes:

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida (BARTHES, 2002, p.103).

Barthes nos alerta para a importância da narrativa na história e na condição humana. É pertinente um olhar filosófico sobre a literatura, pois permite, por meio de uma experiência vivida pelos personagens, voltar para o pensamento da humanidade. A questão apresentada nesse trabalho é a ligação entre literatura e filosofia, nos seus moldes de dizer o mundo, centrada numa obra de ficção brasileira intimista e, por vezes, inóspita, em que seus personagens não possuem nome, apenas uma função social familiar de genitores e criaturas.

O anonimato na obra diz muito do que é narrado. Por apresentar um enredo não linear em que as vozes dos irmãos se misturam, o subjetivo individual dos personagens ganha um aspecto universal. Esse aspecto ocorre pela forma de o texto dizer da humanidade de

seus personagens; do homem criador e criatura de sua história, conforme pensamento sartriano. Isso porque o ser humano está preso na história, participando da simbiose de tecer e ser tecido por sua existência. Nesse devir, nesses contextos históricos e sociais, portanto, estão inseridos os indivíduos, humanos, resultantes dessas situações.

No livro é notório o anonimato dos personagens e também a ausência de voz. Na perspectiva filosófica o “calar” desses personagens diz muito do que podemos observar das vozes que narram. A ausência de nome e fala, principalmente no que diz respeito ao pai e a irmã fazem parte de uma estrutura narrativa que se prova pelo próprio texto: não há espaço para o diálogo, pois não há diálogo com um pai silencioso ou com uma irmã morta. O Silêncio, por vezes tido como algo sábio, torna-se insuportável para os narradores e também para quem lê.

A relevância desse estudo está na forma a de expor e procurar entender o ser humano dentro dos limites de sua existência, em como as determinações de nossa história particular moldam os indivíduos inseridos nesses contextos particulares que calam e vitimam seus semelhantes. Identificar esses personagens no seu modo de lidar com a sua existência e as determinações que configuram a complexidade humana, na busca de entender como essas determinações moldam sentimentos, ações e formas de agir no mundo. Numa perspectiva de hermenêutica literária e filosófica interpretar o silêncio, o anonimato e ódio presente nesse texto de ficção, contribuindo para a interpretação do homem em suas escolhas e como elas estão diretamente ligadas ao que chamamos de futuro, amanhã, devir.

A metodologia utilizada nesse estudo é a pesquisa bibliográfica do livro “Na escuridão, amanhã”; embasada em conceitos filosóficos existencialistas de Sartre, interpretativos de Compagnon, Chauí, D’Onofrio e outros estudiosos que se dedicam e dedicaram a entender

as relações dos textos com a filosofia e como a interpretação desses acontecem como forma de concepção de mundo.

Esse trabalho está dividido em três partes, sendo essa introdução, em que direcionamos para o aporte interpretativo e teórico do tema; o desenvolvimento, em que apresentamos uma possibilidade interpretativa do texto, através de conceitos filosóficos e, por fim, apresento a conclusão desse trabalho seguido das referências essenciais para o aprimoramento interpretativo.

“NA ESCURIDÃO, AMANHÃ”: UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA SOBRE O TEXTO LITERÁRIO

Esse trabalho tem o propósito de refletir filosoficamente sobre a obra literária do escritor brasileiro Rógerio Pereira, “Na escuridão, amanhã”. Publicada pela primeira vez pela extinta editora Cosac Naif, numa linguagem prosaica poética, esse livro traz pertinentes discussões sobre a condição humana diante das mais brutais atitudes que envolvem a família de três filhos. A narrativa não acontece de forma linear, tempo e espaço se mesclam conforme a leitura flui. O campo, primeira morada da família, é apresentado como um lugar de lembranças ruins, a cidade, por sua vez, é a extensão dessa situação ressaltada pelo contraste social vivenciado pelos personagens.

“Na escuridão, amanhã” têm um enredo em que se misturam duas vozes narrativas: a do irmão do meio e a do irmão mais velho. As narrativas acontecem em forma de lembranças, memórias de um futuro interrompido pela mudança da família camponesa para a cidade, chamada de “C.”. Essa mudança intensificou o desprezo dos filhos pelo pai. A figura paterna é apresentada como um ser repugnante, desprezível e sem fala. Não aparece no texto qualquer voz ou diálogo com o pai; apenas cartas a ele destinadas. A mãe é caracterizada como uma figura de pouca fala. A relação entre os irmãos é de pouca

afabilidade; a irmã, já morta no tempo da narrativa, é descrita como um ser frágil e indefeso.

Ausência e horror marcam uma narrativa carregada de ressentimento, pela memória de um episódio assistido pelo filho mais velho, em que aprecem o pai e a irmã mais nova: “o lobo encontrara a ovelha. Me arrependo, pai, de não tê-lo golpeado nas costas, cravado uma estaca. Minhas forças de menino nunca deteriam sua vontade.” (PEREIRA, 2013; p.90). Conforme fragmento se percebe que os personagens são vistos como animais, que se misturam com instintos, incapazes de controla-los, incapazes de amar.

A filosofia e a literatura, embora sejam duas vertentes distintas, se assemelham no que diz respeito ao pensamento e as relações homem e mundo. Pode-se dizer que caminharam juntas desde o nascimento, pois é por meio de textos discursivos, personagens e situações fictícias que grandes filósofos como Sartre, Nietzsche, Barthes, Simone de Beauvoir e tantos outros; explicam suas teorias, ou seja, é pela narração, na presença ou não de personagens, na existência de situações hipotéticas (por isso, ficcionais) que a filosofia acontece. Embora seja difícil conceituar literatura e filosofia, pode-se dizer que primeira é uma manifestação artística, por meio da grafia, que conta ficcionalmente o mundo e suas histórias. Conforme D’Onofrio:

A literatura cria o seu próprio universo, semanticamente autônomo em relação ao mundo em que vive o autor, com seus seres ficcionais, seu ambiente imaginário, seu código ideológico, sua própria verdade: pessoas metamorfoseadas em animais, animais que falam a linguagem humana, tapetes voadores, cidades fantásticas, amores incríveis, situações paradoxais, sentimentos contraditórios etc. (D’ONOFRIO, 2006, p. 19).

Nessa perspectiva se pode afirmar que a literatura é a criação de uma realidade. Essa realidade criada está de longe uma invenção aleatória; a realidade ficcional está no mundo pra o contar, imaginar, pensar. Da mesma forma a filosofia pensa o mundo. Autores clássicos

da filosofia ocidental já nos apontavam a importância e ligação entre as duas disciplinas. Conforme Compagnon :

Pode-se dizer que Platão e Aristóteles faziam teoria da literatura quando classificavam os gêneros literários na *República* e na *Poética*, e o modelo da literatura ainda é, hoje, para nós, a *Poética* de Aristóteles. Platão e Aristóteles faziam teoria porque se interessavam pelas categorias gerais, ou mesmo universais, pelas constantes literárias contidas nas obras particulares, como por exemplo, os gêneros, as formas, os modos, as figuras. Se eles se ocupavam de obras individuais (a *Ilíada*, o *Édipo Rei*), era como ilustrações de categorias gerais. Fazer teoria da literatura era interessar-se pela literatura em geral, de um ponto de vista que almejava o universal. (Compagnon, 2010; p. 19).

Desse modo compreendemos que a literatura e a ficção estão presentes na cultura filosófica e na concepção intelectual de pensadores e teóricos que se propõem a pensar o mundo, o homem e o que o constitui. “Na escuridão, amanhã”, nos fornece pistas para uma interpretação filosófica contemporânea em que o humano e sua introspecção norteiam os limites da narrativa. Em sua estrutura gráfica, o livro apresenta trechos fragmentados em suas páginas, o que corrobora com o conteúdo de vozes que se mesclam e fragmentam a narrativa. A “escuridão” sugerida pelo título é a própria condição humana de personagens que se encontram sobre a autoridade de um pai autoritário que viola a integridade de seus semelhantes.

A mãe da narrativa é descrita como uma pessoa presa aos dogmas religiosos. A religiosidade que faz com que os filhos tenham que frequentar a igreja e participar dos rituais católicos. A intensa fé da mãe é para os filhos uma forma de suportar a própria existência. Mulher de pouca fala, criatura que se põe a gerar criaturas a existir no mundo, num “útero seco”, conforme descreve o narrador filho do meio.

A existência dessas criaturas no mundo, seus sofrimentos no campo e depois em C.; a dor de sair do campo e ir para uma cidade

em busca de um futuro melhor, o “amanhã” que não veio e que não virá, são elementos essenciais na narrativa. O “amanhã” que é a esperança de libertar-se das lembranças do pai bestial, odiado, e da mãe, religiosa e calada. Nesse enredo, o filho mais velho está em uma possível guerra, diz tê-la preferido à companhia do pai.

Em toda a narrativa é perceptível a influência do lugar na concepção de existir dos dois personagens narradores. Primeiro o campo que embora amargamente descrito, apresenta alguma perspectiva para ambos. A mudança para a cidade, os edifícios, as ruas, os carros, a escola, trazem a esses personagens a concepção de não pertencer; aumentam o ódio pelo pai e pela escolha de mudar-se com a família.

Ao analisar a relação de rancor dos filhos com o pai, se percebe que os narradores culpam o pai pela situação da família; pela morte prematura da irmã. Jean Paul Sartre, filósofo conhecido pelo conceito existencialista do homem, fornece uma análise sobre a constituição do sujeito e suas concepções históricas, conforme excerto:

Esta (a infância), que foi ao mesmo tempo uma apreensão obscura de nossa classe, de nosso condicionamento social, através do grupo familiar e uma superação cega, um esforço canhestro para nos arrancar daí, acaba por inscrever-se em nós sob a forma de *caráter*. É neste nível que se encontram os gestos aprendidos (...) e os papéis contraditórios que nos comprimem e nos dilaceram. (Sartre 1987, p. 156, grifo do autor)

O pensamento de Sartre nos permite analisar que as singularidades dos sujeitos são construídas a partir da repetição dos gestos que são apreendidos desde a infância. Essas repetições formam a idiossincrasia desses indivíduos que estão imersos em contextos sociais e históricos específicos, transformando e sendo transformados por essas situações que o envolvem. A filosofia sartriana discute acerca dessa responsabilidade histórica do homem que faz a história

ao mesmo tempo em que está imerso nela. Essa condição faz desses indivíduos responsáveis pela sua própria essência. .

Em “Na escuridão, amanhã”, há uma tentativa de acalantar culpa dos filhos que veem na figura paterna a origem do mal. Essa origem que os gerou, repassando através do sêmen a bestialidade aos seus filhos. Dessa forma, muito se aproximam do animalesco e irracional, as particularidades histórico sociais em que estão inseridos os remete ao instinto.

A filosofia existencialista não poupa o homem de sua responsabilidade; porem entende que, se ele faz a história ao mesmo tempo em que a vive, está aprisionado nesse movimento constante. Isso pode ser percebido pelo ódio dos filhos pelo pai, ao mesmo tempo em que se percebe que esses sujeitos repetem o mesmo que o genitor:

Quando experimentamos diversas vezes ódio em relação a diferentes pessoas, ressentimentos tenazes ou longa cólera, nós unificamos essas manifestações intencionando uma disposição psíquica de produzi-las. Essa disposição psíquica (eu sou muito rancoroso, sou capaz de odiar violentamente, sou colérico) é, naturalmente, algo mais, e uma coisa diferente do que um simples meio. É um objeto transcendente. (SARTRE, 2013, p. 45).

Partindo de uma análise do geral para o singular, Sartre teoriza seu método existencialista, num movimento de retorno: da história geral para a concepção individual, ou seja, como as situações históricas interferem na formação da pessoa, defendendo sempre o movimento de individuo autor de sua própria história; sendo que o mesmo tempo que a tece é tecido por ela:

A volta à biografia mostra-nos os hiatos, as fissuras e os acidentes ao mesmo tempo que confirma a hipótese (do projeto original) revelando a curva da vida e sua continuidade. Definiremos o método existencialista como um método progressivo-regressivo e analítico-sintético; é ao mesmo tempo um vaivém enriquecedor entre o objeto (que contém a época como significações hierarquizadas) e a época (que contém o objeto na sua totalização). (SARTRE, 1987, p. 176).

Para Sartre, ao pensar o indivíduo em sua singularidade se percebe “a curva da vida e sua continuidade”; isso devido ao bumerangue histórico que permeia a existência humana. Essa existência é fragmentada, apresenta lacunas a serem preenchidas por esses seres; essas lacunas de subjetividade e escolhas que afetam as particularidades dos indivíduos ao mesmo tempo que está imersa em uma concepção geral. Esse movimento descrito pelo filósofo como “progressivo-regressivo e analítico sintético” é esse devir histórico sobre o homem. Ao se pensar a progressão, no caso do livro estudado, o amanhã é o regresso do ontem; todas as possibilidades de futuro dos irmãos estão sujeitas ao retorno, à memória do passado que o constituiu. Esse passado se torna uma síntese da subjetividade observada pela forma intimista e memorialística em que os narradores contam a história.

A subjetividade está ligada à concepção de consciência do “eu”; conforme Chauí:

Do ponto de vista psicológico, a consciência é o sentimento de nossa própria identidade: é o **eu**, um fluxo temporal de estados corporais e mentais, que retém o passado na memória, percebe o presente pela atenção e espera o futuro pela imaginação e pelo pensamento. “O eu é o centro ou a unidade de todos esses estados psíquicos.” (CHAUI, 2002, p.117, grifo da autora).

Relacionando a concepção histórica do pensamento existencialista e a conceptualização do “eu” de Chauí se pode afirmar que o movimento histórico do homem é a forma do “eu”. Em outras palavras, podemos perceber que o “eu” é o ser de consciência e esta consciência está ligada ao conhecer do mundo, esse mundo é temporal, por isso histórico, e individual, por isso subjetivo. Desse modo a consciência do “eu” e a história estão diretamente ligadas ao que chamamos de memória. Chauí salienta que:

Como consciência da diferença temporal – passado, presente, futuro – a memória é uma forma de percepção interna chamada

introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas. (Chauí, 2002, p.126)

A obra “na escuridão, amanhã” está imersa no que Chauí conceitua como introspecção: o movimento de voltar-se para si, exprimir o máximo de sua subjetividade, ou seja, exprimir o que faz do homem um ser consciente, o tempo e as lembranças intrínsecas ao o que conferimos o valor de humano.

Em sua reflexão sobre o tempo, o filósofo Maldonato explica que “Aristóteles afirma que a tarefa da memória não é aproximar-se do ser, mas determinar o cronos, mesmo quando permanece incompreensível, a testemunhar a insuficiência e a incompletude da condição humana.” (MALDONATO, 2012, p.118). Pela memória o tempo adquire uma forma de ente numa relação dicotômica entre consciência e memória:

A memória é um processo criativo que deixa rastros apenas se alguma coisa tem significado para nós: sua forma é um reflexo do estilo de vida de um indivíduo, suas lembranças são projeções de seus desejos. Noutras palavras, a capacidade de recordar ou não eventos significativos do passado depende de sua decisão com relação ao próprio futuro. (...)Na lembrança, um indivíduo presentifica as próprias experiências, mesmo que o que muda seja a sua apresentação e não o conteúdo da experiência. Noutras palavras muda a ordem de um passado que se re-presentifica com as características da percepção atual, mas com uma ordem temporal e uma prioridade diferentes: é esse o sentido da historicidade. (MADONATO, 2012, p.123).

Conforme Maldonato a memória é capaz de absorver aquilo que foi significativo, sendo esse um processo de escolha individual em que toda memória só o é no presente; sempre pautada numa percepção de atualização. É o presente o que julga ter sido ou não uma infância violada. A presença da memória dos narradores é o que promove a estrutura do texto ao mesmo tempo em que subsidia o enredo marcado

pelo retorno; por aquilo que está preso ao passado. Isso se aproxima da filosofia de Sartre ao pensar a influência das experiências vividas, das escolhas feitas e o resultado delas.

O filho mais velho, ao preferir a guerra à casa paterna, usa de sua liberdade de escolha para isso. Nesse sentido podemos entender que o processo de escolhas e liberdades do ser humano estão diretamente condicionadas às mazelas históricas. Na guerra há um grupo que luta por um ideal, não menos inóspita, não menos brutal que a vida na família. Numa guerra, assim como numa família aprisionada pelo ódio, o sentimento de desespero e revolta sobressai sobre a própria condição de existir no mundo, como um ser individual, pertencente ao que chamamos de humano.

“Na escuridão, amanhã” traz uma pergunta bastante impertinente, escondida nas entrelinhas de um texto amargo: a ausência de nomes dos personagens. Essa não nomeação, que chamaremos de anonimato, esconde a indagação da possibilidade de reconhecimento da essência do “eu”, ou seja, da essência da humanidade desses personagens.

Os personagens não possuem nome, são descritos como o pai, a mãe, a irmã, a avó, o avô; são humanos que possuem papéis sociais bem definidos, genitores de criaturas. Ao se retirar o nome dos personagens o texto tira-se a própria condição de individualidade. Àquele, anônimo, é qualquer um. Cassier no livro mito “Linguagem e mito” salienta que:

O nome pode desenvolver-se para além desse significado mais ou menos acessório da posse pessoal, na medida em que é visto como um ser substancial, como parte integrante da pessoa. Enquanto tal pertence à mesma categoria que seu corpo e sua alma. (CASSIRER, 2006, p.68).

De acordo com o filósofo, o nome está além de uma distinção. O nome é a possibilidade humana de existir, de pertencer:

Noutro sentido, também, a unidade e a unicidade do nome não compõe somente o signo da unidade e unicidade da pessoa, mas a constituem realmente, pois o nome é que, antes de mais nada, faz do homem um indivíduo. Onde não existe essa distinção verbal, os limites da individualidade começam a apagar-se. (CASSIRER, 2006, p.69).

Esse apagar da individualidade é o que faz do anonimato do texto ser tão expressivo. Ao retirar-se nome, retira-se a possibilidade de reconhecimento do indivíduo. Esse passa a ser mais um, anônimo que sobrevive às mazelas de um meio que o apaga, restringe, tira-lhe a possibilidade de ser e pertencer. Isso acontece pelo fato de o texto ultrapassar os limites da possibilidade de subjetivar esses humanos. Os lugares e a linha tênue que separa o animal homem de sua própria humanidade, faz com que os personagens se caracterizem pela fragilidade da irmã, os dentes de mata queimada da mãe, a bestialidade do pai, o rancor dos filhos.

Ao apagar a possibilidade de nomear os personagens, o texto traz a concepção de sentimento bastante intenso. Com o ardor de uma guerra ou a indignação por não haver motivo para se lembrar com saudades da família. Veem-se personagens em busca de vingança através do texto; lembrar-se da infância e adolescência triste na possibilidade de apagá-la ou retirar do pai palavras que nunca saiam de sua boca.

O anonimato como estratégia de composição do texto, traz a possibilidade de universalizar os sentimentos. O desalinho familiar é entregue por dois narradores que tornam banais o sentimento de irracionalidade e destruturação familiar. Curiosamente apenas C., a cidade que abrigada a família, possui uma tentativa de nome, pelas iniciais "C." A mudança da família para a cidade faz aparecer uma nova realidade para a família: a exclusão social; a linha tênue

que separa o campo da cidade. A cidade é o novo “útero seco” que abrigam animais sem subjetividade e marginalizados socialmente.

CONCLUSÃO

A literatura e a filosofia permitem um olhar abrangente sobre os muitos aspectos humanos, são distintas, no entanto podem ser complementares ao permitir uma interpretação consistente e crítica sobre a condição humana e o meio histórico pertinente a sua existência.

Nessas circunstâncias a obra de Rogério Pereira nos remete ao pensamento da complexidade da existência humana, em sua aproximação com a natureza animalesca, perversa e repugnante que cala seus personagens, anônimos e reféns de seus atos. Esses atos são movidos por escolhas não consensuais que direcionam para uma nova vida na cidade. Direções tomadas pela autoridade de um pai que retira sua família do campo para morar na cidade “C.”; espaço que não minimiza o desconforto da humilde família, as ligações de distanciamento e ressentimento que move todo o livro.

“Na escuridão, amanhã” desnuda o caminho para o filósofo interpretar subjetividade humana em sua complexidade. Dois narradores, o irmão mais velho e o irmão mais novo, através de uma escrita contemporânea, fazem uma narração em que duas vozes se mesclam; vozes cheias de ódio e rancor pelo silêncio de um pai bestial e de uma mãe de pouca fala.

Nesse emergir de existência a narrativa dá vida a criaturas: humanos calados e anônimos que vivem em marginalidade social e existencial; dois personagens narradores presos às lembranças do passado; à memória de um afago não recebido e de uma violação que marca toda uma vida.

Uma narrativa inóspita e introspectiva em que se percebe a marca do tempo pela memória. Lembrança de sofrimento e desamparo que acompanha o leitor em todo o livro, desde o título do texto: o amanhã escuro, como o passado foi escuro. Isso por que não há possibilidade de se existir quando a única esperança do homem é um futuro incerto. A incerteza do futuro é o incômodo universal do ser humano já que o tempo está necessariamente ligada à subjetividade do homem no mundo e sua forma de lhe dar com sua existência.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Vozes, 2002.
- CASSIER, Ernest. **Linguagem e mito**. Coleção debates. Tradução J. Guinsburg, Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- COMPAGNON, Antonie. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 2006.
- MALDONATO, Mauro. **Passagens do tempo**. Tradução: Roberta Bar-ni. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.
- PEREIRA, Rogério. **Na escuridão, amanhã**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- SARTRE, Jean Paul. **A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- SARTRE, Jean Paul. *Questão de método*. In **Coleção Os pensadores** (3a ed., pp. 109-191). São Paulo: Nova Cultural, 1987.

CAPÍTULO 5

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE BIOLOGIA COMO SUBSÍDIO PARA PROMOVER A RESSOCIALIZAÇÃO NO PRESÍDIO ESTADUAL DE DOURADOS - PED/MS

Juliana Teixeira da Silva
Andrew Vinícius Cristaldo da Silva

RESUMO: O presente texto tem como objetivo obter a ressocialização do interno, por meio de práticas pedagógicas de Biologia, no presídio estadual do município de Dourados, MS. O sistema educacional tradicional passa por diversas mudanças significativas em suas ações pedagógicas e no sistema prisional não tem sido diferente. As metodologias ativas, aulas práticas que estão relacionadas às particularidades e vivências do aluno protagonista também estão sendo incluídas dentro das penitenciárias brasileiras. Foram realizadas três atividades: As maquetes dos biomas brasileiros, a identificação de insetos e os modelos de célula 3D. Essas práticas foram realizadas com estudantes do projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos) do ensino médio. O aumento da interação e relação entre os próprios estudantes em sala de aula foi muito bom, pois eles conversaram bastante e discutiram sobre as ideias e conceitos durante o desenvolvimento das atividades.

Palavras-chaves: Práticas pedagógicas, presídio, socialização.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação em sistemas penitenciários brasileiros, tem sido considerada como meios de ressocialização, reinserção, reeducação, dentre outros. Com a educação os detentos resgatam sua dignidade e sua identidade (CAMARGO, 2017). O sistema de ensino dentro de presídios, a partir de sua importância descrita dentro dos sistemas prisionais corrobora com o desenvolvimento do indivíduo no sistema interno do cárcere e posteriormente em sua reinserção na sociedade.

O sistema educacional tradicional passa por diversas mudanças significativas em suas ações pedagógicas e no sistema prisional não tem sido diferente. As metodologias ativas, aulas práticas

que estão relacionadas às particularidades e vivências do aluno protagonista também estão sendo incluídas dentro das penitenciárias brasileiras. Essas atividades diferenciadas demonstram a importância da inserção de algo novo para o cotidiano do aprendiz, onde se pode, muitas vezes, materializar o conhecimento, e este, se dar por completo nas aprendizagens.

A inevitabilidade de lidar com uma clientela cada vez mais complexa, partindo de uma perspectiva cognitiva, social, cultural, étnica e linguística, exige dos professores um conhecimento mais atualizado dos conteúdos e de metodologias de ensino facilitadoras do aprendizado (MIZUKAMI, 1999).

Os professores se veem desafiados em relação a como trabalhar no processo de ensino-aprendizagem de forma a auxiliar os educandos a adquirirem a capacidade cognitiva e habilidades importantes para a ação e interação sociocultural no contexto complexo e mutável da sociedade da informação e do conhecimento (ALARCÃO, 2004). Nesse sentido, surge a compreensão de que educar, pela escola, transcende à mera ação de transmissão e memorização de conteúdos na condição de certezas inquestionáveis (GOMÉZ, 2001). Deve haver a compreensão e o vivenciar do exercício da reflexividade e interação docente e discente em relação aos conhecimentos construídos e trabalhados em sala de aula. Grillo (2000) relata que acarreta, de igual modo, a emergência de elaborar uma proposta de educação que possa executar uma problematização dos conteúdos e resolução de situações-problema durante todo o processo educacional.

A Educação em Ciências pode auxiliar na construção do mundo que queremos (CANIATO, 1989; FREIRE, 1994; DELIZOICOV; ANGOTI, 1990; BACHELARD, 2001). O ato de educar nos remete uma ótica de mundo e, por consequência, nosso modo de atuar nele, assim como de interferir no modo como as pessoas interagem e se

relacionam com ele (MIGUÉNS; GARRET, 1991). Aprender Ciências deve ser aprender a ler o mundo e a interagir com ele.

O tema desenvolvido nesse trabalho surge da importância da educação para o desenvolvimento do ser humano como um todo, em suas relações interpessoais, profissionais e na ressocialização como ferramenta para o preparo do convívio de volta a sociedade. Com isso, a delimitação deste tema foi proposta e tem sido realizada dentro do Presídio Estadual de Dourados, MS.

Algumas hipóteses são levantadas durante o desenvolvimento desse trabalho, como a melhoria da ressocialização, relações interpessoais melhoradas, comportamentos menos agressivos com os agentes e todos os funcionários do estabelecimento prisional e estarem aptos a suas solturas em sociedade.

Diante dessas situações, o objetivo geral desse trabalho é obter a ressocialização do interno, por meio de práticas pedagógicas de Biologia. Os específicos são: reestabelecer relações sociais, criar vínculos, melhorar o relacionamento interno e produzir conhecimento de biologia.

Devido à importância do conhecimento para a ressocialização, esse trabalho foi desenvolvido, podendo servir como ferramenta para que muitos outros trabalhos sejam desenvolvidos com esse viés. A sociedade precisa receber esse indivíduo que fora encarcerado de maneira transformada e diferente de como ele entrou no sistema prisional, e a educação é umas das principais ferramentas para isso, por isso a importância do desenvolvimento dessa pesquisa.

Com esse intuito, foram realizadas algumas aulas diferenciadas na disciplina de biologia durante o processo de ensino-aprendizagem, realizadas no ano de 2022 e 2023 no Presídio Estadual de Dourados,

MS. As aulas e os trabalhos desenvolvidos foram fotografados durante as práticas educacionais.

DESENVOLVIMENTO

A EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL

A educação no Sistema Prisional do Estado de Mato Grosso do Sul, é institucionalmente (aspecto micro) é coordenada pelo Departamento de Tratamento Penal (DTP) – Setor Educacional. Na interface macro, a educação nos ambientes carcerários está subordinada à Secretaria Estadual de Educação (SED/MS) e às respectivas CREs (Coordenadorias Regionais de Educação), de acordo com cada estabelecimento Prisional (onde houver escola).

O ensino nas prisões é um direito do interno e a sua implementação está baseada nas políticas públicas que objetivam o atendimento especial de segmento da população historicamente fragilizada e com isso, o Estado e a sociedade podem renovar o compromisso para a democratização da sociedade (GOFFMAN, 1987).

Não se trata de desenvolver uma educação específica para o contexto prisional, mas também não pode ser a mesma educação que já os excluiu. Faz-se necessário respeitar as singularidades deste espaço buscando motivar essas pessoas a ponto de ver na educação uma possibilidade de emancipação ainda na condição de encarceradas (PEREIRA, 2011).

A educação, em quaisquer espaços deve contribuir para que o aluno questione a sociedade em que vive, mantenha a constante avaliação sobre suas escolhas, desperte o posicionamento questionador que o fará não aceitar servilmente as verdades impostas, trabalhe a dimensão valorativa, o poder do conhecimento e o raciocínio crítico,

evidenciando que existem múltiplas formas de se viver (ONOFRE, 2002).

PERCURSO METODOLÓGICO

Foram realizadas três atividades: As maquetes dos biomas brasileiros, a identificação de insetos e os modelos de célula 3D. Essas práticas foram realizadas com estudantes do projeto EJA (Educação de Jovens e Adultos) do ensino médio do Presídio estadual de Dourados (PED), MS, no segundo semestre de 2022 e primeiro semestre de 2023. Para as atividades, os discentes organizaram-se em grupos de 4 a 5 pessoas, num total de quatro grupos para todos os trabalhos.

Dois modelos de células 3D foram construídos, a célula vegetal e a célula animal (figura 1). Os alunos utilizaram, caixas de papelão, E.V.A, massinha de modelar de diversas cores, cola quente, cartolina colorida, tesouras e canetas diversas. O conteúdo foi previamente explicado, onde as equipes desenharam as organelas e descreveram suas funções. Após esse momento, os modelos foram criados, utilizando a criatividade dos grupos.

Para a construção das maquetes dos biomas brasileiros (Figura 2), os grupos dos estudantes foram mantidos, conforme divisão e escolha deles mesmos, sendo totalizadas 4 maquetes, são elas: Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Floresta Amazônica. Com os conceitos transmitidos, os discentes realizaram um pré-projeto em folhas sulfite, contendo o modo de realização, os materiais a serem utilizados e o desenho/esboço de como seriam as maquetas. Diversos materiais foram utilizados, como: isopor grosso, gel de cabelo, pó de serra e pedaços de MDF (disponibilizados pela marcenaria do sistema penitenciário), tinta PVA, pinceis de diversos tamanhos, palitos de sorvete, cartolinas, barbante, tesoura, buchas vegetais, arames,

papelões e outros. As construções foram realizadas valendo-se da engenhosidade e originalidade de cada um.

A aula sobre identificação de insetos ocorreu com uma caixa entomológica pessoal da professora que leciona a disciplina. A caixa entomológica foi mostrada aos estudantes (figura 3) e uma atividade foi aplicada. A professora entregou uma folha contendo as ordens dos insetos e os estudantes escolheram 5 cinco insetos da caixa para identificar qual era a ordem conforme a folha de atividades. Os estudantes fizeram suas identificações na folha sulfite e também os desenhos dos artrópodes estudados.

Os modelos 3D e as maquetas permanecem armazenados na sala de artes da PED para consultas, pesquisas, utilização em sala de aula, bem como, outras disciplinas.

Figura 1 - células 3D



Fonte: Juliana Teixeira, 2022.

Figura 2 – Bioma Pantanal



Fonte: Juliana Teixeira, 2022.

Figura 3 – Identificação de insetos



Fonte: Juliana Teixeira, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, como uma ferramenta para ressocialização tem sido satisfatória em vários quesitos deste trabalho. O aumento da interação e relação entre os próprios estudantes em sala de aula foi muito bom, pois eles conversaram bastante e discutiram sobre

as ideias e conceitos durante o desenvolvimento das atividades. O desenvolvimento dessas atividades práticas foi capaz de melhorar a visão de mundo, contribuindo para um senso crítico, resultando em entendimento do valor da liberdade e melhorando o comportamento durante a vida carcerária. Além disso, todos os fatores citados melhorados aumentam a chance de sucesso de ressocialização do interno quando reintegrado à sociedade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. (org.). Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão. Porto: Porto Editora, 2004.

BACHELARD, G. A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CANIATO, R. Consciência na Educação. Campinas: Papirus, 1989.

CAMARGO, E. P. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: Enlaces e desenlaces. Bauru, vol. 23, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/HN3hD6w466F9LdcZqHhMm-Vq/>> Acesso em: 19/02/2023.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. P. Metodologia do Ensino de Ciências. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

GÓMEZ, A. I. P. A cultura escolar na sociedade neoliberal. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GRILLO, M. C. O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In: MOROSINI, Marília Costa (org). Professor do ensino superior: identidade, docência e formação. Brasília. MEC, 2000

MIZUKAMI, M. G. N. Os Parâmetros curriculares nacionais: dos professores que temos aos que queremos. In: BICUDO, M. A. V.; SILVA JUNIOR, C. A. (Org.). Formação do educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem. São Paulo: Ed. da UNESP, p. 46-49 1999.

ONOFRE, E. M. C. Educação escolar na prisão. Para além das grades: a essência da escola e a possibilidade de resgate da identidade do homem aprisionado. 2002. Tese. (Doutorado em Educação Escolar), UNESP, Araraquara/SP. 2002.

PEREIRA, A. A. A educação-pedagogia no cárcere, no contexto da pedagogia social: definições conceituais e epistemológicas. Revista Educação popular, Uberlândia, v 10, p38-55, jan/dez. 2011.

CAPÍTULO 6

TERENOS - MATO GROSSO DO SUL: DA HISTÓRIA DE DISTRIBUIÇÃO DE TERRAS A LUTA PELA REFORMA AGRÁRIA

Rodrigo da Silva Bezerra Pinheiro de Almeida Reis¹

¹ Doutorando e Mestre em Educação. PPGE/UCDB. Docente do Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Assistência Humanitária e Migração, Saúde Mental e Questões Humanitárias da Universidade Unyleya - Cidade do Rio de Janeiro.

RESUMO: Este artigo é um recorte inerente de meu trabalho de conclusão de curso em Serviço Social realizado e defendido na Universidade Católica Dom Bosco – UCDB em 2017 intitulado “POLÍTICAS PÚBLICAS PARA POPULAÇÃO EM ASSENTAMENTOS RURAIS: A garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes residentes no Assentamento “Santa Mônica” em Terenos – Mato Grosso do Sul”. Trago um recorte sobre a história, a vivência, a resistência e a experiência na cidade que nasci no interior de Mato Grosso do Sul, denominada carinhosamente por Terenos, dizem que é uma homenagem aos Povos Terenas que por um tempo passou por ali, era o maior povo que habitava aquela região. Nele apresento vozes que me acompanharam e dialogaram comigo na produção de conhecimento e na narrativa desta que será recontada de várias formas pelas presentes e futuras gerações. Foi no tecer da rede que eu, Estela e Chico aprendemos e recontamos a história dessa cidade e das lutas que permearam o campo, nela compreendemos que a luta nunca foi fácil e sempre precisou de mãos firmes para que essa história chegasse onde chegou, os desafios são diários. A metodologia utilizada foi o estudo qualitativo; com base em dados documentais. Consideramos que essa é uma história para ser recontada em rede, de forma horizontal, olho a olho, ouvindo e falando, contextualizando e lutando, reescrevendo novos traços e sentidos para a vida social e os marcos da história de um povo e uma pequena cidade no interior, para jamais ser esquecida no tempo.

Palavras-Chaves: Territórios, Reforma Agrária, Desenvolvimento, História.

ABSTRACT: This article is an inherent part of my final course work in Social Work carried out and defended at Universidade Católica Dom Bosco – UCDB in 2017 entitled “PUBLIC POLICIES FOR THE POPULATION IN RURAL SETTLEMENTS: The guarantee of the

rights of children and adolescents residing in in the “Santa Mônica” Settlement in Terenos – Mato Grosso do Sul”. I bring a clipping about the history, life, resistance and experience in the city where I was born in the interior of Mato Grosso do Sul, affectionately called Terenos, they say it is a tribute to the Terenas Peoples who for a while passed through there, it was the largest population that inhabited that region. In it, I present voices that accompanied and dialogued with me in the production of knowledge and in the narrative of this knowledge that will be retold in various ways by present and future generations. It was while weaving the hammock that Estela, Chico and I learned and recounted the history of this city and the struggles that permeated the countryside, in which we understood that the struggle was never easy and always needed firm hands for this story to reach where it did, the challenges are diaries. The methodology used was the qualitative study; based on documentary data. We believe that this is a story to be retold in a network, horizontally, eye to eye, listening and speaking, contextualizing and fighting, rewriting new traits and meanings for social life and the milestones in the history of a people and a small town in the interior, never to be forgotten in time.

Keywords: Territories, Agrarian Reform, Development, History.

INTRODUÇÃO

*O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, se aprende
é com a vida e com os humildes.*

(Cora Coralina).

A história de Terenos tem seu marco a partir de 1914, com a implantação das linhas da Estação de Ferro Noroeste do Brasil, o nome estava relacionado com o povo “Terena”, que até o século XVIII, segundo Sanabria (2012, p. 51) “tinha o domínio de grande parte da

região” por onde passavam as linhas de ferro. Neste mesmo ano, foi implantada uma estação de trem nesse povoado, sem prever que ali seria a sede de um município.

Acreditando no futuro daquele povoado o Governo do Estado - MT concede a uma empresa alemã áreas territoriais para que pudesse introduzir e localizar os imigrantes que ainda receberia. O mesmo governo expediu a esta empresa um decreto que reservava, a requerimento de H. Hacker & Cia, para estabelecimento de núcleos coloniais, todas as terras devolutas que existissem ao norte da faixa marginal da estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a partir do quilometro 918 e entre limites que a lei descreve. (SANABRIA, 2012).

A contextualização histórica de Terenos menciona que, a fim de dar cumprimento ao contrato, a empresa alemã H. Hacker & Cia, manda demarcar lotes para colonização na zona próxima à estação ferroviária de Terenos, para onde foram encaminhadas duas famílias européias, das quais apenas uma se fixou na localidade, “a do austríaco Gustavo Pelz¹, em companhia de seus pais, esposa e 03 (três) filhos pequenos, procedentes do Estado do Paraná em 1920” (SANABRIA, 2012, p. 51).

Por falta de cumprimento daquelas cláusulas contratuais Sanabria (2012) explica que é “expedido um Decreto nº. 659, de 27 de fevereiro de 1924, onde declarava sem efeito o contrato lavrado em julho de 1920, prescrevendo assim a concessão à Sociedade Territorial Sul Brasileira - H. Hacker & Cia”, sendo em ato contínuo, “criada em convênio com a municipalidade de Campo Grande - MS a Colônia Agrícola de Terenos que foi instalada a 08 de Maio de 1924” que registrou:

Completado o loteamento das terras até a linha de limite com a fazenda da viúva D. Ana Lemos, foi reservado para o Patrimônio

¹ Gustavo Pelz foi tronco de numerosas famílias que muito contribuiu para o desenvolvimento econômico da comuna.

de Terenos o lote numero 01 (um), onde se achava a estação ferroviária. O Decreto n.º. 170 de 08 de junho de 1932 determina que a colonização de Terenos fique sob a administração e custeio da municipalidade de Campo Grande, por intermédio da qual se deverão requerer à Diretoria de Terras os lotes da área para esse fim reservada. O Decreto n.º. 343, de 12 de Março de 1934, manda expedir em nome do município de Campo Grande, o título de propriedade da área reservada para a Colônia de Terenos e determina que o município expedirá gratuitamente os títulos de domínio aos colonos, observando os artigos 57 e 68 do Decreto n.º. 885, de 1929. (SANABRIA, 2012, p. 34)

A colônia criada tinha a finalidade de implantar nos seus respectivos lotes, as famílias dos agricultores que ali labutavam, “as quais recebiam uma casa de madeira coberta de telha, ferramentas agrícolas e auxílio de manutenção por dois anos”. (IBID, p. 75).

Devido excelente qualidade das suas terras e ao real interesse dos seus dirigentes, a colônia progrediu de tal modo que, ao encerrar o ano de 1926,

Quando vencia o prazo do auxílio estipulado pelo Governo Estadual essa Colônia já apresentava uma população de 454 pessoas, sendo 97 famílias e 17 agregados e uma área cultivada de 381 hectares, contando, ainda com, 01 trator, 17 veículos a tração animal, 35 arados e farto material de trabalho agrícola, convido frisar que a grande maioria dos colonos era de origem europeia, assim distribuída: 44 famílias alemãs, 21 brasileiras, 07 búlgaras, 05 polacas, 05 húngaras, 03 espanholas, 03 portuguesas, 02 austríacas, 02 russas, 02 paraguaias, 01 japonesa, 01 síria e 01 lituana. (SANABRIA, 2012, p. 52)

Sanabria (2012, p. 52) observa que, João Zambeli², “foi o proprietário da primeira casa de alvenaria”, construída próximo à estação, e é, por esse feito, premiado com a oferta de um quarteirão com área de 10.000 m² assumindo nessa “ocasião o compromisso de efetuar na mesma, outras construções que viessem embelezar o povoado nascente”. Muito além do que já se tinha a Lei n.º. 1.021, de

² Primeiro comerciante estabelecido no Patrimônio, com recursos para abastecer os colonos.

21 de setembro de 1929, cria no município de Campo Grande - MS, o Distrito de Paz de Terenos que, implantado em 01 de janeiro de 1930.

Nova área ligada à anterior é loteada pela prefeitura de Campo Grande - MS, recebendo a denominação de Colônia Nova, também na região do Salobra, próximo da sede distrital. “Elementos japoneses organizaram a colônia de salobra, onde foram localizadas 18 famílias nipônicas que se dedicaram à cultura de cereais e café”.

A elevação a *Município*³ só se deu após quase 40 (quarenta) anos sendo em 1953, com as retificações constantes da Lei Estadual nº. 370 de 31 de julho de 1954, e da Resolução de 19 de Agosto do mesmo ano, no que diz respeito aos seus limites constituindo-se de um único distrito – o de Terenos – tendo por sede a vila de igual nome, elevada à categoria de cidade.

Pelas análises de Sanabria (2012, p. 53):

A nova comuna foi solenemente instalada no dia 10 de janeiro de 1954, sob a presidência do juiz de paz em exercício, Sr. João Batista Pereira da Rosa, em solenidade realizada no edifício das Escolas Reunidas de Terenos, presidida pelo Dr. Vicente João Maurano, Juiz de Direito da 2ª Vara da Comarca de Campo Grande - MT, que em presença de numerosa assistência, tornou o compromisso do Sr. João Batista Pereira da Rosa, que assim veio a ser o primeiro Prefeito Municipal. (A 31 de Janeiro de 1955, instalou-se a Câmara Municipal, formada pelos vereadores: Valentim Nunes da Cunha, Elvira Martins de Oliveira, Ciro Bitencourt, Adolfo Hampiéri e Peribiano Godói), que sob a presidência do primeiro, deu posse ao novo prefeito Guilherme Evangelista, e ao subprefeito José Ribas; todos eleitos a 03 de Outubro de 1954. Como termo de comarca de Campo Grande, conta o município com um juiz de paz e dois suplentes, um escrivão de paz e oficial do Registro Civil, e um promotor “ad hoc”, além de uma delegacia de polícia com um destacamento policial.

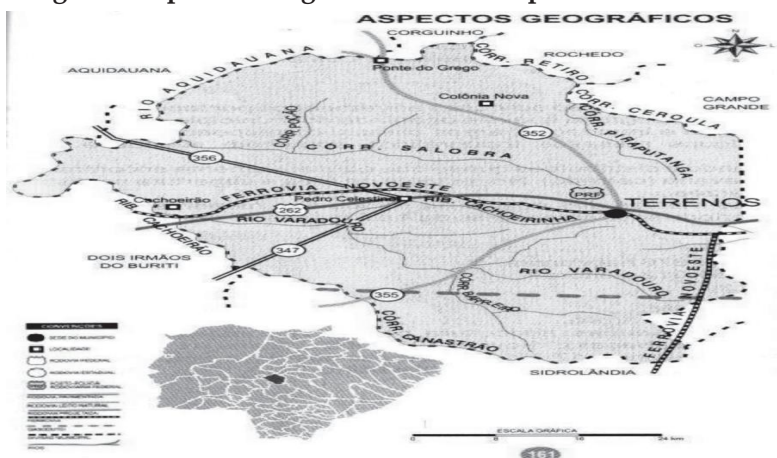
Geograficamente, Terenos - MS, segundo IBGE (2017), encontra-se localizado na zona Geoeconômica de Campo Grande, na

³ Grifo nosso.

região sul do Estado de Mato Grosso do Sul, à noroeste do planalto da “Serra de Maracajú”, à partir do espigão que divide as águas das bacias do Paraná e Paraguai, nos primeiros pronunciamentos da chamada parte sul da grande baixada Paraguai, limita-se com os municípios de Corguinho, Rochedo, Campo Grande, Sidrolândia, Anastácio, Aquidauana e Dois Irmãos do Buriti, tendo 2. 844, 636 km² de extensão territorial.

A cidade está localizada a 26 Km de Campo Grande. Originou do desmembramento do município de Campo Grande, tendo a partir daí como gentílico a denominação: Terenense.

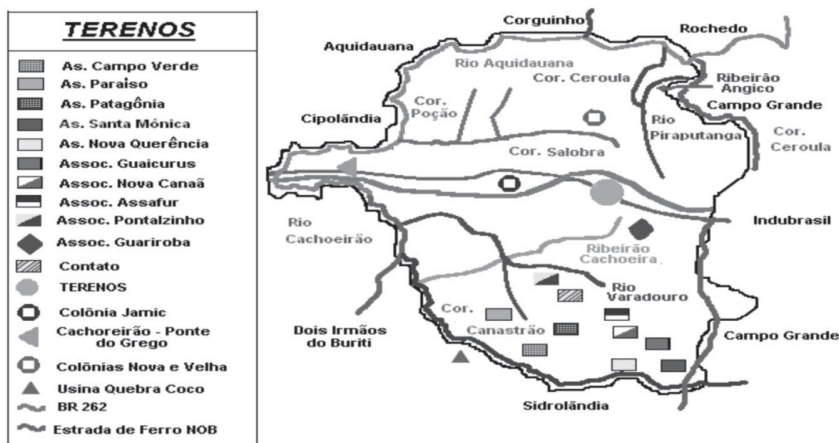
Figura 1 Aspectos Geográficos do Município de Terenos MS



Fonte: SANABRIA, 2012, p.13.

O mapa do município permite observar que a Br 262 mesmo com corte longitudinal no território, há muitas regiões consideradas longínquas da sede. As distâncias rurais são percorridas em estradas com diferentes qualidades de trânsito. Em especial, destaca-se em todo território do município a presença dos assentamentos rurais conforme observa-se a seguir.

Figura 2 Território do Município de Terenos com a localização das sedes de assentamentos e colônias.



Fonte: SANABRIA, 2012, p. 14.

Geograficamente constituído por 19 (Dezenove) assentamentos rurais e 03 (três) colônias, Terenos se torna uma cidade cuja população se encontra nas áreas rurais. Sendo segundo estimativas do IBGE para 2016 de 20.387 habitantes, sendo deste 7.275 vivendo na Zona Urbana e 9.871 em Zona Rural, dados do censo de 2010, mesmo considerando que há uma forte presença de fazendas de monocultivo de soja, milho, cana-de-açúcar e de criação pecuária.

Pode-se afirmar que mesmo considerando o poder econômico dos proprietários das grandes extensões territoriais, os assentamentos se constituem na maior presença populacional.

Para Sauer...

O assentamento é um espaço, geograficamente delimitado, que abarca um grupo de famílias beneficiadas através dos programas governamentais de reforma agrária. A constituição do assentamento é resultado de um decreto administrativo do Governo Federal que estabelece condições legais de posse e uso da terra. [...] A criação do assentamento é, por outro lado, produto de conflitos, lutas populares e demandas sociais pelo direito de acesso a terra (2010, p. 60).

A chegada ao assentamento é precedida da vida no acampamento que segundo Procópio:

moravam nos barracos de lona preta, e algumas repartiam moradia entre duas ou três outras. Estavam nucleadas por grupos de dez famílias, em Núcleos de Base. Os barracos eram geralmente construídos em grupo, compartilhando os trabalhos para sua edificação. Nesse tipo de construção de habitação, em períodos de calor os barracos são quentes ao extremo, podendo chegar rapidamente aos 40 graus de temperatura, e o contrário ocorre quando faz frio, chegando ao extremo. O material utilizado para a construção, a lona, de mais fácil acesso para pessoas em estado de precariedade social, devido a seu baixo custo, não suporta temperaturas muito altas por muito tempo, rasgando com facilidade. De outro lado, os ventos fortes e as chuvas também são capazes de danificar as leves lonas das moradias, sendo até mesmo levadas pela força do vento. Enfim, nos barracos de lona preta, as pessoas acampadas ficavam à mercê dos tempos mediados pela natureza, podendo perder suas casas a qualquer momento, do dia ou da noite. (PROCÓPIO, 2015, p. 29)

Os aprendizados para atuação coletiva no assentamento ocorrem primeiramente no acampamento. A luta cotidiana para a subsistência faz também que se crie uma outra consciência.

[...] a vida real é o acampamento que as próprias exigências da luta levantaram, por segurança e necessidade organizativa, a ter que, logo de início, reconstruir a vida social com outra ordem. Ali a linguagem reconstitui o sentido das palavras como: “assembleia”, “reunião”, “divisão de tarefas”, “núcleos”, “setores de serviços” etc. O modo de vida determina o modo como a consciência se desenvolve (BOGO, 2009, p. 11).

Os acampamentos podem ou não ser próximos as fazendas que serão adquiridas para a reforma agrária. No caso de Terenos - MS, desde da década de 1980 tem acampamentos e assentamentos. Sendo que existe atualmente 19 assentamentos e 03 colônia conforme quadro abaixo.

Tabela 1 Assentamentos e Colônias do Município

ASSENTAMENTOS INCRA	
	Nº FAMÍLIAS
Campo Verde	60
Patagônia	128
Paraíso	98
Nova Querência	158
Santa Mônica	714
Sete de Setembro	158
Ouro Branco	87
ASSENTAMENTOS CRÉDITO FUNDIÁRIO	
	Nº FAMÍLIAS
Associação Guariroba	25
Associação Pontalzinho	10
Associação Contato	18
Associação Guaicurus	30
Associação Nova Canaã	30
Associação Assafur	30
Associação Sertaneja	30
Associação Nova Aliança	110
Associação Terra Boa	30
Associação Nova Era	30
Associação São Pedro do Sul	104
Associação Gomes Rolim	110
COLÔNIAS	
	Nº FAMÍLIAS
Colônia Jamic	Sem Informações
Colônia Velha	Sem Informações
Colônia Nova	Sem Informações

Fonte: Sanches, 2013, p. 81; Terenos, 2016. Linhas de Transporte Escolar 2016.

A relação entre cada assentamento e a sede do município depende de muitos fatores como o tempo de implantação do assentamento e a sua organização interna; a distância, a qualidade das estradas e os serviços públicos implantados. Assim como a rede de telefonia e a forma de fazer circular as informações entre os diversos regiões do município.

Procópio 2015, afirma que a informação que chega à cidade, muitas vezes é distorcida ou poluída. Trata-se de relatos carregados de um discurso ideológico que induz a população há acreditar que

as terras foram assumidas de forma criminosa. A autora sugere a existência de uma luta sem fim, revivida e recontada por aqueles que vivem nos assentamentos e tentam sobreviver neles.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A história de oziel, que é poetizada, afirmada e cravada por Zé Pinto tem tudo haver com essa história, uma história viva e sentida até hoje por quem conta e reconta. Ao pouco que se pode contar, ouvir e falar, sobre a contextualização deste que agora não mais é povoado, e que se mensura município, sede de um ente federado, não mais pertencente a Mato Grosso, mais revigorado por uma nova república denominada Mato Grosso do Sul, revivo as valiosas ferramentas históricas, sejam elas evidenciadas por um contexto de colonização ou de si próprio de lutas.

Naquele tempo, eu nos meus quase 23 (vinte e três) anos, busquei ainda na conjuntura que o presente vivia, de um desenvolvimento capitalista, de onde ainda poucos detém o poder, e muitos a mercê! Onde nas atuais convicções, as políticas sociais são percas de tempo.

A luta pela terra, não apenas diz respeito aqueles que tão, tão distante da cidade estão, mas sim de todos e todas, as políticas públicas que não chegam, seja por logística ou interesse público.

As indagações aqui enunciadas, não deverão ser esquecidas, devendo em outro momento propiciar novos olhares para esse território.

O Trabalho defendido em 2017 e nesse recorte temporal da contemporaneidade dá ênfase ao território, a luta e a garantia de direitos sociais, em si mais especificamente aos das crianças e adolescentes de territorios rurais aqui não mensuradas por ser outra conversa. Mas, se

dar ênfase ao um embate esquecido no tempo, na correria da própria globalização, nesse território que são esquecidos pelas cidades, mas que deram ao mundo o seu início na escala de desenvolvimento. Essa é uma história para ser recontada em rede, de forma horizontal, olho a olho, ouvindo e falando, contextualizando e lutando, reescrevendo novos traços e sentidos para a vida social e os marcos da história de um povo e uma pequena cidade no interior, para jamais ser esquecida no tempo.

REFERÊNCIAS

- BOGO, A. **O MST e a cultura**. Ademar Bogo. São Paulo: MST, 2009.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **Terenos**. 2017. [online] Disponível na internet via URL: <http://cod.ibge.gov.br/NRK> Arquivo consultado em 04 de Setembro de 2017.
- PROCÓPIO, S. **As mulheres do assentamento Émerson Rodrigues/ MST: os desafios na produção de alimentos e a construção da soberania alimentar**. / Sandra Procópio. – Dourados, MS : UFGD, 2015.
- SANABRIA, N. **Terenos - Sua História, Sua Cultura, 1914 - 2012**. Terenos/MS: Ed. Limitada, 2012.
- SAUER, S. **Terra e modernidade: a reinvenção do campo brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

CAPÍTULO 7

A ATUAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DO ENSINO SUPERIOR COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO EMANCIPADORA DO ACADÊMICO

Ronaldo de Campos Gastaldo¹

¹ Possui Graduação em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande – MS, (2016). Pós-graduação em Docência no Ensino Superior também pela UCDB (2021). Professor e Coordenador de Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Escola Estadual Prof. Celso Müller do Amaral, Dourados – MS (2022-2023).

INTRODUÇÃO

A questão da atuação pedagógica do docente e a relação com a emancipação do estudante enquanto formação e transformação humana é a reflexão central que aqui trago presente. De modo geral quando nos reportamos à prática docente logo nos vem à mente o modo como o professor deve conduzir suas aulas, ou ainda, em outras palavras, a metodologia, a didática e/ou um criterioso planejamento que aquele deve munir-se para que sua prática seja concretizada, e conseqüentemente tenha almejado êxito e ao término de suas atividades curriculares tenha tido a sensação de missão cumprida com sucesso.

É evidente que tais aspectos são indispensáveis e de suma importância para que o professor consiga alcançar satisfatória atuação docente. Contudo, estes por si só não são eficazes se visto pelo ângulo da complexidade e totalidade da educação, no mais profundo e real sentido deste termo. Bem se sabe que educar não basta concluir um curso acadêmico ou especializar-se em alguma área da educação, onde se aprende diferentes abordagens metodológicas e didáticas, e colocá-las em prática. Educar ou ensinar vai muito mais além.

Como nos diria Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (1996, p. 13). Em outras palavras Freire quer nos dizer que o professor, que a princípio, é aquele que ensina, não deve despejar seus saberes nos seus educandos pensando ele que aprenderão tudo, como se fossem depositários daquele conhecimento. Pelo contrário, em primeira instância, o docente precisa suscitar e valorizar em seus estudantes o desejo de aprender, a vontade de buscar mais e mais, o querer produzir conhecimento e assim poder contribuir com mais

conhecimentos. Sendo assim, o professor coloca-se como mediador do conhecimento e deixa aquela posição de transferidor.

“Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando curiosidade epistemológica, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto” (FREIRE, 1996, p. 14).

A pesquisa científica no Ensino Superior, bem como outros modelos de prática educativa e pedagógica transformadora, é um exemplo muito claro da dinâmica proposta para uma efetiva formação emancipadora do acadêmico. Neste sentido, o papel do professor é provocar, problematizar, motivar, disponibilizar os meios necessários e dar suporte ao estudante, para que de fato a sua atuação enquanto docente seja aquela que suscita a capacidade de aprender. Trata-se, portanto, não de uma relação meramente passiva por parte do educando. Ele agora afora os instrumentos para produzir o conhecimento, mas já não se contenta somente com isso, pois tais instrumentos deverão impulsioná-lo a buscar conhecer mais e mais, e conseqüentemente produzir novos conhecimentos.

Tratando-se destes novos conhecimentos produzidos, ou ainda, o resultado dos estudos e pesquisas, na grande maioria das instituições, é apresentado e compartilhado com os demais pesquisadores e sociedade em geral. Além daqueles encontros entre os círculos mais próximos de pesquisadores, cada programa de pesquisa tem seus encontros mais amplos, como por exemplo, seminários, congressos, entre outros, onde os acadêmicos, docentes e pesquisadores expõem suas produções, tanto em termos de conhecimento quanto em ações práticas e empreendedoras, isto é, propostas concretas que beneficiarão a sociedade, geralmente na modalidade de oficinas. Do ponto de vista da educação, as universidades contam com o projeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), onde os acadêmicos de licenciatura podem aprender na prática

dedicando-se ao estágio nas escolas públicas, comprometendo-se desta forma, quando graduados, a exercer o magistério. E por fim, grande maioria das universidades oferecem os projetos de extensão que nada mais é do que colocar em prática aquele conhecimento adquirido na universidade, visando sempre contribuir para desenvolvimento intelectual, social, cultural, econômico, ético e estético da sociedade.

Diante do exposto, cabe novamente nos questionar: como o professor, formador de consciências, pode contribuir para a emancipação do estudante? O objetivo desta produção não é apresentar uma padronização do processo ensino-aprendizagem, quiçá uma receita pronta, mas afinal proporcionar uma reflexão a respeito deste artifício.

1. A EMANCIPAÇÃO DO ESTUDANTE

Emancipação, no sentido mais amplo da palavra, não se trata daquela libertação do estudante como uma alforria da instituição de ensino e de seus professores ao término de seu curso ou ano letivo, mas a compreensão de tornar-se autônomo frente ao aprendizado adquirido. O estudante passa a ser protagonista de seu saber. Esta emancipação é qualitativa, onde educandos e educadores se permitem serem criadores, investigadores, sedentos de saberes, inovadores, progressistas e revolucionadores do conhecimento.

Na filosofia socrática chamamos esta emancipação de *maiêutica*, método em que consiste a elaboração de inúmeros questionamentos por parte do mestre, induzindo o aprendiz a buscar suas próprias verdades, ou ainda, a buscar respostas para tais questionamentos levantados pelo mestre. Neste ato reflexivo e busca por respostas ou verdades, no âmbito da educação, o estudante não só aprende como também exerce sua capacidade criativa e frutiva produzindo novos

saberes, novos conhecimentos. Maiêutica, neste sentido, é a arte de fazer aflorar novas ideias. Como num parto, o professor faz dar à luz o conhecimento, isto é, prepara o estudante a conceber o conhecimento e dar um salto para a emancipação de si. Vejamos que:

“Sócrates, em 149a, para extrair de Teeteto uma definição de conhecimento, revela a ele e a Teodoro o seu modo de ajudar os jovens a gerar seus saberes. Sócrates relata que aprendeu isso com sua mãe, uma parteira. A parteira, em geral, explica ele, só pode ser uma mulher que já pariu e que não pode mais gerar filhos, uma vez que o gênero humano não é capaz de adquirir uma arte sem antes tê-la experimentado (149c). Graças a este saber, a parteira consegue identificar a mulher mais jovem que passa por uma situação similar à que ela já passou e, por meio de drogas e encantamentos, pode conduzir à geração de filhos saudáveis ou, quando for o caso, guiar o aborto (149b-c). Além disso, aponta Sócrates, a parteira, por possuir a arte da geração, julga-se capaz de participar do processo de fecundação, indicando qual a melhor mulher para determinado homem e o melhor homem para determinada mulher. Esta última arte, diz Sócrates, é aquilo de que ela mais se orgulha (149d)” (GABIONETA, 2015, p. 36).

Podemos perceber claramente neste processo maiêutico o importante papel do professor. Veja que o lançar da tese é fundamental para o exercício da capacidade fruitiva e criadora do aluno. O questionamento exige respostas e o estudante será impelido a buscar respostas. O professor no simples ato de questionar, de levantar um problema, já está contribuindo para a formação emancipadora do estudante. Neste momento entra em ação a didática e pedagogia deste professor, aquele conhecimento que a parteira possui, segundo Sócrates. Não basta lançar o problema, mas indicar os meios e instrumentos para que alcancem as respostas e conseqüentemente consigam de fato apreender o conhecimento, ou seja, tomar posse deste, e a partir daí suscitar novos saberes. Em outras palavras, assim como a parteira auxilia a mãe a gerar filhos saudáveis, o professor tem a missão de zelar pela gestação de saudáveis frutos, o verdadeiro conhecimento.

De tal modo, podemos compreender o que Paulo Freire nos diz:

“(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos” (FREIRE, 1996, p. 15).

Neste processo de emancipação, o educador é essencial ao educando, bem como o educando o é para o educador. Quando o sujeito da aprendizagem – o estudante, toma consciência de seu papel *in loco*, e assimila o saber ao fazer (inter-relação entre teoria e prática), ele compreende e assume seu processo emancipatório. O simples fato de o estudante produzir um texto, por exemplo, orientado por saberes anteriores, pelos seus professores e guarnecido de referenciais teóricos, sem sombra de dúvidas este está gestando novos conhecimentos, o auge da emancipação.

Jean Piaget, entre outros estudiosos, defende que o conhecimento é construído gradualmente à medida que o sujeito, o estudante, interage com o objeto ou o meio. Nesta relação o professor não é aquele que simplesmente ensina um determinado objeto de conhecimento, mas o que desperta no estudante a vontade de aprender mediando e orientando todo o processo de ensino-aprendizagem. Ele não detém o conhecimento e meramente transfere ao estudante, mas contribui diretamente como mediador.

Esta relação educador-educando deve acontecer da forma mais efetiva e harmoniosa possíveis. Dom Bosco¹ chamará esta pedagogia de metodologia ativa. Metodologia esta em que o estudante é convidado a ser protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, onde o

1 Santo católico italiano conhecido como Pai e Mestre da Juventude, padroeiro dos jovens e estudantes. Dom Bosco criou o Sistema Preventivo, método baseado em três princípios: razão, religião e amor.

professor propõe variadas atividades que despertam nos estudantes o interesse em buscar o conhecimento, aliando a teoria à prática. A experiência empírica é, portanto, imperativa quando se trata de uma melhor compreensão e fixação do conhecimento.

2. A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR

O docente do ensino superior, não diferente de qualquer outro professor, tem a missão de mediar o conhecimento produzido pela humanidade e suscitar em seus estudantes o desejo de transformar a história, bem como consequentemente dar sentido a existência destes enquanto seres humanos. Todo aquele conhecimento produzido pela humanidade deve ser internalizado pelo acadêmico enquanto indivíduo humano para humanizar-se. O professor neste sentido é um formador de consciências. Consciências estas que impulsionarão os indivíduos a transformarem a *práxis* humana, isto é, protagonizar a sua/nossa história.

É importante ressaltar que no exercício da prática docente o professor deve tomar a teoria com a prática não de forma antagônica, mas em perfeita unidade e conformidade. Teoria e prática são complementares, e cabe ao professor no exercício do magistério fazer o trabalho de ilustrar e exemplificar aquele conhecimento transmitido, a fim de que o estudante possa melhor compreender e transformar a sua realidade, seja no campo do trabalho, da cultura ou da socialização. Esta transmissão e conformidade da teoria com a prática se dá através de meios que o professor do ensino superior deve conhecer e colocá-los em prática para que a formação emancipadora do acadêmico seja efetiva e verdadeiramente concretizada. Para além de receitas prontas de como lecionar, o professor deve conhecer as necessidades de seus estudantes e adaptar constantemente sua didática, isto é, ter autonomia de sua prática docente. Segundo Madeira (2015), o professor deve

propor-se uma transformação, buscando meios para sua formação docente, tais como:

- a. Cursos de formação docente. Exemplo claro, são as pós-graduações (*lato sensu* e/ou *stricto sensu*);
- b. Núcleos de apoio pedagógico. Geralmente articulados pela instituição de ensino para dar assistências aos professores e estudantes com dificuldades;
- c. Grupos de apoio mútuo. Articulados pelos próprios docentes como uma forma de se ajudarem entre si, compartilhando suas experiências;
- d. Residência pedagógica e estágio pedagógico. O que acontece, por exemplo, para os acadêmicos de licenciatura com o estágio supervisionado, onde o futuro professor pode acompanhar a prática docente de um professor em classe da rede municipal ou estadual de ensino; ou ainda, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid);
- e. Projeto intramuros de melhoria da prática pedagógica. Assessoria didático-pedagógica por parte da instituição de ensino para os professores iniciantes, como por exemplo, seminários e outros programas de formação e aperfeiçoamento da prática docente;
- f. Congressos e jornadas;
- g. E usar de plataformas on-line, como ferramenta e suporte inovador de suas aulas.

Estes são alguns meios que podem ajudar os docentes do ensino superior na missão da transmissão do conhecimento e conseqüentemente, da emancipação do acadêmico, fazendo-o assim um agente da transformação social, libertando-o da opressão esmagadora das consciências. Conforme Agostini (2019), a *práxis* sem dúvida precisa ser autêntica para libertar tal consciência, emergindo assim da domesticação rumo a inclusão crítica da realidade social. Isso se concretiza pela “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2014, p. 52). É necessário um processo de conscientização (e o professor é um dos principais mediadores), isto é, o indivíduo que recebe o conhecimento deve impreterivelmente tomar posse da realidade, transformando-se num sujeito crítico, capaz de transformar a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na prática, sabemos que nem sempre a *práxis* transformadora que deve contribuir para a emancipação e transformação social do indivíduo, acontece como deveria. No ensino superior, bem como em todas as outras instituições controladas pelo Estado, enquanto poder centralizador e conservador, tornou-se submisso à política capitalista. A real missão da educação superior é camuflada por outros objetivos estratégicos da classe dominante. O conhecimento torna-se uma mercadoria e o estudante dilui-se neste processo tornando-se também em mera mercadoria. A pessoa humana “é rebaixada a objeto da classe dominante, a serviço da burguesia” (AGOSTINI, 2019, p. 201), dificultando e quase sempre anulando a capacidade crítica da realidade. Trata-se de uma pedagogia desumanizadora onde o indivíduo e nem o contexto da realidade são levados em consideração.

Exemplo marcante disso vemos constantemente nos jornais e em outros meios de comunicação, quando alguém se propõe acusar este poder repressivo da classe dominante é taxado de subversivo, vez que este é calado e repreendido pelos interesses dominantes. Quando alguém requer seus privilégios, que lhes são de direito, é reprimido de participar ativamente das decisões coletivas e silenciado, para não interromper a ordem do sistema de exploração. Enquanto a minoria opta por lutar como indivíduos que querem a transformação social, emancipados, portanto, a maioria prefere curvar-se a este sistema de domesticação, eximindo-se de sua responsabilidade de fazer história.

Com isso, podemos afirmar que o ensino superior, no sentido lógico de ser, contribui para tal transformação do indivíduo quando é autêntico mediador do conhecimento que o leva a um compromisso histórico. Contudo, mesmo que aberto os olhos para tal consciência, esta é de inteira autonomia do indivíduo. Ele pode escolher trilhar

caminhos distintos: aquele em que o indivíduo assume com afinco seu protagonismo histórico, crítico e social, ou o de omitir-se, fazendo-se cego à realidade que o cerca, sem pretensão nenhuma de transformá-la, acomodando-se e vivendo numa órbita vegetativa, temendo sua verdadeira liberdade, sua autêntica emancipação. E como vimos, o professor tem papel fundamental nesta decisão.

Como proposta de reflexão para tal problemática da capacidade crítica da realidade ou análise conjunta da realidade social é oportuno trazer presente o alvitre pedagógico do filósofo Theodor Adorno². Levando em consideração a premissa anterior de que a pedagogia desumanizadora é aquela na qual o indivíduo e nem o contexto da realidade são levados em conta, Adorno propõe basicamente dois princípios basilares para que de fato a educação seja genuinamente emancipadora: a) elaborar o passado³, e assim, b) compreender o presente histórico dando-lhe novo sentido de emancipação. Em outros termos,

“O núcleo desta experiência reside na compreensão do presente como histórico e na recusa de um curso pré-traçado para a história, atribuindo-lhe um sentido emancipatório construído a partir da elaboração de um passado, que parece fixado e determinado apenas como garantia de sua continuidade, cujo curso precisa ser rompido em suas condições sociais e objetivas” (ADORNO, 1971, p. 11).

A educação para Adorno é parte da história da humanidade, e por isso, deve ser vista como pertencente ao processo social objetivo dela. O primeiro princípio parte da atenta elaboração do passado, isto é, é preciso conhecer o passado da identidade educacional em questão, pontuando minuciosamente quais projetos ou estratégias políticas pedagógicas foram eficazes e do mesmo modo, quais não

² Filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. Um dos expoentes da renomada Escola de Frankfurt, ao lado de Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros estudiosos. Autor da Dialética do Esclarecimento, a famosa Indústria Cultural.

³ Palestra no Conselho de Coordenação para a Colaboração Cristã-Judaica, 1959; publicado em Relato sobre a Conferência de Educadores, Wiesbaden, novembro de 1959 e em T. W. Adorno, Eingriffe (Intervenções), ed. Suhrkamp, 1963; transmitido pela Rádio de Hessen em 7 de fevereiro de 1960.

foram, para melhorá-las, se for o caso, ou não as reproduzir. O Projeto Político Pedagógico de uma determinada instituição de ensino deve estar imbuído de formação cultural. Esta, para Adorno, é o caminho da autonomia do indivíduo. Para filtrar tal formação cultural é preciso preferir pela verdadeira cultura e descartar eventuais ideologias que surgem e que quase sempre tomam espaço, ao invés da daquela seleta e pura cultura, que promove a emancipação, em vez da domesticação de consciências e perpetuação do monopólio destas, transvestidos de educação.

Para tanto, o Projeto Político Pedagógico em suma é construído pela comunidade educacional, isto é, por docentes, acadêmicos e em alguns casos, pelos próprios pais ou responsáveis do estudante. A sua construção, portanto, é democrática. Tal formação cultural é acertada por todos os interessados e não apenas por um grupo minoritário ou apenas um indivíduo. Há aí uma unidade entre os interesses individuais e os interesses gerais que norteiam a jornada pedagógica da instituição. Este envolvimento dos interessados é imprescindível e fundamental para que a educação seja de fato emancipadora. Pois “na estranheza do povo em relação à democracia se reflete a alienação da sociedade em relação a si mesma” (ADORNO, 1971, p. 35).

Elaborar o passado, para Adorno, implica também numa reeducação desde a base, os educadores, até uma clara e objetiva sociologia da educação nas universidades direcionada aos acadêmicos. “Em vez de se resumir a palavrório melancólico de segunda mão sobre o ser dos homens, a pedagogia deveria assumir a tarefa cujo tratamento insuficiente se critica com tanta insistência na *reeducation* (reeducação)” (ADORNO, 1971, p. 46). Tal reeducação pressupõe elaborar o passado para que assim, se criem possibilidades de uma desbarbarização⁴ da humanidade, isto é, criar condições de

4 Neologismo usado por Adorno para definir a perda da qualidade de barbárie, no sentido de dar civilidade; civilizar; reeducar para civilizar.

progresso, portanto, de não a deixar retroceder ao erro e ao fracasso. Tal progresso reside na transformação decisiva dessa sociedade em parceria com a escola, a universidade. Neste sentido a educação é o caminho mais pleno e saudável de uma verdadeira emancipação do indivíduo e conseqüentemente o curso da história da humanidade. Como diria Paulo Freire, é fundamental que haja uma “promoção da ingenuidade em criticidade” (FREIRE, 1967, p. 104), assim sendo, papel indispensável e importantíssimo do professor, para que seus estudantes/ acadêmicos travem uma relação específica de sujeito para com o objeto, ou ainda, de criação para recriação, e dessa maneira possam emancipar-se para o além-conhecimento.

REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 4ª ed. Editora Paz e Terra. Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1971.

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**/ Nilo Agostini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

Biografia de Dom Bosco. Disponível em: https://ebiografia.com/dom_bosco. Acesso: 16 de março de 2021, às 19:24.

Biografia de Theodor Adorno. Disponível em: https://www.ebiografia.com/theodor_adorno/. Acesso: 1º de abril de 2021, às 13:55.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 57 ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GABIONETA, R. (2015). **A maiêutica socrática com ‘união’ de teorias no Teeteto**. *Classica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, 28(2), 35-45.

MADEIRA, Miguel Carlos. **Ensinar na universidade: didática para professores iniciantes/** Miguel Carlos Madeira, Rosa Maria Alves da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica**. Primeiras aproximações. Editora:

Autores Associados. 1991.

_____. **Educação: do senso comum a consciência filosófica**. 13. ed. São Paulo:

Autores Associados. 2000.

_____. **A formação humana na perspectiva histórico-ontológica**. Revista

Brasileira de Educação. Vol. 15, n. 45. Rio de Janeiro set./dez. 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contraideologia**. São

Paulo: EPU, 1986.

_____. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho d’água, 2001.

_____. **A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, set./dez. 2006.

CAPÍTULO 8

A FILOSOFIA DA MÚSICA DE ADORNO

Ronaldo de Campos Gastaldo¹
Josemar de Campos Maciel²

1 Graduado em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco, UCDB, Campo Grande - MS (2016). Estudante não concluinte de Música pela Academia de Música Sonata, Campo Grande - MS (2014-2016). Pós-graduação em Docência no Ensino Superior também pela UCDB (2021). Professor e Coordenador de Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas na Escola Estadual Prof. Celso Müller do Amaral, Dourados - MS (2022-2023).

2 Graduado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas do Mato Grosso (1987); em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1991); mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (1999); mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1993) e doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2004). Atualmente, professor na Universidade Católica Dom Bosco: Mestrado em Desenvolvimento Local, Programa Master em Desenvolvimento Territorial Sustentável (Master STEDE) Erasmus Mundus/Erasmus Plus e Licenciatura em Filosofia. Estágio pós-doutoral em andamento (Estudos Culturais, EACH-USP) com o projeto Hospitalidade e Desenvolvimento: Por uma pequena conversação.

RESUMO:

Theodor Adorno é um grande nome na filosofia do século XX, mas nem sempre é explorado como músico. Neste trabalho explora-se um pouco essa intersecção. A filosofia da música de Adorno é explorada em algumas linhas introdutórias, com atenção especial às reflexões emanadas da sua experiência e habilidade como músico, interessado, sobretudo na música dodecafônica, e em sua concepção libertadora da atividade criativa e frutiva na música. A fonte para a reflexão são textos do próprio Adorno, entre crítico musical, filósofo e músico. Com este trabalho, espera-se contribuir para o entendimento da intersecção entre a estética musical e a discussão sobre a alienação e a dissolução do saber no gosto estético esvaziado pelas relações de consumo mais superficiais, quais transformam o sujeito estético em mero consumidor passivo, levando-o conseqüentemente à sua própria decadência, que a música dodecafônica mostra e demarca. Música esta defendida por Adorno como tentativa de solucionar o problema da totalidade, enaltecendo a subjetividade do sujeito.

ABSTRACT:

Theodor Adorno is a great name in 20th century philosophy, but is not always explored as a musician. This work explores this intersection somewhat. Adorno's philosophy of music is explored in some introductory lines, with special attention to the reflections emanating from his experience and ability as a musician, interested, especially in twelve-tone music, and his liberating conception of creative and frutitive activity in music. The source for the reflection are texts of Adorno himself, between musical critic, philosopher and musician. With this work, we hope to contribute to the understanding of the intersection between musical aesthetics and the discussion

about alienation and the dissolution of knowledge in aesthetic taste emptied by the more superficial consumer relations, which transform the aesthetic subject into mere passive consumer, leading -or consequently to its own decadence, which twelve-tone music shows and demarcates. Music is defended by Adorno as an attempt to solve the problem of totality, praising the subjectivity of the subject.

Palavras-chave: 1. Filosofia da música. 2. Técnica dodecafônica. 3. Totalidade. 4. Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Basta um olhar impressionista para perceber, na história da humanidade, que a música perpassa praticamente todas as atividades da humanidade. Desde a religião, à matemática; do teatro, à cosmologia, à literatura, à poesia, à arquitetura, e assim por diante, é difícil encontrar campo de atividade do homem que não seja acompanhado pela presença da música. E é por este motivo que a música é tão complexa quando se trata de examinar suas infinitas variações de conceitos porque é um tanto particular ao pensamento de cada indivíduo.

No entanto, dentro desta pluriformidade musical é possível estabelecer alguns conceitos básicos que permeiam toda a construção histórica-musical. A saber, o entendimento de música como ciência em forma de aritmética ou matemática, as teorias relacionadas à instrumentalização, as teorias de harmonias, voz, as teorias linguísticas e as respectivas implicações destas e expressas pelo sujeito.

Segundo Lia Tomás (2002), a base fundamental sobre a qual se sustenta a concepção musical e perpassa toda a sua pluriformidade é a compreensão desta como um fenômeno sonoro, qual percebemos sensorialmente, o som. É no som que reside os sentimentos, a dimensão

ontológica e cosmológica do ser se dá aí. Como nos diz Ludwig Feuerbach (2007, p. 37) em *A Essência do Cristianismo*: “A música é o idioma do sentimento – o som é o sentimento puro, o sentimento que se comunica consigo mesmo”.

Desde os filósofos gregos clássicos, por exemplo, em particular, os pitagóricos, é que se buscava teorizar a música. No caso, não o fenômeno sonoro em si, mas a organização lógica que os seus elementos apresentam. A preocupação aqui não é observar o indissociável som da música em si, mas é um olhar para dentro, para o intelecto, para a razão de este fenômeno tornar-se perceptível aos ouvidos em sons. O objeto estudado era o raciocínio lógico. O que buscavam era saber o que há além deste fenômeno sonoro, a harmonia que há entre o *logos* (enquanto organização lógica do pensamento) e o *cosmos* (TOMÁS, 2002).

Etimologicamente a palavra música (*mousiké*, do grego) significa *mousa* traduzido para o português como musa. As musas para os gregos eram consideradas as guardiãs da educação, a tudo que se referisse à poesia, música, dança e literatura. Podemos afirmar, portanto, que *Mousiké* é a arte das musas¹.

Música é o conhecimento prático da melodia, que consiste de som e canção, e é chamada música por derivação das Musas. Visto que o som é uma coisa dos sentidos, passa para um tempo passado e é impresso na memória. A partir disso, pretendiam os poetas que as Musas fossem filhas de Júpiter e Memória. A não ser que os sons sejam carregados na memória pelo homem, elas perecem porque não podem ser escritos (SEVILHA, 560-636 *Apud* TOMÁS, 2002, p. 15).

Fica claro que para os gregos o que está no intelecto ou o que se pensa – pressupostos musicais – está dissociado da teorização e por fim, da expressão musical: a audição musical, o que se escuta. A música em si trás um ar artístico que não é teorizado, ela esconde algo que é

1. Etimologia da palavra música. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Música>. Acesso em: 21 de Abril de 2016.

metafísico, subjetivo. A música emana dos sentidos e o som será a expressão ou o diálogo destes sentidos a que pertencem ao homem. A expressão musical – o som – é cunhada na memória e esta dá sentido e valor ao gosto musical. Se o homem não preserva esta memória este a perde para sempre no vazio do esquecimento. É desta ideia que talvez tenha surgido a necessidade de teorizar ou registrar a música, serão os signos musicais e mais tarde a origem da notação musical² no século IX com Guido d'Arezzo³.

Paralelo a esta concepção grega é que apresento a filosofia da música de Theodor Wiesengrund Adorno que de certa forma tenta resgatar o gosto musical em sua crítica a nova estética surgida em seu contexto histórico, o declínio a que chamará de regressão da audição.

Toda a vez que a paz musical se apresenta perturbada por excitações bacânticas, pode-se falar da decadência do gosto. Entretanto, se desde o tempo da noética grega a função disciplinadora da música foi considerada um bem supremo e como tal se manteve, em nossos dias, certamente mais do que em qualquer outra época histórica, todos tendem a obedecer cegamente à moda musical, como aliás acontece igualmente em outros setores. (ADORNO, 1996, p. 65)

Adorno trabalhará enfaticamente o elemento indissociável da música que é a dimensão contemplativa ou a dimensão *noética*, isto é, a dimensão espiritual do homem, a valorização dos fenômenos da consciência e da vida humana, que aos poucos foram perdidos pelas ideologias midiáticas defendidas pela globalização⁴, transformando-se por sua vez em elemento de consumo, de comercialização – a *bacantização*⁵ do verdadeiro sentido da música.

2 Origem da Notação Musical/ Partitura. Disponível em: <http://musiteca.com.br/aguarde/origem-da-notacao-musicalpartitura/>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

3 Guido d'Arezzo (992 – 1050): monge italiano, regente do coro da Catedral de Arezzo (Toscana) e reformador na música ocidental.

4 MARINHO, Danilo Adriano. "A musicalidade e suas interfaces com os processos comunicativos".

5 Bacantização: neologismo relativo à bacante, que era uma sacerdotisa de Baco; mulher sem pudor; orgiaco; dissoluto. Neste contexto pode ser traduzida como desordenamento.

VIDA E OBRA

Theodor Wiesengrund Adorno, musicólogo, filósofo, sociólogo, crítico musical e um dos mais importantes críticos da deterioração da sociedade pelo capitalismo, alemão, nascido em Francoforte (Frankfurt Am Main) em 11 de setembro de 1903 e falecido em 6 de agosto de 1969, em Visp, na Suíça, provindo de família culta teve já na infância contato com a música, anterior à Filosofia, primeiramente ao ouvir a belíssima voz lírica de sua mãe Maria Calvelli Adorno, cantora profissional que provavelmente ensaiava em casa as *lieder*⁶ populares e óperas, e depois ao som das sinfonias de Beethoven e Mozart ao ouvir sua tia tocar piano, o que lhe impulsionou ao apreço musical e constituição de sua formação filosófica-musical (PUCCI, 2003).

Aos 14 anos começava um debate filosófico com um amigo mais velho sobre a Crítica da Razão Pura de Immanuel Kant. Em 1918 estudou com Siegfried Kracauer⁷ e posteriormente no Colégio Kaiser-Wilhelm em Francoforte (atualmente Escola Freiherr-vom-Stein). Teve aulas de música com o professor Bernhard Sekles⁸ e a partir daí dispara a escrever sobre a crítica e estética musical. De 1920 a 1924 estuda musicologia, filosofia, sociologia e psicologia na Universidade de Frankfurt (Universidade Johann Wolfgang Goethe). Em 1923 Adorno defende sua tese de doutorado em Filosofia sobre Husserl. Em 1924, Adorno e outros estudiosos fundam o Instituto de Pesquisas Sociais, mais tarde chamado de Escola de Frankfurt. Em 1925 dá continuidade aos seus estudos musicais com os professores Alban Berg⁹ e Eduard Steuermann¹⁰ (círculo vanguardista de Schoenberg) em Viena, Áustria. Entre 1928 e 1929 assumiu a edição da revista *Anbruch*, de Viena,

6 *Lieder*: canções, do alemão.

7 Siegfried Kracauer (8 de fevereiro de 1889 - 26 novembro de 1966): professor, escritor, jornalista e teórico sociológico do cinema alemão.

8 Bernhard Sekles (20 de março de 1872 - 08 de dezembro de 1934): compositor, maestro, pianista e pedagogo.

9 Alban Berg (9 de Fevereiro de 1885 - 24 de Dezembro de 1935): compositor e romântico do dodecafonismo.

10 Eduard Steuermann (18 de Junho de 1892 - 11 de Novembro de 1964): pianista e compositor.

dedicando-se em especial a música moderna radical. Em 1932 escreve o ensaio *A Situação Social da Música* (PUCCI, 2003).

Em 1933 foge do regime nazista para Inglaterra onde leciona Filosofia em Oxford e o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt será transferido para Genebra. E em 1938 exila nos Estados Unidos, onde teve contato com o desregrado consumismo de Califórnia, quando começa a questionar a cultura de massa propagada pelo capitalismo. Crítica esta que terá lugar muito especial na construção de seu pensamento quanto à concepção de filosofia da música, escrevendo o ensaio *Sobre o Caráter Fetichista da Música e a Regressão da Audição*, e posteriormente, em 1940/41, outro ensaio *Sobre Música Popular* (PUCCI, 2003).

Adorno se ocupará de toda a sua vida com seus estudos, em pesquisas, escrevendo diversas obras, apoiando e dirigindo variados projetos sobre filosofia, sociologia e outras afins.

Veremos que estas e outras influências que provavelmente escapam ao estudo, serão imprescindíveis para a formação filosófica de Adorno. Sua filosofia atonal, que se atem a rigorosidade da composição deve-se a este aporte teórico e experimental que adquiriu. “Estudei filosofia e música. Em vez de me decidir por uma, sempre tive a impressão de que perseguia a mesma coisa em ambas” (ADORNO, 2002, p. 9), disse o próprio autor.

Dentre as principais obras de Adorno destacamos seu ensaio *A Situação Social da Música*, escrito este que incentivará o nosso filósofo a escrever outros textos como: *Sobre o Jazz* (1936), *Sobre o Caráter Fetichista da Música e a Regressão da Audição* (1938), *Fragmentos Sobre Wagner* (1939) e *Sobre Música Popular* (1940-1941). Entre 1933 e 1947 como já foi citado anteriormente, após Adorno ter refugiado na Inglaterra, muda-se para os Estados Unidos e aí escreve juntamente

com Horkheimer¹¹ a Dialética do Iluminismo (1947) período em que lecionava na Universidade de Oxford, uma de suas obras mais importantes que trata sobre a redução da humanidade pela indústria cultural. Neste mesmo período o filósofo também desenvolveu um projeto de sociologia empírica, a chamada A Personalidade Autoritária (1950). Neste ano Adorno volta a Francoforte e assume a coordenação do Instituto de Pesquisas Sociais (Escola de Frankfurt) (ADORNO, 1980).

Apesar da crítica pessimista em relação às artes e de modo geral a cultura da sociedade comprometida pelo consumismo, pelo capitalismo ou ainda, pela indústria cultural, Adorno escreve a Teoria Estética (1968), como tentativa de mostrar que nem tudo estava perdido, que era possível reverter a situação aparentemente fracassada; que havia salvação para a humanidade (ADORNO, 1980).

A FILOSOFIA DA NOVA MÚSICA

É notável que desde o mais antigo conceito de música com os gregos até a contemporaneidade a música tem sofrido várias mudanças, sejam elas em relação à audição, ou a forma, ou a composição, ou a harmonia, ou a voz, ou ao sistema tonal, enfim. A música até meados do século XVII segue uma linha que teve suas peculiaridades tal ponto de ser taxada como música tradicional. A tradição musical que a muitos músicos e compositores ao longo da história se prenderam, defendendo tal originalidade da música acaba-se por fechar ao novo. A novidade para os tradicionais é sempre vista de um mesmo ângulo. Esta deveria encaixar-se ao modelo vigente, o modelo tradicional, como por exemplo, o sistema tonal.

E aqui cabe falarmos em filosofia da música, uma vez que esta ganha expressão e significado diante a preocupação daqueles que

¹¹ Max Horkheimer (14 de fevereiro de 1895 – 7 de julho de 1973): filósofo e sociólogo alemão.

a consideram e a estudam com veemência. Construir tal filosofia é refletir sobre esta quando a mesma influencia ou interfere diretamente na vida do homem. E é aí que temos, por exemplo, o primeiro problema filosófico que perpassa o universo musical: qual a relação do homem com a música? Estamos diante de um problema ontológico e/ou metafísico.

Adorno ocupar-se-á desta problemática. E diante uma crítica à música moderna ele ao invés de desconsiderar a tradição musical, ele irá valorizá-la e propor novas técnicas já experimentadas por estudiosos que o antecedeu para incrementá-la e dar um novo rosto à música, dar espaço ao novo propondo um novo ângulo, se descoberto, rejeitado por não enquadrar-se no modelo tradicional fechado. Adorno abrirá horizontes nunca desbravados antes com tamanha coragem de afrontamento à tradição. Abrirá todos os cenários musicais que foram esquecidos pelo então fechamento, em função da tradição musical. Para tal, Adorno toma a teoria hegeliana da dialética e inverte-a: “a dialética não nos proporciona a verdade do mundo, mas sim o conhecimento de sua falsidade” (THOMSON, 2010, p. 12). Num sentido nietzscheniano Adorno quer destruir sistemas, mas ao contrário também quer construí-lo.

Nesse contexto, o filósofo defenderá um “profundo sentido de ambivalência sobre a possibilidade da liberdade no mundo contemporâneo” (THOMSON, 2010, p.10), propondo o novo como forma de abertura para o múltiplo. A autonomia do indivíduo frente à sociedade se dá quando este se propõe a romper com o velho, limite que precisa ser superado, no caso da música a linguagem tonal.

Chama-se novo o que não pertence ao âmbito das coisas familiares e conhecidas; por isso ir em busca do novo significa, de alguma forma, afastar-se de casa e adentrar-se em um país estrangeiro. Logo, novidade significa estranheza, diferença, desenraizamento e viagem (PIANA, 2001, p. 10).

A nova música caracterizar-se-á pela diferenciação na técnica romântica, centrada, por sua vez, no indivíduo, no drama humano e em suas emoções, na subjetividade. A autonomia da nova música é sustentada com o afastamento da concepção de música tradicional, fechada em si, em seu sistema de totalidade e objetividade. É preciso romper com o círculo do sistema. O rompimento deste dá lugar à música popular. Que ao ver de Adorno resolve em parte o problema da totalidade e objetividade musical, pois aquela rompe com a música erudita. De um lado alcançando a liberdade tão almejada, uma vez que dá espaço de novas expressões musicais; um outro tempo musical rico do passado. De outro reduzindo a música a mera funcionalidade e produto comercial. Esta diferenciação de música padronizada e não padronizada fica clara em seu ensaio *Sobre o Jazz* (THOMSON, 2010).

Na música padronizada, o todo da peça é dominante frente a suas partes ou, em outras palavras, como a peça se conforma a suas expectativas, o ouvinte sempre sabe o que virá em seguida; na música não padronizada, exemplificada, para Adorno, pela obra de Schoenberg, não é este o caso (THOMSON, 2010, p. 66).

Com efeito, a música padronizada é fechada em si, apresentada sob a perspectiva finita, modelo filosófico hegeliano. O todo é falso e alienante para Adorno. A música não deve ser estática, objetiva ou funcional. Ao contrário ela deve desenvolver-se como *shocks*¹², isto é, surpreender o ouvinte – o sujeito estético; aquilo que atravessa o homem. “O passo da organização musical à subjetividade autônoma realizou-se graças ao princípio técnico do desenvolvimento¹³” (ADORNO, 2011, p. 51). A dança, por exemplo, trará este efeito com o ato acrobático, carregada de dramaticidade, como elemento de ação, já reconhecido anteriormente por Aristóteles na representação teatral da *Poética*. Percebida de igual modo na interpretação do coreógrafo e bailarino russo Vaslav Nijinsky da obra *Sacre Du Printemps*¹⁴ de Stravinski. O

¹² Choques.

¹³ Elemento surpresa; tensão entre a expectativa e o resultado real; um deleite da mente; formas dinâmicas da expressão subjetiva.

¹⁴ Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=dVPIkvHKRB8.

shock segundo Adorno, separa o homem da música e neste instante ele se percebe, e é posto frente ao objeto estético. É preciso que o sujeito separe-se do material musical e reconquiste sua autodeterminação das verdadeiras intenções frente à obra que ouve. O sujeito já não se dilui na obra musical. Acontece de fato a verdadeira conciliação da linguagem musical com o homem ou ainda a consonância da música e sociedade; aquele é capaz que recuar (quase isolado) e criticá-la a partir de sua realidade, e não estacionar nesta (alienação). “A música inexorável representa a verdade social contra a sociedade” (ADORNO, 2011, p. 99). Aqui temos o caráter subjetivo da expressão musical, o que a música não padronizada oferecerá; a tão almejada autonomia do sujeito ou consciência estética; deixar valer a potência da imaginação. A obra que não leva o sujeito estético a pensar não tem seu valor estético. “Dispor conscientemente de um material natural significa a emancipação do homem com respeito à coação natural da música e a submissão da natureza aos fins humanos” (ADORNO, 2011, p. 57). A música já não é mais dominadora, mas passa a ser dominada pelo homem. O indivíduo já não é mais passivo da realidade que o cerca. Filosofia esta tão bem representada por Schoenberg em suas obras, como por exemplo, em *Concerto per violino e orchestra* op.36 (1936)¹⁵ ou *Die Glückliche Hand* op. 18 (1910-1913)¹⁶.

O problema que Adorno aborda é o do surgimento das novas sonoridades; a música de vanguarda que apresenta uma nova matéria sonora. Matéria esta que ameaça o sistema tonal por ser “pura e simples ideia da possibilidade de descobrir um som novo, um som nunca ouvido antes” (PIANA, 2001, p. 12). Esta busca de novas sonoridades leva a promoção ou desvalorização de alguns instrumentos musicais tradicionais. Inadmissíveis para a música padronizada.

15 Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=bcaiqL-hFCU.

16 Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=7IV_lJS4Pyw.

O que a práxis musical sempre mostrou saber – isto é, que nenhum privilégio intrínseco cabe à linguagem da tonalidade a partir do ponto de vista expressivo –, chega finalmente a uma conscientização teórica mais clara, e com isso desmorona tanto a ideia de um sistema fundamental mais próximo do que qualquer outro à própria essência da música, como também a ideia de um finalismo interior capaz de efetuar a subordinação de qualquer forma de expressão musical dentro de uma perspectiva unitária” (PIANA, 2001, p. 11).

É preciso romper com esta concepção de totalidade da obra. O todo não tem a verdade. A música totalitária, por sua vez, é falsa. O que realmente importa como busca da verdade, numa atitude filosófica, é a percepção do particular dentro da obra. Por conseguinte, Adorno criticara proeminentemente as composições reacionárias; ao espírito objetivo que a música tornara-se ao afirmar o acorde perfeito considerado universalmente válido e necessário. O que antes era negado pela música tradicional por soar estranho aos ouvidos como os acordes cacofônicos, não como concessão ao mau gosto, é resgatado com novo sentido criativo como, por exemplo, a *Sonate* op. 111 (1822)¹⁷ de Beethoven que começa com um acorde de sétima diminuta, inadmissível à composição tradicional. “A dissonância e a necessidade estreitamente ligada a ela de formar as melodias com intervalos “dissonantes” são, contudo, os verdadeiros veículos do caráter documental da expressão” (ADORNO, 2011, p. 54). O que era tomado como dissonância é visto agora como consonância. A nova música ao defender seu espaço dentro do universo musical quer afirmar-se como uma nova técnica de composição rompendo-se assim com o tabu da harmonia perfeita e elevando a dissonância (ADORNO, 2011).

Adorno critica a totalidade da forma, usando Arnold Schoenberg¹⁸ como defensor do conteúdo da expressão, que serve

¹⁷ Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=WGg9cE-ceso.

¹⁸ Arnold Franz Walter Schönberg (Viena, 13 de setembro de 1874 – Los Angeles, 13 de julho de 1951): compositor austríaco de música erudita e criador do dodecafonismo.

para intervir na realidade da obra em si. A forma é a responsável pela simples aparência da música, aparência esta que se tornara verdade única e indiscutível, leis universais e convencionais. A música nova desconstrói a incansável tentativa de simetria musical, isto é, a obsessão quase que absurda pela neutralidade absoluta da harmonia observando suas oscilações. Era imprescindível romper com a concepção de música perfeita, metricamente calculada.

Para tal rompimento, partindo do conceito da teoria clássica moderna, segundo Hannelore Emma Bucher (2003), as notas formam uma sequência de altura do som de DÓ a DÓ chamada escala maior (oitavas), sendo, portanto, sete (07) notas (DÓ, RÉ, MI, FÁ, SOL, LÁ, SI) e cada uma tem seu acidente equivalente, isto é, sinais que são postos antes da nota que mudam sua entonação. São eles o sustenido (#) que eleva o som em um (1) semitom, o dobrado sustenido (⌘) que eleva o som em um (1) tom, o bemol (b) que abaixa o som em um (1) semitom, o dobrado bemol (bb) que abaixa o som em um (1) tom, e o bequadro (♮) que desfaz o acidente indicado anteriormente dentro do compasso (a nota natural). A música séria para Adorno será aquela que abre novas possibilidades de composição dentro desta escala vigente. Para isto ele propõe a técnica desenvolvida por Schoenberg em 1920 chamada dodecafonismo (do grego *dodeka*: doze, e *fonos*: som). Aqui os semitons são tratados também como notas únicas, sendo assim, as doze (12) notas da escala cromática são postas como equivalentes e ordenadas entre si, porém, sem hierarquia. Estas doze (12) notas são organizadas dentro da pauta em séries, por isso esta técnica também é conhecida como dodecafonismo serial ou simplesmente serialismo. Estas séries podem ser organizadas de quatro (4) maneiras: série original, série retrógrada, série invertida, e retrógrado da inversão.

Graças à universalidade da relação serial, a técnica dodecafônica é contrapontística por origem, pois todas as notas simultâneas são independentes pelo próprio fato de que todas são partes

integrantes da série. E a prioridade da técnica dodecafônica em relação à arbitrariedade do “livre compor” tradicional é de tipo contrapontístico (ADORNO, 2011, p. 75).

Segundo Adorno (2011), a proposta dodecafônica, por sua vez, não se limita à obrigação mecânica ou perfeita precisão de uma composição, e sim às disposições do material que devem ser totalmente evitadas ou admitidas novamente, como por exemplo, as reduplicações de oitavas. A dodecafonia surge também como resgate da liberdade total do compositor que fora suprimida pelo sistema tonal, o que o limita à expressão da imagem como tal da sociedade que compreende a música de uma única ótica (padrão), inclusive aquela pretendida pelo compositor. Ao alvitrar uma estética idealista, Adorno rompe com o caráter objetivo (fechado) da composição e dá certa autonomia ao compositor, vez que este poderá com maior liberdade compor com espontaneidade possível que levará ao ouvido musical a complexidade dos meios musicais despertando assim o gosto musical deste, a partir daquilo que o cativa tocado outrora ao subjetivo. Servirá também desta forma para despertar a consciência de não-participação uma vez vinda à público da música ligeira e escrava do mercado, tanto de quem a compõe quanto quem a ouve.

[...] o tratamento filosófico da arte se refere à arte e não aos conceitos de estilo, por mais contatos que tenha com estes. A verdade ou a falta de verdade de Schoenberg ou Stravinski não pode ser estabelecida na simples discussão de categorias como atonalidade, técnica dodecafônica, neoclassicismo, mas somente pela cristalização concreta de tais categorias na estrutura da música em si (ADORNO, 2011, p. 14).

Importante percebermos que Adorno não propõe um modelo que devera tornar-se estático, se assim o fizesse cairia no mesmo erro do tradicionalismo musical que fechou as portas na inovação do cenário musical que ele criticara, e não sustentaria seu argumento com tamanha convicção por ser contraditório, até mesmo pelo caráter livre da técnica. De tal maneira, não atacou os diversos estilos musicais,

todavia, como o próprio autor dissera, visa uma cristalização da diversificada pluriformidade das categorias musicais, no que se refere à estrutura, isto é, à composição. Ao propor esta cristalização da música, na verdade ele abre a discussão pela busca do gosto musical que aos poucos fora perdido com a chegada da música ligeira.

“A técnica dodecafônica ensinou a pensar simultaneamente num maior número de partes independentes e a organizá-las como unidades sem a muleta do acorde” (ADORNO, 2011, p. 76). Sem esta simetria estática a técnica dodecafônica tem equilíbrio irrepetível; é contrastante e não rígida; não matemática ou geométrica como a tonalidade. No contraponto ou contraste da obra é determinada certa pluriperspectividade, a que Adorno compará-la-á a um cubismo musical. O problema apresentado “ao compositor não é o da maneira como se possa organizar um sentido musical, mas antes de que maneira pode a organização adquirir um sentido” (ADORNO, 2011, p. 59). A técnica dodecafônica não parte do objetivo que é o resultado final da obra – o sentido –, mas tem como ponto de partida a técnica da composição que deverá ser organizada de tal forma que leve subjetivamente ao sentido. E este é dado pelo sujeito ouvinte, podendo assim ganhar variados sentidos dentro da complexidade subjetiva oferecida pela técnica dodecafônica. Aqui o homem predomina sobre a natureza submetendo-a a sua autoridade.

Contudo, a dodecafonía, uma junção da técnica clássica e àquela considerada arcaica, mesmo tendo o caráter de composição livre, ela torna-se também um sistema, o sistema atonal¹⁹. “Esta técnica escraviza a música ao liberá-la. O sujeito impera sobre a música mediante o sistema racional, mas sucumbe a ele” (ADORNO, 2011, p. 59). Adorno reconhece aqui numa atitude relativista, que as verdades

¹⁹ O sistema atonal é baseado em quatro modos de composição: a) série original; b) inversão; c) retrógrada; d) e inversão retrógrada. Contém, portanto, doze sons da escala cromática e quarenta e oito formas de composição.

pregadas pela técnica dodecafônica são relativas assim como o sistema tonal, por ter uma validade limitada em relação à verdade (no que diz respeito ao sistema). A música liberta-se de um sistema, a tonalidade, e aprisiona-se noutro sistema, a dodecafonía, que leva o compositor e/ou o ouvinte a submissão neo-objetiva desta técnica. A dissonância e os temas pregados pela dodecafonía agora se converte em material, isto é, torna-se uma técnica de composição objetiva, monótona, o que outrora protestava. A imagem do novo oferecida pela técnica dodecafônica como um meio novo que retoma o material tradicional – o velho – acaba arruinando-se e tornando-se assim também retrógrada uma vez que a forma de composição segue seu objetivo, o de estabelece para si uma imanência formal, uma regra necessária. O novo se torna velho; imagem memorável do passado. “A luta entre a objetividade alienada e a subjetividade limitada não está concluída” (ADORNO, 2011, p. 86). De um aficionado ideal à impotência desanimadora.

Sendo assim, o sujeito novamente submisso “renega sua própria espontaneidade ao projetar sobre a matéria histórica as experiências racionais que teve na luta dialética com essa matéria” (ADORNO, 2011, p. 59-60). A técnica dodecafônica purifica-se e sedimenta-se novamente como a tonalidade, entretanto, resguarda o sentido subjetivo da obra. É notória sua trajetória de uniformização quando primeiramente, surge como uma proposta dialética (variação) e com isto afirmava sua identidade e assim sustentava a contínua crítica ao método da composição; e depois aprisionando-se num novo sistema por ela criado; e finalmente, postulando seu próprio declínio quando eleva a variação e a torna absoluta. Esta última é percebida claramente na crítica de Ígor Stravinski²⁰ à música mecanicista em sua

²⁰ Ígor Fiódorovitch Stravinsky (Oranienbaum, 17 de Junho de 1882 – Nova Iorque, 6 de Abril de 1971): compositor, pianista e maestro russo. Adaptou suas composições neoclássicas (formas musicais tradicionais) ao dodecafonismo.

obra *Petruschka*²¹, retratando o grotesco – a própria desintegração do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, com efeito a música séria será uma fuga da tonalidade do valor artístico, que a música ligeira tomara para si, mascarada pelo consumismo, o entretenimento, a atratividade e o prazer hedonista. A música em si, em sua genuína compreensão musical, perde seu valor como tal para o publicitário. O ouvinte perde-se neste mar superficial da aparente música e sem perceber desvaloriza o puro prazer presente na música séria. O puro prazer só será possível quando sobrestiver a mera exterioridade da arte. Ao prender-se a esta exterioridade ou aparência da arte, o indivíduo perde a capacidade de perceber o todo da obra de arte, limitando-se somente a elementos parciais desta, privando-o de compreender o seu todo – a arte em sua totalidade (aqui não no sentido hegeliano). Isto faz com que o indivíduo regresse naturalmente em relação ao gosto artístico, ao gosto musical.

Há de se reconhecer, no entanto, que alguns dos termos que Adorno quer resgatar são comumente confundidos por também terem sido tomados pela música ligeira, e aí deparamo-nos com um grave problema. O gosto artístico ou prazer artístico são equivocadamente mal compreendidos devido à exterioridade estética que a cultura de massas produziu, e é exatamente neste ponto que críticos musicais podem olhar para a música séria a partir da mesma perspectiva e conseqüentemente desconsiderá-la. É necessário assim tomar conhecimento e perceber o verdadeiro valor dos termos no sentido mais genuíno, mais original: a participação concreta do indivíduo na produção da arte como um todo. O indivíduo não deve ser mero

²¹ Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=hfUgAv2Yew4.

consumidor da música, mas participe direto desta, caso contrário este cai em total passividade e afunda-se em sua própria liquidação, expressa nas obras de Stravinski pelos *shocks*, que ao contrário de Schoenberg, não levam o sujeito a refletir.

Para encontrar o puro prazer musical o indivíduo deve ser tomado num sentido metafísico de tal forma que se entrelace harmonicamente na audição musical, segundo a compreensão de Schoenberg. Se não há esta unidade, é preciso recuar, refletir e tomar consciência da direção que está se tomando em relação à essência musical. Aquilo que parece ser desordenado numa audição tem na verdade seu valor artístico e é belo. Podemos identificar isso no sexteto de cordas de Schoenberg inspirado no poema *Verklärte Nacht*, op.4 (1899)²² de Richard Dehmel²³ “no qual se atribui ao amor o poder de transfigurar a natureza, adquirindo o mundo metafísico maior significação que o físico” (GRIFFITHS, 1998). De igual modo a própria obra de Adorno *Piano Piece* (1921)²⁴.

A música para Adorno é entendida como um diamante que precisa ser lapidado. Ao propor a técnica dodecafônica o filósofo quer cristalizar a música enquanto arte retirando dela toda má compreensão e alienação produzida pelo sistema capitalista, por isso, a sua crítica ferrenha ao capitalismo, onde a música é vista apenas como mercadoria. A proporção do prazer desaparece e dá lugar ao fetichismo, isto é, satisfazer-se cegamente da música que está em voga. O indivíduo se deixa enganar totalmente porque foi abdicado se suas próprias vontades, já não tem a liberdade de julgar aquilo que lhe é oferecido. “Ao invés do valor da própria coisa, o critério de julgamento é o fato de a canção de sucesso ser conhecida de todos; gostar de um

22 Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: youtu.be/U-pVz2LTakM.

23 Richard Fedor Leopold Dehmel (18 de novembro de 1863 - 08 de fevereiro de 1920): poeta e escritor alemão.

24 Esta obra pode ser encontrada na Website com o link: www.youtube.com/watch?v=Y9vU36JCbIM.

disco de sucesso é quase exatamente o mesmo que reconhecê-lo” (ADORNO, 1980, p. 165).

Assim a apreciação ou o sucesso de determinada obra, torna-se reflexo daquilo que se paga pelo produto – a música – dentro do sistema do mercado. O valor metafísico do gosto musical, qual se refere Adorno, é extinguido na relação produtor-consumidor. A humanidade do homem é negada por este sistema. O homem despossuído de vontade e impossibilitado de optar torna-se um eterno consumidor, escravo do sistema ou da dita indústria cultural, caracterizada pela desvairada produção em série que domina o homem e assegura sua passividade em relação ao sistema.

É esta a novidade da filosofia da música de Adorno: mostrar o quanto se perdeu da humanidade do homem e resgatá-la. Aqui reside a problemática da relação ontológica referida inicialmente. Ao mesmo tempo em que valoriza o lado positivo do iluminismo, a liberdade de expressão do homem, faz crítica ao mesmo por aprisionar o homem somente a razão e ao tecnicismo, por isso, na música propõe o dodecafonismo que não é arbitrário e valoriza o vasto campo do novo ao que refere à liberdade de expressão do homem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Carta a Thomas Mann de 5 de julho de 1948. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2002. Caderno Mais.

ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

ADORNO, Theodor W. **Textos escolhidos**. Coleção Os Pensadores. Tradução de José Lino Grünnewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BIOGRAFIA DE THEODOR W. ADORNO. Disponível em: <<http://http://www.todamateria.com.br/theodor-adorno/>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

BUCHER, Hannelore Emma. **Elementos de Teoria: uma abordagem prática da Teoria Musical para todos os instrumentos**. Vitória, ES: O Autor, 2003.

CONCERTO PER VIOLINO E ORCHESTRA OP.36 (1936) de Arno Schoenberg. Direção: Louis Krasner. Produção: Dimitre Mitropoulos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bcaiqL-hFCU>. Acesso em: 15 de julho de 2016.

DIE GLUECKLICHE HAND op. 18 (Excerpts) de Arnold Schoenberg. Direção: Pierre Audi. Produção: Het Residentie Orkest. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7IV_IJS4Pyw. Acesso em: 5 de agosto de 2016.

ETIMOLOGIA DA PALAVRA MÚSICA. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Música>. Acesso em: 21 de Abril de 2016.

FEUERBACH, Ludwig. **A essência do cristianismo**. Tradução e notas de José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GRIFFITHS, Paul. **A música moderna: uma história concisa e ilustrada da Debussy e Boulez**. Tradução de Clóvis Marques; com a elaboração de Silvio Augusto Merhy. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 1998.

MARINHO, Danilo Adriano. A musicalidade e suas interfaces com os processos comunicativos. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9262764-A-musicalidade-e-suas-interfaces-com-os-processos-comunicativos-1.html>. Acesso em: 2 de junho de 2016.

ORIGEM DA NOTAÇÃO MUSICAL. Disponível em: <http://musiteca.com.br/aguarde/origem-da-notacao-musicalpartitura/>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

PETRUSHKA de Stravinsky. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hfUgAv2Yew4>. Acesso em: 14 de agosto de 2016.

PIANA, Giovanni. **A Filosofia da música**. Tradução de Antonio Angonese. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

PIANO PIECE (1921) de Theodor Adorno. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y9vU36JCbIM>. Acesso em: 6 de setembro de 2016.

POMBO, Rafael Reis. A música da filosofia de Adorno. **Kinesis**, vol. IV, n. 07, p. 362-375, julho 2012.

PUCCI, Bruno. A filosofia e a música na formação de Adorno. **Educ. & Soc.**: revista de ciência da educação. Campinas, vol. 24, n. 83, p. 377-389, agosto 2003.

SACRE DU PRINTEMPS de Ígor Stravinski. Direção: Vaslav Nijinsky. Produção: Ballett Mariinski Theater. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dVPIkvHKRB8>. Acesso em: 28 de maio de 2016.

SEXTETO DE CORDAS VERKLÄRTE NACHT (Noite Transfigurada), Op.4 (1899) de Arnold Schoenberg. Direção: Pierre Boulez. Produção: L'EnsembleIntercontemporain. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iEhzSLTrceI>. Acesso em: 3 de julho de 2016.

SONATA Op.111 No.32 in C Minor (Uchida) de Beethoven. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WGg9cE-ceso>. Acesso em: 13 de junho de 2016.

THOMSON, Alex. **Compreender Adorno**. Tradução de Rogério Bettoni. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TOMÁS, Lia. **Ouvir o lógos: música e filosofia**. São Paulo: UNESP, 2002.

CAPÍTULO 9

O CHAMADO A SER SUJEITO: UMA ANÁLISE DAS NOVAS PEDAGOGIAS E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO ENSINO RELIGIOSO

Wilson Marques Dias

RESUMO

O mundo contemporâneo, plural e globalizado, tornou-se um ambiente desafiador para a formação de novos sujeitos que são protagonistas de sua história e, conseqüentemente, da história da humanidade. Neste contexto, muitas informações e interferências que recebe do mundo exterior, direcionam seus itinerários formativos, a ponto de provocar uma reflexão acerca de que se é fruto de suas próprias escolhas ou se é fruto daquilo que o mundo exterior permite ser. O presente artigo pretende fazer uma análise dos itinerários formativos e as novas pedagogias no campo da Educação e Ensino Religioso, tomando como objeto de estudo a dimensão pedagógica nos seminários da igreja católica. Ao propor esta reflexão, espera-se que, ao olhar a partir deste horizonte, os jovens percebam que estão sendo chamados a serem sujeitos, protagonistas de uma nova história, um novo mundo, mais humano e solidário.

Palavras-chaves: Ensino Religioso, Educação, Igreja Católica.

INTRODUÇÃO:

Nossa intenção, neste texto é tentar apresentar uma problematização dos critérios de formação, procurando situá-los na conjuntura social em que vivemos, para compreender as dificuldades detectadas neste campo, a partir de uma perspectiva centrada no sujeito individual, sua subjetividade, nas práticas cotidianas institucionais no plano do saber teológico e pedagógico na formação. *“Sentimos a ausência da necessária problematização dos modelos ou paradigmas eclesiais e sua incidência na instituição seminário e, conseqüentemente, no processo formativo eclesial”*.¹

1. BENELLI, Sívio José. Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional. In: Revista Eclesiástica Brasileira. Fasc. 264 Vol. 66. Petrópolis: Editora Vozes, 2006. p. 808.

Podemos dizer que o atual processo de formação religiosa parece se caracterizar por um empirismo prático e pragmático, que desconhece estudos, leituras e trabalhos intelectuais, que reflitam sobre a prática pedagógica, política e mística, que são implantadas nas instituições formativas. Entretanto, as teorizações podem desconhecer a conjuntura eclesiológica e as forças hegemônicas que imprimem direções concretas no processo formativo, condicionando o jovem vocacionado a ter uma personalidade subjetiva de acordo com este processo.

O projeto pedagógico de formação deve estar de acordo com a realidade do mundo pós-moderno, não se pode caminhar contra a realidade da pessoa, mas levar em consideração a sua própria natureza. E aqui enfrentamos um problema que gira em torno não só do modelo de formação, mas a aplicação deste modelo pelo formador. *“Verificamos que a preparação prévia dos padres formadores, quando não é praticamente nula, tende a ser improvisada”.*²

Notamos que muitas vezes não há formação exclusiva para os formadores, eles acabam aprendendo, e de certa forma sofrendo também, com os formandos, diretamente no exercício da função. Estão sempre correndo atrás das urgências cotidianas, atendendo a uma necessidade institucional, como diz o ditado popular “um tapa buraco”, cego e surdo para a demanda, que praticamente não ousa se articular, porque sente que não tem experiência. Com isso o formador sofre e também faz os formandos sofrerem, por isso muitos chegam a desistir prematuramente.

A formação religiosa e sacerdotal está permeada por um ideal humanista de educação, ou seja, parte de uma concepção de educação entendida como formação integral do homem, a qual pretende que os sujeitos alcancem, com essa formação, uma certa maneira de ser,

² Ibidem, p. 809.

pensar e agir, e que chegue a uma certa postura, onde expressa o seu jeito de trabalhar, de amar e de se relacionar entre si e na vida social. Este é um processo que vai acontecendo gradativamente, pois de certa forma vai moldando a personalidade e a identidade da pessoa, e assim, construindo uma subjetividade mística e religiosa.

Paradigmas formativos

Diante disso, no que se refere aos novos critérios de formação, temos alguns paradigmas que descrevem o modelo de formação, que vai desde a Idade Média (Trento), passando pela modernidade (Vaticano II), chegando ao momento atual em que vivemos na pós-modernidade.

Paradigma tridentino

No período da Idade Média, que é caracterizado por uma Igreja institucional tradicional, baseada na hierarquia e obediência, que vai desde o Concílio de Trento (1545-1565) ao Concílio Vaticano II (1962-1965), temos o paradigma tridentino, que surgiu a partir da reforma gregoriana, por Gregório VII (1077-1085), onde o sistema romano passa a ser caracterizado por cinco aspectos importantes: centralização, legalização, politização, militarização e clericalização.

Estes cinco aspectos, que caracterizam o sistema romano, são regidos pelo Direito Canônico, que é um Código de leis eclesiais. Neste contexto nasce a lei do celibato, uma lei medieval para separar o “clero-hierárquico” do “povo-leigo”; é onde caímos no perigo de substituir o Reino de Deus pela Igreja institucional, de sermos mais católicos do que cristãos.

Paradigma neoconservador

Com o passar dos tempos, surge o paradigma neoconservador, onde temos a Igreja como comunhão e participação, baseada num modelo de sociedade liberal. Este paradigma nasce a partir do Vaticano II (1962-1965), um momento histórico na história da Igreja, em que se tem uma nova identidade, a Igreja recupera sua identidade enquanto “ministério” e se estende como sacramento, como sinal, apresentando uma metodologia renovada, baseada na liberdade com responsabilidade.

A partir deste momento, a Igreja se define como sacramento do Reino de Deus, no mundo secularizado que deve ser evangelizado e convertido à fé em Jesus Cristo, em que a Teologia é renovada e progressista. Aí surge a Renovação Carismática Católica, como um movimento neoconservador, que propõe também mudanças culturais no campo religioso.

No que se refere à experiência religiosa e também social, o sentimento, a emoção, a escolha pessoal (subjetivismo) e o consumo estão se tornando categorias centrais; é como se o mundo caminhasse para um individualismo muito grande, e a religião acaba se tornando também um meio de consumismo, um bem de consumo.

Paradigma libertador

Temos ainda o paradigma libertador, onde temos a Igreja como povo de Deus. A Igreja é caracterizada como servidora da humanidade, tanto na dimensão pessoal como na dimensão social. O pobre oprimido que clama por libertação foi descoberto como novo sujeito eclesial, e aqui na América Latina temos o surgimento da Teologia da Libertação, em que o Espírito Santo cria a Igreja a partir

das bases, o evangelho passa a ser pregado como boa-nova e não mais somente como doutrina.

Assim, os seminários já não são mais clericalizantes, o padre é preparado para o serviço pastoral da comunidade, a teologia é a da libertação integral do homem e da natureza e a liturgia busca celebrar a fé e a vida do povo.

Paradigma pedagógico

No campo da educação, temos o paradigma pedagógico, onde o formador ocupa o centro da atividade pedagógica, num relacionamento marcado pelo autoritarismo, que é defensor do saber, da competência e do poder, no estilo “manda quem pode, obedece quem tem juízo”. Se o jovem candidato não obedece, está fora do processo de formação, não serve para atender às necessidades da instituição. *“O sistema institucional tende a expulsar os formandos que não se adaptam aos critérios formativos previamente estabelecidos”*.³

Entretanto, a pedagogia renovada coloca ênfase no desenvolvimento da personalidade do formando, que se torna o centro da prática pedagógica, e o relacionamento é caracterizado pela harmonia e amizade. Porém, percebemos que há uma ruptura de classe social para um enquadramento ideológico com interesses das classes dominantes, e neste caso, a instituição formata e reproduz o mesmo tipo de exclusão que o sistema social.

Sendo assim, é preciso a elaboração de uma pedagogia voltada para o desenvolvimento natural da personalidade do candidato quando vem da casa dos familiares, pois a educação institucional torna-se um meio de ascensão social do indivíduo, revelando seus

³ BENELLI, S. J., Op. Cit. p. 822.

valores e méritos pessoais. A Igreja não só forma padres e religiosos consagrados, mas forma verdadeiros cidadãos.

Novos paradigmas pedagógicos

A pessoa “educada” é a que pensa de acordo com os padrões da sociedade, e a Igreja em seu modo de educar e formar, volta aos modelos da pedagogia tradicional tridentina, ela se esquece da pedagogia renovada do Vaticano II. Em vez de ir à raiz dos problemas, somente questiona os maus frutos e propõe a terapêutica dos remédios paliativos, etc. mas os resultados mostram que este método já não está mais surtindo efeito, pois o mundo de hoje oferece uma série de possibilidades para que a pessoa oculte a doença e viva uma personalidade dúbia.

A proposta de uma pedagogia dialética nos parece uma tentativa interessante de superação dos impasses educacionais encontrados nos últimos tempos, onde o foco está centrado na necessidade de mudanças qualitativas no processo de formação. A pedagogia dialética promove a transmissão, a compreensão e o senso crítico do formando, questionando os conteúdos ideológicos dos saberes. Não se trata de dizer aqui que a Igreja está errada, mas os métodos de formação é que nos parecem equivocados para os nossos dias de hoje.

A palavra chave do ideal da escola nova, proposta pela pedagogia renovada, é a “personalização”, ou seja, uma formação participativa. Hoje percebemos que o método participativo, extremamente democrático, se choca rapidamente com as estruturas autoritárias, que terminam por esvaziá-los.

Uma vez lançada a proposta de novos paradigmas formativos, se faz necessário uma abordagem acerca das relações que a partir daqui

o jovem candidato vai assimilar em sua caminhada, essas relações de dão no campo da dimensão humana, pois mesmo que se mudem os paradigmas e os métodos formativos, esta dimensão sempre norteará a vida de qualquer pessoa. A seguir abordaremos esta dimensão nas relações que mais nos interessam, ou seja, a humano-afetiva e humano-espiritual.

Nova pedagogia e novos paradigmas de formação

As teorias da personalidade estão ligadas ao desenvolvimento da capacidade potencial. Pode-se obter sucesso por uma simples questão de oportunidade e circunstâncias ambientais. Por isso, muitas vezes o sucesso ou não de uma vocação depende da oportunidade que lhe é dada, mas, sobretudo depende do ambiente de formação. O que vai determinar a personalidade é o comportamento, que recebe suas influências, dentro e fora da pessoa. Determina também as peculiares maneiras do indivíduo relacionar-se com o mundo, ou seja, seu temperamento, seus traços afetivos, etc.

O modo de ser de cada indivíduo, a sua forma, é preenchida com o seu conteúdo e estímulos que recebe, o que lhe dá a unidade e a característica de ser exclusivo e ímpar em relação a todos os demais seres humanos, e isto faz sentido, porque se não a sociedade poderia moldar ou modelar todos da mesma forma, do mesmo jeito, todos iguais, bem sabemos que podemos ser parecidos, mas não iguais. Disso decorre a subjetividade e o modo de ser de cada um, principalmente daqueles que são consagrados, pois o ser religioso difere dos demais, dos que não são. Com o passar do tempo, o seminarista vai ganhando uma “cara” de padre e mesmo depois que ele sai do seminário (desiste da vocação), ele fica com a mesma “cara”, permanece a mesma personalidade por um bom tempo e, mais uma vez, ele passa pelo processo de construção e desconstrução.

Para que a vocação seja autêntica o sujeito tem que sentir e querer a vocação, por isso, é preciso saber quais são as motivações do jovem candidato. O ser humano é dotado de uma constante busca do prazer, de auto-realização, esta pode ser uma vontade que motiva ou um poder que estimula o candidato.

Uma conduta puramente instintiva é praticamente impossível ser manifestada em condições psíquicas normais. O instinto do poder, por exemplo, pode-se manifestar de diversas maneiras e em diferentes pessoas, é o prazer em ter poder, em sentir-se superior aos demais nos vários aspectos existenciais. Um monge padre poderia manifestar essa tendência buscando o prazer em sentir-se o mais humilde entre seus pares, superior a todos os demais em termos de humildade e abnegação de si. Assim, sentiria uma grande satisfação perante Deus, ao saber-se o mais humilde entre todos. E assim acontece em outros campos, em outras áreas. O fato é que a busca do prazer deve atender certos anseios pessoais em concordância com determinadas circunstâncias culturais e sociais. Mas, de qualquer modo, deve haver constantemente a busca de um certo equilíbrio, entre o indivíduo e seu meio, e entre ele consigo próprio, de acordo com o ambiente em que vive.

Há um ditado popular que diz: “quando a miséria entra pela porta da frente, a virtude sai pela janela”. Por isso, o ambiente de formação é fator importante e preponderante na construção da subjetividade do indivíduo religioso. Existe também um provérbio que se presta a uma análise mais dialética, é aquele que diz: “pau que nasce torto, morre torto, e até a cinza é torta”. Isso diz respeito ao componente constitucional da pessoa.

A relação humano-afetiva

Pretendemos abordar agora, a questão que gira em torno do que se deve entender por realização humano-afetiva de uma pessoa e, mais precisamente, de uma pessoa que se consagra a um serviço como à Vida Religiosa, mais ainda se o padre católico é alguém realmente feliz e integrado em sua vida. No que se refere ao processo formativo, o relacionamento e o ambiente formativo, contribui consideravelmente para o crescimento humano-afetivo.

Definir a própria subjetividade é hoje em dia uma tarefa não muito fácil, pois a crise da modernidade estaria impondo todos os condicionamentos que mexem a fundo com a identidade e a intimidade humana, afetando assim, estruturas e valores. Por isso, é preciso acertos e adaptações constantes, que vão consolidando a subjetividade.

O ser humano é um ser incompleto, que busca constantemente a sua completude, passa a vida buscando sua auto-realização, sua felicidade.

“Antigamente a vida adulta coincidia com o casamento e, respectivamente com a ordenação, e o papel profissional, respectivamente com o início do ministério presbiteral. Hoje, inverteram-se e tumultuaram-se os tempos da maturação psicossocial”⁴

A integração bio-psico-social e espiritual da pessoa é uma realidade extremamente complexa e contraditória, percebemos que em seu itinerário de amadurecimento humano, o religioso experimenta inevitavelmente as variações de sombras e luzes, alegrias e tristezas. Há uma tensão dialética entre o velho, que teima em ficar, e o novo que também pode surpreender pela sua força questionadora. Os métodos do processo de formação não podem ficar no passado.

⁴ VALLE, Edênio. Padre, você é Feliz? Uma abordagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 82.

O ser humano é necessariamente um ser histórico e dinâmico que tece a trama de sua realização com os três fios da temporalidade: o presente, o passado e o futuro. O passado tende a nos ensinar, mas não podemos ficar presos a ele, é preciso lançar as redes da vida em águas mais profundas. Por conta disso, notamos que há uma ruptura no atual processo de subjetivação do religioso, uma certa crise de identidade.

No atual processo, é comum deixar a formação, o ministério, bem como a vida religiosa consagrada, não há mais a preocupação em trabalhar a pessoa como um todo em seu contexto. Esta é uma decisão penosa para quem quer ser coerente, porque no contexto atual, passou-se do rigorismo à permissividade. Percebemos que a Igreja trata destes assuntos, mas com muita cautela; ainda não se chegou a uma discussão aberta e realista a respeito da realização humano-afetiva do religioso.

A questão da sexualidade na vida religiosa continua sendo um assunto recoberto de tabus e interditos, entretanto, sabemos que alguns fatos dolorosos vividos pela Igreja nos últimos anos não podem simplesmente ser varridos para baixo do tapete, ou seja, não é o caso de divulgar para os meios de comunicação, mas sim trabalhar a questão, pois a melhor forma de resolver um problema é enfrentando-o e não simplesmente ocultando. É preciso assumir o desafio: *“então disse Jesus a seus discípulos: se alguém quer me seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Mt 16,24-25).

Diante disso, o grande desafio que a Igreja enfrenta neste século XXI é o de valorizar a subjetividade do presbítero e do religioso consagrado, estabelecendo um processo formativo que respeite suas aspirações e necessidades e, já na formação direcioná-lo para as áreas na qual demonstra seus dons. Um dos grandes problemas hoje devido às exigências da evangelização no mundo de hoje, é que geralmente as pessoas estão nas funções erradas, por necessidade e não por vocação, dom ou aptidão. Por exemplo, uma freira que sempre gostou de

trabalhar em hospital porque tem dom e aptidão, está numa escola trabalhando com crianças, e vice-versa.

Sendo assim, a realização pessoal para quem é chamado à Vida Religiosa exige uma maturação nesses dois níveis, humano e espiritual. Mas é preciso estar atento a estes níveis, pois mesmo assim ainda corre-se o risco da infelicidade, da não realização pessoal, tanto como pessoa humana quanto pessoa religiosa, porque pode haver a não integração destes níveis, seja por falta de interiorização ou por falta de assimilação dos valores e exigências vocacionais no eu do sujeito. Há jovens candidatos que quando desistem, mantêm as mesmas características de um formando. Entretanto há outros que, quando saem do processo de formação, se revoltam totalmente contra a Igreja, e este é um exemplo da diferença ente os que interiorizam e assimilam os valores que recebem e aqueles que não assimilam; estes últimos são como folha de taioba na chuva que não se molha.

No decorrer da formação, talvez por algum encantamento, alguns jovens candidatos vão adquirindo mais os comportamentos externos e imitativos do que fazendo uma opção consciente e amadurecida, ficando na superficialidade e criando máscaras. Daí a necessidade de se trabalhar bem a Promoção Vocacional, ou seja, antes de entrar na formação, quais são seus desejos, seus anseios, num primeiro contato, para perceber se a decisão do jovem de ingressar no processo de formação não é fantasiosa. A Pastoral Vocacional na Igreja não deve ser única e exclusivamente para quem vai ser padre, mas também para as outras vocações de modo geral.

Entretanto, notamos que a solução ideal para um processo de realização humana bem sucedido, quando o jovem já está no processo formativo, seria uma integração criativa e personalizada desses dois níveis, isto é, o humano e o espiritual, uma interiorização das reais motivações e dos objetivos identificando os verdadeiros valores e

ideais do ser religioso consagrado, do ser presbítero integrado e realizado. Quando existe uma integração dessas duas dimensões, percebemos que acontece uma espiritualização do eu profundo do sujeito, reconfigurando qualitativamente a sua subjetividade, na relação consigo mesmo, com os outros com Deus e com a natureza. Podemos dizer que este é um processo psicologicamente saudável.

Porém, tudo o que uma pessoa interioriza vem do ambiente que a cerca e estimula, e aqui entra a questão dos seminários, ou seja, do ambiente formativo.

“A noção de ambiente como receptáculo de algo que se constitui é tão antiga quanto o existir humano. Nem mesmo uma pedra é a mesma pedra em dois espaços geográficos e climáticos diferentes, o que diremos de um ser humano que, por seu próprio modo de ser, depende de outros desde o momento em que é gestado”.⁵

O próprio ambiente em mudança, concomitantemente com os modelos sociais, leva à necessidade de adaptar-se aos esquemas aprendidos para as novas circunstâncias e condições. Existe um movimento permanente de construção e reconstrução, do qual nasce uma equilíbrio que irá servir como base da identidade do sujeito para sua realização subjetiva.

“Por um lado, deve-se assimilar segundo os valores de seu ideal vocacional todo acontecimento externo e vivência interior; por outro lado, deve alcançar a flexibilidade suficiente para adaptar, numa formação permanente, seus velhos esquemas, modificando-os segundo as exigências de cada momento histórico”.⁶

Neste mundo pós-moderno, percebemos que a Igreja já não está mais no centro das atenções nos finais de semana, e sim os *shoppings*, por isso a Igreja não pode mais querer que a sociedade, os jovens caminhem com ela, mas deve experimentar o contrário, caminhar com a sociedade, tentar caminhar com a juventude, inverter o processo de conduzir o rebanho do Senhor.

⁵ MASSIH, Eliana. Des-centrando a formação: cooperação entre formadores e psicólogos na formação. In: Revista Convergência. Fasc. 384 Vol. 40. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2005. p. 376.
⁶ VALLE, E., Op. Cit. p. 100.

“O modelo de Igreja hoje é eclesiástico, ou seja, burocrático, formal canônico, centralista; em contraposição ao eclesial, que é feito de comunhão, solidariedade, sentido de missão”.⁷ Por isso, a Igreja é respeitada, mas pouco seguida; percebemos que nos últimos tempos houve uma certa desvalorização dos sacramentos e, para mudar este cenário, talvez a Igreja precise deixar de ser eclesiástica e passar a ser eclesial. Não estamos aqui propondo uma revolução e sim uma simples mudança de estrutura.

A igreja propõe um ideal de vida que supõe a castidade celibatária por causa do Projeto de Deus, contudo, essa proposta só tem sentido para quem tem um nível razoável de maturidade psico-espiritual e, como os mais jovens religiosos ainda não adquiriram esta maturidade, a Igreja tem sofrido com alguns escândalos que vêm acontecendo nos últimos tempos. Contudo, ainda enfrenta outro grande desafio que é cultivar essa maturidade nos candidatos e constatar se isso se insere em sua subjetividade, para ali mesmo trabalhar e resolver a situação.

Neste contexto, talvez um dos grandes problemas decorridos, seja a obrigatoriedade do celibato. “A questão do celibato como Lei precisa ser trabalhada com mais realismo e humildade no seio de toda a Igreja”.⁸ Percebemos que se precisa trabalhar não somente no sentido disciplinar e canônico, muito menos como uma questão de Lei, mas deve levar em consideração o carisma e a vocação pessoal, deve ser também um processo intrínseco e não tão somente extrínseco como muitas vezes nos parece ser. Daí sim, a partir deste processo, se o candidato ainda assim não corresponder com aquilo que se espera, pode-se tomar as decisões cabíveis na formação, quanto à aceitação ou não do mesmo para seguir em frente, na busca de sua auto-realização, sua felicidade e, correspondendo com aquilo que a Igreja espera dele.

⁷ Ibidem, p. 79.

⁸ VALLE, E., Op. Cit. p. 107.

Acima de tudo, é preciso levar em consideração, além do carisma e da vocação, as influências culturais dos jovens candidatos vocacionados, e trazer suas experiências para o ambiente formativo, a ser trabalhado com tudo aquilo que recebe da Santa Igreja, uma mãe que educa seus filhos para a missão no mundo. *“É no interior do mistério da Igreja como comunhão trinitária em tensão missionária que se revela a identidade cristã de cada um e, portanto, a específica identidade do sacerdote e do seu ministério”*.⁹ Assim, é a Igreja que, com sua sabedoria e seus métodos, vai aos poucos construindo a subjetividade religiosa na vida do jovem vocacionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os formadores precisam saber o que estão fazendo, ou seja, se faz necessário perceber-se como agente produtor da realidade social e não como mero objeto passivo diante da realidade, pois a realidade é tal como está porque nossa ação a reproduz tal como é. Não podem ser coniventes com os desafios que a igreja enfrenta, muitos menos se acomodar diante da escassez de vocações, sobretudo vocações convictas e fiéis.

O processo de construção da subjetividade passa, primeiramente, pelo processo de tomada de consciência daquilo que se é e daquilo que Deus criou, é um processo de auto-conhecimento. Deus não mora na superficialidade, e não pode trabalhar a partir daquilo que não somos e não temos, mas daquilo que somos capazes. Descobrir onde estão os desafios, nos possibilita descobrir um novo jeito de ser, de agir e de vencer.

“A experiência das crises e das dificuldades é também clara nas mensagens. Daí talvez a afirmação da necessidade de manter vivos os sonhos e de lutar por eles. As crises parecem ter duas origens principais que se relacionam com: as trajetórias subjetivas e pessoais

9 JOÃO PAULO II. Pastores Dabo Vobis. Exortação Apostólica sobre a Formação dos Sacerdotes. n. 12.

*do discernimento e cultivo vocacionais, onde se inserem as carências e aspirações de cunho formativo; a adequação institucional da Vida Religiosa às mudanças que ocorrem no momento cultural, exigindo flexibilidade diante das novas formas de vida dos tempos atuais reconstituindo os caminhos da felicidade ao Evangelho e aos carismas fundacionais".*¹⁰

Podemos dizer que o processo de construção da subjetividade religiosa passa por várias dimensões, sobretudo no que se refere ao aspecto humano-afetivo, o qual deve ser sempre o primeiro a se levar em consideração. É preciso manter vivo o sonho de que os muitos desafios vão sendo, aos poucos, superados.

É preciso levar em consideração todas as influências recebidas e que trazem consigo - porque disso depende a adequação institucional - adaptação ambiental e espiritual. É preciso dar continuidade à mesma espiritualidade, mas de um jeito diferente, a partir de uma nova pedagogia. A vida é uma escola, a cada dia Deus nos dá a oportunidade de aprender coisas novas, para um novo jeito de ser e de viver, oportunidade para fazer tudo aquilo que ainda não foi feito, e ainda, de refazermos aquilo que não foi bem feito.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Dalton Barros de. *Radicalmente livres e fiéis em Cristo?* In: VV.AA. *A Vida Religiosa enquanto instituição: Leitura Psicológica*. Publicações CRB, 1999.

_____. *Formação, vida afetiva e comunidade*. In: *Revista Convergência*. Fasc. 229 Vol. 025. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 1990.

ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.) *Novas Gerações e Vida Religiosa: Pesquisa e análises prospectivas sobre a Vida Religiosa no Brasil*. 2ª Edição. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

¹⁰ ANJOS, Márcio Fabri dos. Perfil de Novas Gerações na Vida Religiosa. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.) *Novas Gerações e Vida Religiosa*. Op. Cit. p. 59-60.

_____. *Perfil de Novas Gerações na Vida Religiosa*. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.) *Novas Gerações e Vida Religiosa: Pesquisa e análises prospectivas sobre a Vida Religiosa no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

BENELLI, Sílvio José. *Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fasc. 264 Vol. 66. Petrópolis: Editora Vozes, outubro de 2006.

BOLZAN, Maris. *Apresentação*. In: FURLIN, Neiva. (org.) *Novas Gerações e Vida Religiosa: memória, sexualidade e poder*. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2006.

CARDIERI, Elisabete. *Juventude e Vida Religiosa*. In: ANJOS, Márcio Fabri dos. (org.) *Novas Gerações e Vida Religiosa: Pesquisa e análises prospectivas sobre a Vida Religiosa no Brasil*. Aparecida: Editora Santuário, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

COMBLIN, José. *Os Interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI*. In: *Revista Convergência*. Fasc. 370 Vol. 040. Rio de Janeiro: Publicações CRB, 2004.

COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS - CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história: instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros*. São Paulo: Editora Paulus, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Formação dos presbíteros da igreja do Brasil*. Documentos da CNBB n.º. 55. 3ª Edição. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.

_____. *Situação e vida dos seminários maiores no Brasil*. Estudos da CNBB n.º. 74. São Paulo: Editora Paulus, 1995.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *DIRETRIZES Sobre a formação dos seminaristas acerca dos problemas concernentes ao ma-*

Andrew Vinícius Cristaldo da Silva e Juliana Teixeira da Silva

trimônio e à família. Para os Seminários e as Instituições de Estudos. Roma, Tipografia Vaticana, 1995.

CONGRESSO NACIONAL - CRB. *Novas Gerações e Vida Religiosa*. São Paulo, Publicações CRB, 15-18 de junho de 2006.

CAPÍTULO 10

VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM LETRAS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO

Maria Solange Costa Souza
Alfa Almerinda Moura de Campos Menezes

INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação sempre foi, continua sendo e sempre será uma das esferas mais importantes para o desenvolvimento humano, social e econômico.

Portanto, tem por objetivo o presente relatório expor dados que foram coletados no período de observação e regência do estágio curricular supervisionado no ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas, voltado para os anos finais do ensino fundamental II e ensino médio. O estágio foi realizado respectivamente no 8º “A”, no período vespertino, nas turmas “A” e “B” da modalidade de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos), no período noturno, nas terceiras séries turmas “A” e “B”, no período matutino, “C” e “D” no período noturno, sob a supervisão das professoras regentes, na Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade. A instituição fica localizada na Avenida Orlando Daros, nº 143, Bairro Maria Aparecida Pedrossian, no Município de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul.

Será abordada em síntese a realidade do ensino e aprendizagem, observando o rendimento e aproveitamento dos alunos e o desempenho dos educadores em relação à aplicabilidade das práticas docentes e dos recursos utilizados para que se atinja o objetivo satisfatório da aprendizagem.

O estágio foi executado no período letivo do ano de 2018, dividido em duas fases. Fase 01: observações. Fase 02: regências. Na fase 01, foi observada a estrutura física, o corpo de funcionários, os alunos, as proximidades e os acessos até o prédio. É nesta fase em que podemos analisar o comportamento social dos alunos em suas várias fases de idade e de ano escolar. O educador pode balancear a aplicabilidade do conteúdo programático com as diferenças de progresso no processo de aprendizagem de cada aluno, para que

não haja uma defasagem do teor. Na fase 02, iniciou-se o período das regências, na qual foi posto em prática o aprendizado teórico adquirido no decorrer do curso de Letras.

Dentre estes destacamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no item 4.1.1.2. que diz:

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental os conhecimentos sobre a língua, sobre as demais semioses e sobre a norma-padrão se articulam aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa. Dessa forma, as abordagens linguística, metalinguística e reflexiva ocorrem sempre a favor da prática de linguagem que está em evidência nos eixos de leitura, escrita ou oralidade. (BNCC, 2014, p.137)

Na perspectiva acima, o estágio permite ao acadêmico e futuro educador a captação das atuações executadas pelo professor titular em sala de aula e no entorno, descrevendo a realidade dos diferentes níveis de aprendizagem de cada aluno e as técnicas empregadas para que abarque o ensino da literatura, língua, linguagem e seus códigos, conforme afirma Roland Barthes:

Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua. A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. (BARTHES, 1977, p.12)

Segundo Barthes, a língua é o modelo para toda outra forma de linguagem, como exemplo a pintura, a dança, o filme, o teatro, que são formas de linguagens. Portanto, o conteúdo pode ser qualquer um, o que difere é como lidar com o modo de ensinar. É por meio dessa diversidade de conceituar e apresentar as novas práticas de leitura e escrita que Barthes se refere às especificidades desse elemento que é a aquisição em níveis e técnicas que o educador concilia e adapta em sua aula.

Várias obras foram escritas com o objetivo do estudo da função da língua ou do pensamento, seja para analisar a estrutura

da expressão, das funções, das categorias, mas que está dentro da temática de Bally sobre o pensamento e a língua. Estas obras tangem sobre o vocabulário, porém, as estruturas morfológicas, os sons e as edificações sintáticas têm o mesmo papel de estabelecer meios de expressão. Um arcabouço de expressões dentro da linguagem é que pode transformar o homem em um ser constituinte, um sujeito, induzindo a uma reflexão sobre si. É neste cenário de reflexão que se trata a Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM):

Pode-se salientar que, desse ponto de vista, as atividades humanas são consideradas, sempre, como mediadas simbolicamente. Além disso, tem-se que, se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo. (OCEM, 2006, p.24)

É a partir da linguagem que o homem apresenta a habilidade humana de interagir e significar, dentro da demanda social e de novas demandas, oriundas da coletividade. Assim, as atuações do indivíduo são condicionadas por diferentes indivíduos, havendo nesse processo a socialização nas esferas: familiar, comunidade, igrejas, escolas e trabalhos.

A língua está em constante modificação e desenvolvimento, sendo assim um sistema flexível e aberto. O falante faz uso da língua conforme sua necessidade de comunicação, acostumando-se às circunstâncias e ao meio social. A sociedade brasileira é formada por vários grupos sociais, portanto, com diferentes hábitos de linguagem e de formação. A variação da língua é de característica temporal, espacial e social, principalmente no que tange ao regionalismo:

(...) é importante termos em mente que as línguas são heterogêneas, não são sistemas perfeitos, prontos, acabados. Pode haver nelas heterogeneidade de origem externa ou interna à língua, e a heterogeneidade de um tipo pode gerar também heterogeneidade do outro tipo. (FREIRE, 2007, p.150)

Quando se fala de socialização de indivíduos, a linguagem torna-se cultura de um determinado povo e, conseqüentemente migra-se para o conceito de literatura. No ensino fundamental, constatamos que se trabalha a literatura na disciplina de língua portuguesa sem qualquer restrição quanto às normas e ao conteúdo, pois é na leitura que a literatura se faz presente. Já no ensino médio a literatura é trabalhada de forma mais concisa, dependendo da tendência e da visão do professor em sala de aula. Para que a literatura tenha um papel de destaque nas aulas de língua portuguesa, o professor tem que estar aberto a novas possibilidades e à preferência dos alunos. É necessário inserir o conteúdo canônico e, em contra partida, o conteúdo midiático para que os alunos sintam-se importantes na execução da aula e assimilem de forma satisfatória a literatura canônica.

OBSERVAÇÃO DAS AULAS

As observações deram-se no ambiente escolar da Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade, onde analisamos sua estrutura física que se resume em construção de alvenaria, com salas de aula, área destinada à administração composta de: sala de professores, secretaria, sala da direção, biblioteca, sala de laboratório de informática, coordenação, banheiros para funcionários, cozinha, banheiros para alunos, quadra poliesportiva coberta com vestiário e arquibancada, área coberta e descoberta, depósito, rampa de acesso para deficiente físico, sala de recursos multimídia.

Foi percebida a insatisfação dos professores no processo de ministrar o conteúdo da disciplina de literatura dentro de um tempo reduzido, programado para o ano letivo, visto que, dentro da disciplina de língua portuguesa foi inserida a literatura, sem, no entanto, aumentar a carga horária, temendo que os alunos não assimilassem de forma produtiva o conteúdo. Com esta mesma preocupação e já

prevendo o destino da Literatura, Leyla Perrone-Moisés, em seu livro *Mutações da literatura no século XXI*, alerta sobre o declínio cultural e social que a literatura sofre ao longo dos tempos, principalmente aos olhos dos economistas:

Tendo sido identificadas, abusivamente, as “demandas sociais” com as “demandas de mercado”, a profissão de professor de literatura é, hoje, pouco atraente. Um especialista em literatura não pode receber a ambicionada qualificação de “profissional do futuro”; pelo contrário, ele corre o risco de ser o profissional sem futuro. (PERRONE, 2016, p.70)

Mediante este pressuposto, os educadores buscam recursos pedagógicos variados para agilizar o conteúdo da Língua Portuguesa e da Literatura neste tempo reduzido, utilizando cópias, data show, livro didático, quadro branco, laboratório de informática e celular. O período de observação é a ocasião na qual o estagiário mantém o primeiro contato com os alunos que irá trabalhar, possibilitando uma aproximação entre acadêmicos, alunos, professor regente e metodologias de ensino. A escola Dolor Ferreira de Andrade está situada na região periférica de

Campo Grande/MS, onde atende alunos oriundos de vários bairros do entorno, advindos de comunidades carentes, com alto índice de criminalidade e usuários de entorpecentes, de famílias estruturadas e desestruturadas. Além dos alunos com tendência ao suicídio e a depressão, mas, existem também alunos com bom desempenho escolar.

Ensino fundamental (língua portuguesa e literatura)

As observações se deram inicialmente analisando o espaço físico e a mobília: a sala de aula da turma observada é ampla, porém mal iluminada, janelas com pouca ventilação, quatro ventiladores, sendo dois de teto e dois de parede, ambos com ruídos que atrapalham

a explicação do professor, porta rabiscada, armário em aço, mesas e cadeiras para professores e alunos relativamente novas, mas rabiscadas, quadro branco sem molduras, quadro de força, a pintura no interior da sala é relativamente boa e o piso em bom estado de conservação.

Em relação às aulas propriamente ditas, foram observadas no período vespertino, na turma 8º “A” do ensino fundamental, iniciadas em 09 de maio de 2018, respectivamente, às quartas e quintas-feiras e finalizadas no dia 07 de junho de 2018. A professora regente relatou que a turma é composta por 28 alunos matriculados, 04 transferidos, 02 alunos especiais, sendo que um necessita de uma professora de educação especial que o acompanha individualmente.

Tais condições geram uma variedade de diferentes desafios aos sistemas escolares. No contexto desta Linha de Ação, o termo “necessidades educacionais especiais” refere-se a todas as crianças ou jovens cujas necessidades decorrem de sua capacidade ou dificuldades de aprendizagem. (ARANHA, 2003, p.20)

Em um primeiro momento, foram feitas as devidas apresentações entre os alunos e estagiários, havendo de imediato boa receptividade. Na sequência, a professora iniciou a aula passando o conteúdo na lousa, utilizando o livro didático, para a aula de gramática, a partir da seção “*A língua em foco*” – sujeito indeterminado – e explicando o conteúdo, tendo a lousa como suporte. Os alunos conversavam e se dispersavam, cabendo intervenção da professora regente para que retomassem o foco na aula.

A professora explicou aos acadêmicos sobre o início do 2º bimestre e peculiaridades sobre lançamento de notas. Durante a correção oral da atividade do livro didático, os alunos participaram ativamente. A professora principiou a distribuição das “cartinhas” oriundas de um projeto que se iniciou no 1º bimestre. Este projeto

contemplou toda a escola em todos os turnos, servindo de referência positiva de trabalho interativo a ser utilizado em sala de aula. Os alunos interagem primeiramente sem identificação no início (usando pseudônimos), somente após algumas trocas deste gênero textual os participantes se identificavam. Constatamos o profundo interesse dos alunos pela atividade de tal modo que ficavam ansiosos para receber alguma carta. Ao final das aulas eram recolhidos os livros didáticos, pois, a instituição não dispõe de exemplares suficientes para serem distribuídos aos alunos. Os assentos dos alunos são mapeados, mantendo assim, a ordenação. Após a explicação do conteúdo e execução das atividades propostas, os alunos se deslocavam voluntariamente à mesa da professora para correções e visto nos cadernos. Após a correção espontânea, a professora iniciava a convocação pela lista de chamada aos alunos que não foram à sua mesa para a correção..

No decorrer das aulas, no que se refere à literatura, constatamos que os alunos realizaram atividades relacionadas à leitura e interpretação textual do livro: “Mãos ao alto! Passa o boné!”, da escritora Ariadne Cantú (Ed. Alvorada - 1ª Ed. Campo Grande/MS, 2013). O comportamento dos meninos, de modo geral é tranquilo, com exceção de um episódio em que um aluno pediu para ir à coordenação sem relatar o problema à professora. Ao retornar houve uma conversa entre a professora, a coordenadora e o aluno. O problema tratava-se de conflito em sala: um dos alunos estava jogando lápis com corretivo no mesmo. A professora relatou à coordenação para que ligassem aos pais. O comportamento das meninas se resume em algumas aplicadas e comprometidas com a aula e por outro lado percebemos uma pequena minoria que causa transtornos chamando atenção pelo mau comportamento que afeta o andamento da aula. Os acadêmicos foram convidados a participar do Conselho de Classe vivenciando, na prática, o envolvimento do âmbito escolar com cada

aluno, sobre o problema social, o que pode ser resolvido pela escola e/ou encaminhado para áreas específicas afins. Discutiu-se o dia a dia em sala de aula, as especificidades de cada aluno, comportamento, produtividade e rendimento escolar. Evidenciaram os problemas causados pela desestrutura familiar, vícios, violências: doméstica, moral, física, sexual e psicológica. Em se tratando da turma a qual foi observada: é considerada ótima pela maioria dos professores, com exceção de uma aluna com problema de comportamento, dificuldades de aprendizado e que foi encaminhada para acompanhamento psicológico após tentativa de suicídio. Ato este que vem acontecendo com certa frequência entre alunos ou familiares próximos.

Ensino médio (língua portuguesa)

Quanto à observação no ensino médio, realizamos na mesma escola em que atuamos na observação do ensino fundamental.

Em relação às aulas propriamente ditas, foram observadas no período noturno, no qual acompanhamos as aulas dos terceiros anos e do EJA (Ensino de Jovens e Adultos). Como a quadra de esportes é próxima às salas, às vezes, o movimento externo atrapalhava o andamento da aula, pois, estava acontecendo um campeonato de queimada interclasses.

Conteúdo: texto dissertativo-argumentativo, a professora discorreu sobre o significado do texto dissertativo-argumentativo, sobre os aspectos favoráveis e contra, o tema, os argumentos e o posicionamento para sustentar tais argumentos.

A professora discorreu brevemente sobre as cinco competências da redação do ENEM e explicou a proposta de estrutura da redação. No entanto, percebemos a dificuldade dos alunos em entender a

diferença entre as diferentes produções textuais e a interpretação do tema proposto no texto dissertativo-argumentativo.

Ensino médio (literatura)

Nesta sala da EJA I/A, a turma é participativa, há momentos de descontração e interatividade entre professora e alunos. A professora explicou aos acadêmicos que o sistema da EJA não funciona mais por conteúdo e sim por “eixo temático”. Iniciou a aula com explicação sobre as características da narrativa e interpretação de texto sobre literatura realista (realismo). A professora utilizou o quadro para explicar a linearidade cronológica ou psicológica do tempo e espaço vivida pelo personagem. Após explicação, foi dado um momento para que fossem resolvidos os exercícios, neste ínterim, foi feita a chamada. O exercício era sobre identificar no texto a referência de espaço e lugar (onde), referência de tempo (quando), referência de personagem (quem), referência de personalidade (como).

A professora teve a preocupação de ir às carteiras, explicar e resolver com cada aluno. Foram trabalhados também dois contos: Machado de Assis “A carteira” e Luis Fernando Veríssimo “Conto de verão n2 Bandeira Branca”, os alunos tiveram muita dificuldade em interpretar um texto, grande parte por falta do hábito da leitura.

Na sala do terceiro 3º ano, turma “C” a leitura obrigatória foi: *A metamorfose*, de Kafka. Como trabalho foi proposto aos alunos que escrevessem sobre o livro. Constatamos bastante conversa paralela, mas sem interferir no bom andamento da aula. A professora atendeu também nas carteiras dos alunos, após correção. Ela pediu aos alunos que organizassem as carteiras em fileiras e distribuiu a avaliação, os alunos se concentraram e permaneceram em silêncio. A professora explicou sobre o ENEM e aplicou a prova de múltipla escolha aos

moldes do mesmo, a prova foi muito bem elaborada, com 10 questões. Em outra aula, iniciou com o conto “Pai

contra mãe”, de Machado de Assis, que foi lido em sala de aula resumidamente associando a referida obra literária ao tema da aula “Racismo velado”, com debate sobre o assunto proposto (respeito - empatia - amor). Dentro do discurso da educadora foi enfatizado em tópicos: sociologia quanto ao preconceito, imigração quanto ao preconceito, racismo, sistema de cotas, meritocracia, constituição (garantia de direitos fundamentais), diferença socioeconômica (desigualdade), estruturas sociais e religião de matrizes africanas.

A professora usou de dados nacionais e mundiais como referências para exemplificar sobre o preconceito racial e o peso que isso tem na sociedade, evidenciando as dificuldades de aprendizagem dos alunos vítimas de preconceitos e da consequente evasão escolar que estes atos abarcam. Em outra aula, iniciou-se com a primeira fase modernista (1922-1930), tida como a fase mais combativa do movimento modernista: *Manifesto Antropofágico* e *Manifesto Pau-Brasil*, quando a professora explanou sobre a valorização do cotidiano, do homem comum, da cultura popular e das raízes históricas do país, na tentativa de representar verdadeiramente a diversidade nacional, sobre a inovação na temática e na forma (versos livres, sem rimas, liberdade formal).

O período de observação é uma fase importante, em que se pode observar como as aulas acontecem e de que forma elas se desenvolvem em detalhes. Nesta fase, tivemos a oportunidade de compreender quais as estratégias metodológicas que melhor funcionam para um determinado grupo, com a diversificação e a participação dos alunos a fim de que o objetivo proposto pelo educador seja alcançado com êxito, motivando e trazendo o educando a interagir e assimilar o conteúdo da aula.

REGÊNCIA: UMA ETAPA IMPORTANTE

Esta é a fase 02 da etapa de conclusão do estágio supervisionado, momento em que se deposita em metodologia tudo o que se ressaltou no período em que se permaneceu na escola observando sua estrutura e seus moldes funcionais, servindo de alicerce para o entendimento e aplicabilidade dos conteúdos de forma linear e precisa.

É neste momento em que o acadêmico aproxima-se da analogia teoria- prática e domínio do conteúdo e o conhecimento da sala de aula adquirido na fase 01 (observação). A regência é o elo de transição do acadêmico em deixar de ser aluno e passar a ser professor.

A regência aconteceu na mesma instituição de ensino na qual foi vivenciada a observação, no mês de outubro de 2018, com imprevistos inerentes ao ambiente escolar e causas temporais. Contudo, transcorreu de maneira esperada, com conclusão na aplicabilidade dos temas propostos. No que concerne ao ensino fundamental anos finais, foi realizada com a mesma turma do 8º ano “A”, do período vespertino. No que se refere ao ensino médio, a regência foi efetivada nos 3º anos, turmas “A” e “B”, do período matutino. Em abrangência, pode-se dizer que a regência é a extensão de tudo aquilo observado e considerado na experiência da interação educador – educando. Partindo do pressuposto e do currículo de disciplinas teóricas abordadas durante o curso de Letras, usam-se as habilidades, as variações teóricas e o letramento, este último surge devido às mudanças históricas e a expansão latente da tecnologia:

O projeto de letramento pode coadunar-se com a proposta de inclusão digital e social e atender a um propósito educacional, pois possibilita o desenvolvimento do senso de cidadania.[...] No que concerne à leitura, contempla pedagogicamente suas várias modalidades: a visual (mídia, cinema), a informática (digital), a multicultural e a crítica (presente em todas as modalidades). (OCEM, 2006, p.98)

Portanto, o letramento vem nos dizer que não se resume em saberes da leitura e da escrita, e sim em precisar o uso correto dessa ferramenta social. Estudar a língua, a linguagem e a literatura dessa língua requer uma edificação intelectual do leitor para que se consiga contextualizar e interpretar, fundamentada no seu conhecimento de mundo.

Ensino fundamental (língua portuguesa e literatura)

O objetivo desse ensino (art. 32 da LDB) é a formação básica do cidadão, mediante: (...) o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo. (LDB, apud, LIBÂNEO, 2010, p.254)

Conforme a extensão do conteúdo aplicado pela professora regente, seguindo os referenciais, em conformidade com os Parâmetros Curriculares

Nacionais e a Base Nacional Comum Curricular e com a aprovação do professor orientador do estágio supervisionado, foi elaborado um plano de aula. Tal plano deu sequência ao conteúdo do planejamento programático da professora do 8º ano “A”, ensino fundamental anos finais, no período vespertino, contemplando a gramática (uso dos porquês e uso da vírgula), a literatura (gênero textual crônica) e leitura, interpretação, compreensão e posterior produção textual. Os conteúdos planejados foram trabalhados com eficácia dentro do tempo estipulado na maioria das vezes. Foram empregadas estratégias a partir de recursos como: data show, cópias, placas, lousa, pincel, caixa de som e internet.

Após exposição do gênero textual crônica, por meio de leitura, projeção e material impresso, distribuimos material de atividade avaliativa impressa, contemplando dois fragmentos de crônicas, para que os alunos lessem e escolhessem um para dar continuidade ao texto

de forma que desenvolvessem sua criatividade e percepção ao tema proposto levando em conta o conteúdo ministrado anteriormente. Em outro momento, aplicamos o conteúdo gramatical com atividades variadas. O primeiro foi o “Uso dos porquês”, com referencial de conteúdo e exercícios de fixação. Aplicamos dinâmica “Gincana do uso dos porquês”, para a qual elaboramos placas com as várias formas da escrita e dividimos a turma entre meninos e meninas. A interação foi unânime e constatamos o quanto assimilaram as regras e as formações de enunciados de forma correta. O segundo foi o “Uso da vírgula”, com atividades impressas e de interatividade na lousa. Utilizamos o poema “Pontuação” para que os alunos pontuassem com vírgula de forma correta o texto, a partir de uma leitura expressiva, nos valem do gênero textual tirinhas e frases com dupla interpretação quanto ao uso da vírgula, que assimilaram muito bem. As formas avaliativas foram as descritas no plano de aula: interesse, participação, produção, interação e realização de atividades. Isso demonstrou resultados satisfatórios, pois, neste momento, verificou-se a eficácia dos métodos em transmitir conhecimento e saber em situações de recursos pedagógicos limitados.

Ensino médio (língua portuguesa)

O nível médio de ensino comporta diferentes concepções: em uma compreensão propedêutica, destina-se a preparar os alunos para o prosseguimento dos estudos no curso superior; para a concepção técnica, no entanto, esse nível de ensino prepara a mão-se-obra para o mercado de trabalho; na compreensão humanística e cidadã, o

ensino médio é entendido no sentido mais amplo, que não se esgota nem na dimensão da universidade (como o propedêutico) nem na do trabalho (como no técnico), mas compreende as duas – que se constroem e reconstroem pela ação humana, pela produção cultural do homem cidadão-, de forma integrada e dinâmica. (LIBÂNEO, 2010, p.257)

Conforme a extensão do conteúdo aplicado pela professora regente, seguindo os referenciais e em conformidade com a OCEM (Orientações Curriculares para o Ensino Médio) e aprovação do professor orientador do estágio supervisionado, foi elaborado um plano de aula, dando sequência ao conteúdo do planejamento programático da professora dos terceiros anos do ensino médio, turmas “A” e “B”, do período matutino. Seguindo este roteiro de preparo do aluno para a vertente em que ele virá tornar em sua vida pós-ensino médio, apresentamos conteúdo direcionado para a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O estudo abrangeu a importância das cinco competências da redação do ENEM e as exigências das normas gramaticais que tais competências demandam para o desenvolvimento de um texto dissertativo-argumentativo. Desta forma, foi relevante para o desenvolvimento de conhecimento dos alunos a importância das competências e quais caminhos trilhar para uma construção textual linear. Explicamos sobre as estratégias argumentativas na construção e desenvolvimento do texto, tendo como foco: a coerência, a coesão e seus elementos conectivos. Explicamos sobre análise de proposta dos temas de redação, pois a indiscutível maioria tem dificuldade em entender o que o tema está propondo e executamos análises práticas de redações anteriores.

No início da regência, tivemos alguns contratempos com equipamentos fornecidos pela escola, os quais usaríamos como recurso pedagógico para agilizar a aplicação do conteúdo. Tais equipamentos apresentavam defeitos, causando constrangimento, em seguida conseguimos a troca do aparelho e, finalmente, conseguimos dar sequência à aula, servindo tal experiência de exemplo, pois o educador não deve ficar a mercê de um único recurso pedagógico, uma vez que imprevistos acontecem. Além do datashow, usamos fotocópias, pendrive, quadro branco e pincel. A avaliação foi contínua,

observando o interesse, participação, criatividade, produção textual e reescrita da produção textual.

É notório que muitos alunos tiveram problemas para desenvolver sua redação, tendo sempre a dificuldade em interpretar qual a proposta que o tema

pedia. Desta forma, auxiliamos os alunos durante a produção textual, tanto no individual, em suas carteiras, quanto no coletivo, frente às necessidades. Na aula seguinte, fizemos breves ponderações sobre o tangenciamento, conectivos de forma incoerente, repetição de palavras, fuga parcial do tema, cópia do texto motivador, citações, coloquialismo, coesão na construção do texto e a falta de proposta de intervenção. Após tais ponderações, propomos a reescrita das produções textuais. Notadamente, houve uma evolução expressiva em relação à apropriação adequada do conteúdo proposto para a regência.

Ensino médio (literatura)

Em se tratando de duas vertentes, língua portuguesa e suas literaturas inseridas em uma única disciplina, ambas de suma importância na construção de um texto, trabalhamos com o gênero literário poesia. Evidenciamos aos alunos a importância da literatura na construção do conhecimento de mundo que cabe a cada um desenvolver ao longo da vida. A leitura literária é a fonte mais segura e ampla para construção do referido conhecimento, pois, por meio dela, conquista-se saberes:

Se, por não sei que excesso do socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devesse ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1977, p.17)

Utilizando como referência textual um poema, pudemos analisar sua estrutura gramatical a partir de enunciados que se conectam até a construção de um texto final compreensível. Tal obra trata-se do poema “O açúcar” de Ferreira Gullar, pelo qual destacamos a importância da literatura no contexto sociocultural do aluno, pois, a demanda de fonte segura de conhecimento de mundo ainda é a literatura, que permeia por vários campos. Então, o que se produz a partir da língua? Por que estudamos literatura? Qual a função da literatura? Leyla Perrone-Moisés responde:

A literatura serve para rir, para chorar, para viajar, para assombrar, para pensar, para compreender e, sobretudo, para nos encantar com o fato de que a linguagem verbal seja capaz de tudo isso e mais um pouco. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.82)

Incitamos os alunos a abarcar conhecimentos de variadas formas, desde uma conversa informal, mídias de fontes confiáveis, leitura e principalmente leitura literária. Em destaque ao contexto sociocultural onde há todo um arcabouço de citações, ricas em conteúdos teóricos, embasados na pesquisa de campo, com argumentos concretos, sugerimos que revessem em outro momento, os conteúdos estudados durante o seu período escolar para serem capazes de citar e assegurar suas teses na construção do texto dissertativo-argumentativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o caráter educacional e a sua finalidade é um baldrame eficaz na diferença da concepção e habilidade do docente. Por este prisma, o estágio aprovisiona essa captação para o método expressivo e dinâmico no ensino- aprendizagem, pois é onde o futuro educador vivencia a realidade e os obstáculos de uma sala de aula. A partir dessa vivência pode desenvolver um senso de criticidade e reflexão. Vale ressaltar que, por meio do período do estágio, tivemos a oportunidade de conhecer uma instituição que contempla um

excelente corpo docente, por meio do qual presenciamos experiências que foram capazes de contribuir significativamente pela busca do ensino e aprendizagem. Certamente, tal prévia da profissão almejada é o retrato fiel daquilo que compõe a verdadeira essência da prática educacional, bem como as metodologias utilizadas pelos nossos professores supervisores, servindo-nos mais do que como bons exemplos, sobretudo, como verdadeiras referências para nossa construção pessoal, sempre em busca da eficiência.

Não devemos, portanto, negligenciar a figura tão estimada e valorosa dos profissionais que nos receberam na instituição de ensino, professores, coordenadores, zeladores, servidores administrativos e diretor. De igual maneira, valorizamos os alunos, sem os quais não teríamos a oportunidade de vivenciar nossas tão diversificadas experiências. Esperamos, portanto, que os esforços dispensados para a realização do estágio na instituição não tenham sido em vão, que cada aluno possa ter somado aos seus conhecimentos os conteúdos por nós apresentados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Salete (Org.). *Declaração de Salamanca*. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2003.

BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cutrix, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio* Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Educação Básica. Brasília: 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2010.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras.

PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS: A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE PRÓSPERA

A educação desempenha um papel fundamental no desenvolvimento individual e na construção de uma sociedade próspera. Ela engloba o processo de adquirir conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que capacitam os indivíduos a compreender o mundo, se relacionar com os outros e enfrentar os desafios da vida. Através da educação, as pessoas são capacitadas a alcançar seu potencial máximo e contribuir de forma significativa para o progresso social, econômico e cultural.

Autores

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
WhatsApp: 91 98885-7730
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

